



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**HIPÁCIA ROCHA LIMA**

**A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA CRISE DO CAPITAL: UMA ANÁLISE A  
PARTIR DA IDEIA DE DISCURSO EM JACQUES LACAN**

**FORTALEZA**

**2022**

HIPÁCIA ROCHA LIMA

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA CRISE DO CAPITAL: UMA ANÁLISE A PARTIR  
DA IDEIA DE DISCURSO EM JACQUES LACAN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha Filosofia e Sociologia da Educação do eixo Marxismo, Teoria Crítica e Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Hildemar Rech

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L698e Lima, Hipácia Rocha.  
A educação no contexto da crise do capital : uma análise a partir da ideia de discurso em Jacques Lacan / Hipácia Rocha Lima. – 2022.  
124 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. Hildemar Rech.
1. educação. 2. discurso. 3. psicanálise. 4. capitalismo. I. Título.

CDD 370

---

HIPÁCIA ROCHA LIMA

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA CRISE DO CAPITAL: UMA ANÁLISE A PARTIR  
DA IDEIA DE DISCURSO EM JACQUES LACAN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha Filosofia e Sociologia da Educação do eixo Marxismo, Teoria Crítica e Filosofia da Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 28/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Hildemar Rech (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Antônio Marcondes dos Santo Pereira  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

## **AGRADECIMENTOS**

Apesar das adversidades sentidas, em comum aos estudantes de pós-graduação no Brasil, ampliadas nos tempos de pandemia da COVID-19 pelo negacionismo e obscurantismo político, além da luta para o ingresso no mestrado, contudo, ainda sim, é preciso agradecer àqueles que acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos, pois sem eles não estaria aqui: aos meus pais, Fabius Bonnet e Expedita Rocha; ao meu companheiro, Emerson Praciano; a minha irmã Eutália Lima; ao meu sobrinho Bruce André, e especialmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Hildemar Rech. Gratidão!

“Não fica louco quem quer.”  
(LACAN, Jacques, 1956, p.177).

## RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo estudar os aspectos da noção de discurso capitalista, segundo Jacques Lacan, de modo a identificar como tal discurso vem a influenciar na práxis pedagógica e na educação atual. Nosso intento, dessa maneira, passa por uma investigação que busca saber como a ideologia capitalista se constituiu em discurso dominante, ao tecer condutas sociais e por meio dos processos educativos nos moldes das organizações políticas e econômicas do neoliberalismo. Nesse ponto, a problemática também toca um ângulo que afeta o sujeito, sob um tipo de sofrimento na ordem de um sintoma social ou psíquico, enquanto determinadas estruturas exercem domínio sobre ideologias ou práticas através dos laços sociais nos discursos. O estudo justifica-se dada a necessidade de pesquisar as consequências da política neoliberal na educação, de pensar acerca da estrutura alienante instaurada pelo capital, da perda das atividades emancipatórias na educação e do recuo às práticas reflexivas do ato de educar. Considera-se, assim, que os efeitos das exigências mercadológicas já estão atuando nos valores dos projetos formativos da escola, quando o interesse na produção de capital humano induz um quadro de pressão pelo sucesso escolar, de sofrimento e adoecimento psíquico dos jovens e da objetificação das crianças em dados quantitativos. Tal perspectiva será trabalhada por meio da leitura da obra de Lacan *O avesso da psicanálise* (1969-1970), de maneira a destacar o discurso capitalista na mediação social da linguagem através de agendamentos do sujeito e na incorporação das relações institucionais de ensino atual.

**Palavras-chave:** educação; discurso; psicanálise; capitalismo.

## **ABSTRACT**

This research aims to study aspects of the notion of capitalist discourse, according to Jacques Lacan, in order to identify how such discourse comes to influence pedagogical praxis and current education. Our intention, in this way, goes through an investigation that seeks to know how the capitalist ideology was constituted in the dominant discourse, by weaving social behaviors and educational processes in the molds of the political and economic organizations of neoliberalism. At this point, the problem also touches on an angle that affects the subject, under a type of suffering in the order of a social or psychic symptom, while certain structures dominate the subject's practices through social ties in the discourses. The study is justified given the need to research the consequences of neoliberal policy in education, to think about the alienating structure established by capital, the loss of emancipatory activities in education and the retreat to reflective practices of the act of educating. It is thus considered that the effects of market demands are already acting on the values of the school's training projects, when the interest in the production of human capital induces a framework of pressure for school success, in the suffering and psychological illness of young people and in the objectification of children in quantitative data. This perspective will be worked through the reading of Lacan's work *The reverse of psychoanalysis* (1969-1970), in order to highlight the capitalist discourse in the social mediation of language through the subject's schedules and in the incorporation of institutional relations of current education.

**Keywords:** education; speech; psychoanalysis; capitalism.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE LACAN O NASCIMENTO DA QUESTÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>O campo lacaniano através do retorno a Freud.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>A entrada da linguagem na psicanálise.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3</b>	<b>A noção de sujeito na psicanálise.....</b>	<b>28</b>
<b>2.4</b>	<b>A teoria do discurso: o laço social.....</b>	<b>33</b>
<b>2.4.1</b>	<b>As formas de discurso.....</b>	<b>37</b>
<b>2.4.2</b>	<b>Discurso capitalista.....</b>	<b>41</b>
<b>3</b>	<b>DO DISCURSO PARA A ESTRUTURA: A DISTÂNCIA APARENTE ENTRE PSICANÁLISE E MARXISMO.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1</b>	<b>Considerações acerca da relação entre psicanálise e marxismo.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2</b>	<b>Ideologia e ciência: a reprodução dos meios de produção.....</b>	<b>61</b>
<b>3.3</b>	<b>Aparelhos ideológicos de Estado: a escola.....</b>	<b>66</b>
<b>3.4</b>	<b>Os dilemas do sujeito atual: um sintoma social.....</b>	<b>69</b>
<b>4</b>	<b>POLÍTICA EDUCACIONAL E NEOLIBERALISMO.....</b>	<b>74</b>
<b>4.1</b>	<b>A escola a serviço do mundo econômico.....</b>	<b>76</b>
<b>4.2</b>	<b>A realidade educacional brasileira pensada pelo discurso capitalista lacaniano.....</b>	<b>81</b>
<b>4.3</b>	<b>A nova ordem escolar refletida na vulnerabilidade do sujeito.....</b>	<b>86</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
	<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....</b>	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>107</b>
	<b>ANEXO A – A PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>108</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensejo de tratar sobre a educação no contexto da crise do capital veio da inquietação sobre a perda de práticas reflexivas dentro da escola e do sofrimento psíquico vivenciado por jovens no espaço escolar, questão que suscitou leituras sobre os discursos acerca das políticas educacionais nos Estados e do processo de globalização contemporânea do capitalismo. Esses fatos levam a recobrar as investigações do psicanalista Jacques Lacan no final dos anos 60 sobre o discurso capitalista, apontado aqui como uma alternativa interessante de resposta para as políticas neoliberais no campo educacional e para a cooperação oportuna da ciência dominante nos elos ideológicos, ao passo que isso também se esbarra nas fronteiras do sofrimento psíquico do sujeito dentro dessa dinâmica global. Partindo então de uma visão interdisciplinar do campo educacional, utilizaremos como base de investigação a Teoria dos Discursos de Lacan para elaborar o presente estudo, assim como faremos a exposição de alguns apontamentos de Louis Althusser sobre a relação da psicanálise com o marxismo, no objetivo, também, de refletir sobre os rumos tomados pela educação diante dos Aparelhos Ideológicos de Estado.

Do encontro interdisciplinar exigido à questão, colocamos aqui elementos introdutórios sobre a presença do neoliberalismo na educação brasileira, na tentativa de justificar a pesquisa. Como afirma o autor Daniel Cara (2019), no momento em que o Estado é abalado em sua soberania política, são estremecidas também as garantias de seguridades sociais e as liberdades fundamentais, ao ponto de ressignificar seu papel, passando de provedor do direito à educação para um parceiro do setor dos empreendedores da nova educação. Por isso, observar as reais intenções das políticas neoliberais em programas formativos e no campo da legalidade torna-se importante para notar o que reverbera na coexistência da educação com a democracia. Então, para compreendermos o processo, precisamos lembrar-nos da educação como um direito social fundamental, intrínseco à dignidade humana, que envolve a função inovadora da escola, na capacidade de ser e atuar na proteção de crianças e adolescentes (SAVIANI, 2009). Em poucas palavras, sob a égide da não intervenção do Estado na economia, o neoliberalismo mobilizou uma lógica a partir dos livre-mercados com táticas de coerção vitais para seu sistema de autorregulação e excelentes para legislar fora da economia. Por sua vez, carregou em seu bojo metas relacionada à educação e ao ensino, apelando

para adaptá-lo ao mundo competitivo, fazendo do trabalho algo atrelado à tarefa da educação. A nível de Brasil, as plataformas de políticas públicas educacionais têm sido encaradas como um objeto de subordinação às orientações do capitalismo global, pela clara diferença nas estruturas de ensino voltadas para a educação da classe dominante em comparação com as das camadas populares, em que, infelizmente, o ensino completo e integral é ainda um privilégio no país (SAVIANI, 2009). Assim, lembramo-nos de Marx, quando trata da sociedade elencada na propriedade privada dos meios de produção, em que, por consequência, até o processo educativo fica vinculado ao contexto de produção e alienação, que limita e impede a plena formação do sujeito. Os conservadores, por temor, rebaixam a qualidade do ensino ao nível mais básico para os filhos dos trabalhadores. Será então que os problemas na aprendizagem ou no desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes perpassam somente o discurso científico da disfunção intelectual ou *déficit* de aprendizagem? Nesse âmbito, existe uma conexão com a psicanálise, refutando essa visão unilateral das heranças genéticas, quando o sujeito também faz sintoma a partir da relação com o outro, por inibição ou por um sentimento de angústia, fazendo nascer através de um choque entre a realidade factual (*wirklikeit*) e a realidade psíquica (*realität*) o sintoma, em que talvez o fracasso estudantil na escola seja uma resposta desse conflito diluído em muitas necessidades recalçadas (LACAN, 1955/1995).

Embora não evidente, o empreendimento da psicanálise na cena pública vem a partir de uma clínica inserida na crítica social, principalmente em vista dos novos desdobramentos dos sofrimentos contemporâneos, então, incluir na escuta uma noção ampla do papel da política na sociedade faz parte de uma boa clínica (SAFATLE, 2021). Lacan, inclusive, fazia referência ao estilo de vida americano que consolidava o adoecimento mental ao andar de mãos dadas com a normatização psiquiátrica dada a orientação moral de resignar-se à “selva de pedra” como pedágio para o sucesso e a felicidade (LACAN, 1957/2006). Nessa medida, toda psicologia também é um pouco social, do mesmo modo a psicanálise, que com sua lente diferenciada consegue fazer intervenções diretas e indiretas. Como afirma o psicanalista Christian Dunker (2014), a psicanálise faz uma crítica social por outros meios.

Para aqueles que tomam de surpresa o encontro da psicanálise com os estudos políticos e econômicos, o médico e psicanalista brasileiro Antonio Quinet (2006) escreve na obra *As quatro mais uma condições da análise* sobre a relação notável entre o capital e a libido. Partindo de uma figura emblemática da cultura

hollywoodiana, da era de ouro do cinema, a atriz Marilyn Monroe retrata bem a tese do enlace entre a energia do desejo com o “frenesi” insano dos mercados econômicos, próprio da sustentação ideológica capitalista, que é representada nos seus personagens cômicos, inocentes e sensuais, interpretados por ela no pós-guerra. Estrelando os filmes *Os homens preferem as loiras* (1953), *Quanto mais quente melhor* (1959), *Como agarrar um milionário* (1953), *Nunca fui santa* (1956), dentre outros, mostrando como o libido pode ser comerciável e obstinado ao ritmo do *time is money* americano. Segundo Quinet, Marilyn Monroe foi um produto simbólico fabricado pela indústria cultural de Hollywood, que teve um destino trágico justamente pela exploração estética do seu corpo feminino. Não à toa, Hollywood é a capital da fantasia e do desejo, onde se adotam inúmeros objetos para desaguar o libido. Nesse ínterim, o capital torna-se libidinal quando entra no plano do negociável, nas aplicações, no investimento, na busca pelo lucro ou pela necessidade de satisfação dos desejos, desvelando a mola propulsora da necessidade do mais-gozar (QUINET, 2006).

A Teoria dos Discursos de Lacan abre caminho para reavaliar as relações de domínio, as lutas de classes e a subjugação que tanto marcaram a história do passado e do presente. Ele busca ponderar, igual um historiador, os vestígios deixados nos documentos do passado para, com o método analítico, tirar o véu do encoberto e indicar a parte que implica o fenômeno inconsciente transfigurado na ação do poder, no ímpeto e na tempestade de governar, por isso ele fala no discurso capitalista como rota alternativa, em que governar é um dos ofícios ou profissões impossíveis, ao lado de educar e psicanalisar (LACAN 1969/70). Aquilo que recebemos de herança da sociedade e nos faz “sentir unidos” de alguma forma, para Lacan representa os discursos, o espaço em comum dos laços sociais. Assim, o modo como nos relacionamos, o mundo folclórico da infância e o trabalho que nos modela fazem parte do universo dos discursos, todavia eles não precisam ser representados oralmente ou escritos, mas em gestos, ambientes, ideologias, estruturas, dentre outras formas. Porém, quando os discursos entram nos jogos que regulam e ordenam os laços sociais na atualidade, nesse caso, estamos no terreno do discurso capitalista, aquele horizonte sutil, quase invisível, da socialização dos discursos que têm o poder de alienar o sujeito, criar condições para tirar nosso “lugar de fala<sup>1</sup>”, imprimindo agendamentos, até fazendo um sujeito ficcional, indo no radical do termo, vampirizando a “energia” das nossas pulsões

---

<sup>1</sup> Fazendo alusão à conquista social do movimento negro e de combate ao racismo, por onde o discurso capitalista tenta se apropriar e adulterar.

essenciais. Quer dizer, ressaltando aqui exatamente o papel estrutural da linguagem que tem por corolário a formação do sujeito. Contudo, no momento em que tal formação, através do discurso, priva a liberdade de pensar para manter uma escravidão mental, uma consciência anã ou falsa subjetividade, estamos a falar dos efeitos do discurso capitalista, uma vez já chamado por Lacan de discurso do mestre (LACAN, 1969/2016).

Observamos, assim, o modo peculiar de segurança econômica que vai trazendo o sujeito para o caos do capitalismo moderno, na socialização de determinados discursos de coerção que sinaliza a naturalização e banalização da violência. Da perspectiva dos discursos como laços sociais, gravita uma aproximação da abordagem do psiquismo pelo viés materialista, ou seja, de mostrar o sintoma como consequência real do sofrimento das doses maciças do neoliberalismo em muitas áreas da vida.

Assim, esse prisma de estudo recai sob o ângulo educacional devido à presença do neoliberalismo na escola, como modelo socioeconômico de gestão e de ensino predominante na rede privada e no segmento das escolas públicas profissionalizantes do Estado do Ceará. Através da noção de discurso capitalista em Lacan, notamos pressupostos morais e psicológicos utilizados silenciosamente em algumas práticas, a exemplo o sistema de *reforço positivo* e de recompensa, a estratégia de estimular o trabalho condicionado a resultados, muito utilizada em negócios e em escolas, ou ainda aquela velha psicologia reversa, de jogar desafiando o ego para obter o comportamento desejado, até mesmo por meio do uso saturado da PNL<sup>2</sup> em pré-universitários através de afirmativas de slogan “eu posso, eu passo!”. Além de não combater a cultura da manipulação das mentes, muito em alta com o neuromarketing e com a *big data*, outras atitudes cínicas e egocêntricas continuam circulando – “que vença o melhor” ou “o mundo é dos espertos” – na tentativa de levar vantagem pela ideologia da “lei” do menor esforço. Assim, nasce uma pedagogia inversa e liberal, sem proposta humana, articulada no seio do mundo econômico e que vai engolindo a instituição escolar. Muitas vezes o corpo docente e as coordenações denunciam essas práticas, mas acabam desmotivados por ausência de mudanças. Como Louis Althusser vai explicar nos aparelhos ideológicos de Estado, com o perpétuo processo de reprodução da dominação a escola torna-se mais um aparelho da sociedade capitalista com a reprodução dos saberes necessários ao bom funcionamento da ideologia (ALTHUSSER, 2000).

---

<sup>2</sup> A terapêutica da Programação Neurolinguística.

Seguindo o pensamento, se recordarmos um pouco a herança dos valores simbólicos e morais do Brasil, eles direcionaram a chave de mudança para a opção definitiva pelo capitalismo como motor do novo progresso e desenvolvimento do país. Segundo Christian Dunker (2019), tal inclinação veio da tradição conservadora envolvida com alianças militares para uma reforma “civilizacional” e repressora no país, interessada na abertura da economia ao mercado internacional. Gradualmente, o neoliberalismo no Brasil conseguiu alargar seu poder com a sequência presidencial de José Sarney (1985-1990), Fernando Collor de Melo (1990-1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), em que o marco dessa política caminhou junto da Constituição Federal promulgada em 1988, sem de fato se comprometer em diminuir a concentração de renda no topo da pirâmide social. Além do mais, existia uma pressão pela privatização da educação por parte da elite, em uma época em que os atrasos na sistematização do ensino do Brasil já provocavam entraves internacionais. Entre ranços e avanços, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96 foi aprovada, mas a educação continuou cercada de incertezas e desafios. A justificativa de modernização das escolas supervalorizou o projeto neoliberal de tê-la como recurso que se dispõe para o setor privado, e mesmo com a proposta de universalização do acesso, as garantias de educação pública, gratuita, laica e de qualidade pareciam irreais (SAFATLE, 2021).

Em suma, podemos perceber que o passado político e repressor do Brasil flertou e abusou da educação, tendo como parceiro o setor capitalista. Além disso, a busca por convênios com os norte-americanos para reformas educacionais no Brasil datam do período da Ditadura Militar, com o programa *MEC-Usaid* (1965), que pretendia fazer uma reforma universitária ampla e privatizar o ensino público nos padrões impostos pelos Estados Unidos. Dadas as resistências, anos depois, o que sobrou para os neoliberais foi criticar a predominância dos estudos marxistas nas universidades brasileiras (SAFATLE, 2021). Todavia, mais uma vez se volta para a educação o poder de transformar o sujeito, e ao sujeito de transformar o seu meio. Não obstante, como não observar um conjunto de movimentos e articulações nos bastidores da política econômica nesse pleito? A própria história traz à tona fatos, acontecimentos e documentos que reconstróem uma trama calculada com fins específicos. A pergunta inquietante é sobre quais os fins que tecem essa trama? É exatamente a respeito dos fins e dessa trama que reunimos o encontro da psicanálise com o marxismo, por onde Lacan vai abrir caminho para o discurso capitalista no “sequestro” do sujeito na malha social dos laços, através de discursos opressivos, individualistas, de competição ou de prazer.

E, por outro lado, fazendo uma ponte com a leitura de Althusser sobre o marxismo e a psicanálise, através do retorno dado por ele à tradição marxista, falando da importância dos aparelhos ideológicos de Estado para operacionalizar as ideologias e, assim, movimentar os interesses capitalistas, em que a instituição escolar capitalista ganha destaque pela estrutura de fazer reproduzir o que se produz, e vice-versa, quando as variações dos mercados necessitam do aporte da escola para manter a própria circulação inconstante do capital.

Nos termos da organização da pesquisa, busca-se explicar a hipótese do projeto, centrada na investigação da relação do discurso capitalista com a educação atual, na intenção de indicar os efeitos do imperativo do mercado no ato educativo. Ao delinear tal problema, visamos estabelecer um processo de compreensão dialógico nas obras escolhidas, partindo da utilização do método hermenêutico e bibliográfico de análise. Nessa linha, a investigação inicia-se com o estudo da obra *O avesso da psicanálise* (1969/70) de Lacan, em razão do ineditismo da obra e por ela tratar do nosso objeto de estudo, explicitado aqui no conceito de discurso. Todavia, para complementar a fundamentação teórico-metodológica desse estudo, será necessária a leitura da obra chamada *Freud e Lacan, Marx e Freud* (1976) de Louis Althusser, para apresentar alguns pontos de relação entre psicanálise e marxismo, essenciais no destaque do aspecto histórico e social admitido pela psicanálise aos fenômenos humanos e psíquicos que vem a flertar com o Materialismo Histórico Dialético de Marx, assim como compreender a engenharia social e política do neoliberalismo, como uma nova forma de vida nos espaços do trabalho, da escola, do discurso e do desejo.

Sabendo que a questão demanda uma investigação de seus pressupostos, a introdução teórica do problema tem como antecedentes as obras freudianas: *Psicologia das massas e análise do eu* (1923) e *O mal-estar na civilização* (1930). Também é parte essencial do estudo subsequente a leitura do livro *O Capital* (1867) de Karl Marx, destacando os capítulos *A transformação do capital em dinheiro* e *A taxa do mais-valor*. Para responder melhor à expansão do capital nessa fase dominado pelo mercado financeiro, vamos utilizar como referência a obra de István Mészáros *Marx: a teoria da alienação* (1981), em especial o último capítulo *A Alienação e a Crise da Educação*.

Em relação à aplicabilidade e aos resultados da pesquisa, quando se refere ao método psicanalítico na pesquisa acadêmica, devemos enfatizar que a pesquisa em Psicanálise não se constitui unicamente de base empírica, mas teórica. Sua investigação está ao nível das estruturas da linguagem, dos significados e significantes, podendo ser

utilizada para interpretar uma realidade particular, ou seja, uma pesquisa qualitativa que trabalha em uma dimensão mais profunda. Todavia, a intervenção terapêutica evidencia o método empírico da clínica que repercute no individual e reflete no coletivo, porém, por trabalhar com o universo dos significados, alguns dados são difíceis de quantificar.

Após o estudo teórico-bibliográfico, a metodologia da pesquisa dividiu-se em três eixos de articulação para o desenvolvimento dos capítulos, os quais destacamos:

No primeiro capítulo, buscamos mostrar os pressupostos da teoria dos discursos, com a entrada da linguagem no campo de observação analítico e a nova interpretação de Lacan sobre o inconsciente freudiano. Também destacamos nesse capítulo a noção de sujeito psicanalítico, que conserva a influência da tradição filosófica moderna, da linguística e do estruturalismo na construção desse objeto basilar. Lembramos que essa definição torna-se peça fundante para o diagnóstico do sofrimento psíquico do sujeito atual e por onde recai o discurso dominante com sua influência abusiva. Nessa marcha, apresentamos os tipos de discursos, dando destaque ao discurso capitalista que envolve suas formas de reproduções no *status quo* e a manutenção da ideologia. Mostramos que a psicanálise lacaniana tem o objetivo de fazer interlocuções com o espaço social para indicar a possibilidade de descrever uma realidade massificada, quando fica assentada na noção irrestrita da cultura neoliberal.

No segundo capítulo, vamos apresentar as contribuições do pensamento de Louis Althusser sobre a aproximação da ciência psicanalítica com a teoria marxista, em que o autor sinalizou alguns pontos de interseção entre ambas que justificam a possibilidade de algumas semelhanças, como a crítica ao modelo civilizador da burguesia. Dadas as condições de convergência, indicamos que repousa uma percepção sobre o enlace da realidade objetiva com o mundo subjetivo, no sentido de determinados dispositivos da estrutura social de produção e reprodução exercerem influência repressiva sob o imaginário coletivo e individual, ou mesmo no campo do simbólico. Dessa forma, prosseguimos mostrando como os aparelhos ideológicos de Estado, em especial a escola, são responsáveis pela manutenção das condições dos aparatos ideológicos de expansão do capitalismo, em que discurso e estrutura podem explicar a posição hegemônica da mundialização do neoliberalismo. Por isso, explicar práticas articuladas em laços sociais e nos aparatos ideológicos, dentro da instituição escolar, pode indicar a qual senhor o sistema de ensino serve, onde da passagem ao ato, prevalecem com força às relações mercantis na instituição escolar.



No terceiro capítulo, temos o objetivo de reunir aspectos já apresentados nas seções anteriores para evidenciar como a educação está exposta ao discurso capitalista, a qual vem se tornando um investimento econômico produtivo e estratégico para a elite, porém aflitivo e angustiante para o sujeito. Ao lado da construção dessa hipótese, traçamos um exame da realidade educacional brasileira, para compreendê-la no quadro das mudanças econômicas das últimas décadas e da interferência das agendas internacionais, e assim notamos que o Brasil cedeu espaço ao novo modelo, reverberando uma escola a serviço da economia, através de reformas liberais que representam as transformações impostas, como exemplo, a profissionalização na matriz curricular do ensino médio, um reflexo das ideias pragmáticas que se sustentam no mercado financeiro. Nesse mote, citamos a implantação das escolas profissionalizantes no Estado do Ceará como tradução da vertente neoliberal pela ênfase da formação de mão-de-obra, de maneira a indicar, como conclusão desse estudo, que tal perfil de ensino leva o sujeito, na figura do jovem do ensino médio, ao sofrimento psíquico intenso e precoce pela exposição castradora e violenta que o discurso capitalista propicia na subjetividade, e, infelizmente, na instituição escolar. Sobre os resultados dessa conclusão, deixamos nos anexos uma cópia da pesquisa de entrevista semiestruturada, na modalidade quantitativa e qualitativa, que foi realizada com jovens do ensino médio da rede pública.

Assim sendo, ao nos debruçarmos sobre a investigação da educação brasileira no contexto da crise do capital, indicamos alguns agravos na própria educação que vão desde a composição curricular até o corpo docente e discente, muito em face aos aspectos da dinâmica política e econômica da globalização reproduzida pelos discursos atuais e que fragilizam o sujeito contemporâneo.

## 2 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE LACAN: O NASCIMENTO DA QUESTÃO

“Você pode saber o que disse, mas nunca o que outro escutou”.

Jacques Lacan

Ao abordar a questão do discurso no campo entre a política e a psicanálise, percebe-se, à primeira vista, que poderíamos apenas tratá-lo pela relação entre o modo de produção capitalista e o mal-estar na sociedade. Nesse caso, o enfoque da questão estaria unicamente inclinado para a discussão dos sintomas sociais contemporâneos, em uma espécie de ‘psicopatologia da vida cotidiana’, do que à importância sobre a constituição dos discursos na égide do capital. Para indicá-la, quando a Psicanálise entra na pólis e faz algumas interpretações dos fenômenos políticos, ela traz outro ponto de reflexão, cabe dizer aqui, que desvenda os grilhões que impõem as amarras no sujeito. Essas amarras não possuem apenas ramificações em uma elite geoeconômica, mas no *liame social* que sustenta o discurso dominante e alienado. Desse “lugar” da psicanálise na política, da leitura do indivíduo quase indissociável do coletivo, do global ou do público, surge um novo sentido de experiência no campo científico, cuja mudança se dará na compreensão das transformações mundiais da sociedade e de suas instituições. Do reconhecimento de tal realidade, uma ampla classe intelectual francesa do século XX, dentre eles: Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Louis Althusser, Jacques Lacan e outros, contribuíram significativamente para explicar a perda progressiva das condições de vida e trabalho, e, principalmente, das instituições educativas, universitárias e científicas.

O nascimento da questão surgiu através da pergunta sobre *qual o sentido da educação atual?* Segundo a qual, consta que haveria a ausência dos preceitos democráticos que balizam o papel da educação mediante a função social da escola. A pergunta lança luz sobre os objetivos fundamentais do ensino e da formação do cidadão, tendo em vista o fato de que atualmente muitas instituições parecem passar ao lado da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9.394/96 quanto à importância dos valores humanos, da aquisição de cultura e dos conhecimentos socialmente construídos, ganhando outra significação. Além da educação se reduzir a um serviço prestado ao mundo econômico, ou seja, uma educação que mantém um caráter de reprodução socializada pela falácia do progresso econômico, atuando na inversão dos princípios

democráticos no próprio interior da escola. Esse novo modelo escolar, sujeito à razão econômica, converte os sujeitos à mera coisa, regidos pelo mais-gozar, fragilizados pelas incertezas, endividados e de um individualismo ambicioso propenso à perda do valor à vida, em que, talvez, a psicanálise possa oferecer seu contributo.

No contexto atual da vertente neoliberal na escola, faz-se pertinente discutir acerca da presença do discurso capitalista na educação, uma presença marcada pelas políticas neoliberais nas escolas e oriundas da necessidade de reformas e inovações no ensino, muitas vezes oportunistas. Um novo DNA educativo, nada invisível, parece inspirar o gerenciamento dos indivíduos na sociedade de mercado. Infelizmente, os jovens e as crianças são os primeiros a receber o impacto dessa nova ordem, requerendo cada vez mais da ciência psicanalítica diante desse sintoma social. Nessa medida, podemos dizer que o nascimento da questão também perpassa pela realidade sentida por esses jovens dentro do perfil neoliberal da escola.

Voltando ao ponto inicial, do encontro entre política e psicanálise, o médico e psicanalista francês *Jacques Lacan* (1901-1981) introduziu um ponto de virada na tradição freudiana, dando destaque à leitura do marxismo sobre a consciência do ser social, algo que, talvez, tenha diferenciado o campo lacaniano pela mudança de perspectiva. Tal posição se encontra em diversas obras do autor francês, particularmente em *O avesso da psicanálise* (1969/70); *Discurso de Roma* (1953) e *De um discurso que não fosse semblante* (1971). De fato, uma das intenções de Lacan com a psicanálise era construir uma clínica com interlocuções no espaço social, histórico e estético, que possibilitasse também outra hermenêutica do sujeito, na tentativa de explicar a existência de uma estrutura objetiva e intersubjetiva na aparente realidade massificada. Logo, a análise do discurso surge como representante dessa totalidade (JORGE, 2002).

Lembrando um pouco dos pressupostos, um dos grandes legados da psicanálise freudiana até os dias atuais começou com o método da *talking cure*, na proposta da cura pela fala, em que se escuta o sujeito que sofre a partir de um processo dialógico e do uso de reminiscências. Descoberta empreendida por Freud no caso clínico chamado *Anna O*, resultando na publicação em (1893/95) da obra *Estudos sobre a histeria*. Concomitante a esse caso clássico, que chamou a atenção para a Psicanálise surgiu também o método da *associação-livre*, em que o paciente fala espontaneamente e voluntariamente aquilo que vier à mente, tanto o que lhe apetece, quanto o que emerge como intraduzível, sendo considerado em sua história pessoal, na busca por significados

do passado a partir da fala e conduta do presente. Passado e presente estão em dialética constante, entre crises, recalques, sintomas e sublimação (SAFATLE, 2007).

A função da psicanálise não se reduz ao campo individual ou psíquico, nem somente a uma ciência que maneja dores psicológicas deslocadas da psiquiatria, como costumam enquadrar as críticas, mas vai além, pois por sua especificidade, crítica e método analítico, ela abre a possibilidade de dar voz e escuta a um sujeito à deriva, destacando a emergência da saúde mental e da vulnerabilidade humana na era contemporânea, e, assim, contribuindo para a discussão dentro dos estudos sobre a sociedade. Freud não se eximiu do debate do fenômeno social quando suscitou, na obra *Mal-estar na civilização* (1930-36), o antagonismo presente entre o rompante dos desejos e a ordem da cultura, sendo fato que as nossas pulsões insistem em desmentir a etiqueta dos bons costumes. Na mesma linha, Lacan fala sobre a marca da nossa singularidade, indo da metáfora à letra no inconsciente, posto que, diante do implacável, do impossível de suportar, o sujeito faz sintoma. Somos sensíveis às consequências que produzimos, elas retroagem de alguma forma, tornando-se determinantes sócio-históricos que influenciam o pensamento e o comportamento. Dessa maneira, percebemos nos primeiros seminários de Lacan que a construção da realidade fica quase indissociável do registro do real, esse real que desequilibra e traumatiza, parecendo fora de sentido, mas por onde o tecido social anuncia um tipo de adoecimento. Tal acepção sinaliza como Lacan identificava no filósofo *Karl Marx* (1818-1883) um pensador que na sua inquietação alcançou uma compreensão psicossocial a partir, por exemplo, da questão do tempo de trabalho socialmente necessário à produção da mercadoria, ou melhor, descobriu um sintoma social na expressão da labuta, na forma de trabalho, no sistema de produção e no acúmulo de riqueza da burguesia, dada a angústia do trabalhador, a melancolia vivida, o sofrimento e a fragilidade dos corpos, às vezes inertes e alienados da realidade. Nessas condições, para Lacan, Marx, de forma concreta, apresentou também na obra “O Capital” (1867) um problema de ordem psíquica, um sintoma social, via exploração do trabalho, antes até de Freud<sup>3</sup>.

No tocante à formação do conceito de sintoma, em Lacan, este conceito é uma experiência balizadora face ao percurso relativo do inconsciente e do gozo. Em psicanálise, o sintoma não precisa necessariamente estar imbricado a um distúrbio psicológico, uma síndrome ou patologias descritas no *Diagnostic and Statistical Manual*

---

<sup>3</sup> Passagem retirada do artigo de Paulo Vidal, intitulado “Marx não sem Lacan” (VIDAL, 2011).

of *Mental Disorders* (DSM-5) ou Classificação Internacional de Doenças (CID). Mas sugere-se que a causa de um sofrimento é, acima de tudo, um Mal-estar que obriga e que é infligido ao sujeito, que o interpela além da capacidade de reação. Configura-se como um Mal-estar que podemos traduzir em metáforas ou com palavras próprias. É uma ação involuntária, criada sem intencionalidade consciente ou qualquer ato consciente, sendo assim revela a própria manifestação do inconsciente (NASIO, 1995, p.13).

Complementando a sequência, podemos afirmar que o sintoma é o lado que aproxima o discurso marxista do discurso psicanalítico, como lembra Lacan “ele não se cura, o sintoma, da mesma maneira na dialética marxista e na psicanálise. Na psicanálise, ele tem a ver com algo que é a tradução em palavras (*paroles*) de verdade” (LACAN, 1971/72). Todavia, Lacan também admite que não é propriamente o termo “sintoma” psicanalítico encontrado tal qual em Karl Marx, mas daquela dimensão ampliada do sintoma, em vista de se tentar aprofundar algo que “paire” sobre o sujeito, no desequilíbrio, no estado letárgico do trabalhador que vai de encontro às leis universais do dever do homem. Nesse sentido, a aproximação não opera pela terminologia em comum (LACAN, 1969/70). Quando se faz uma leitura do capitalismo a partir do “sintoma” social, criamos mais um campo de observação, funcionando como termômetro de prova do sofrimento e da exploração da classe trabalhadora; sinaliza as condições estruturais e ontológicas da produção da alienação e das relações políticas e econômicas que lhes determinam, manifestando ora nos acontecimentos ou revoluções histórico-sociais, ora na própria frustração do amanhã (LACAN, 1969/70). Em última análise, pensando em uma dimensão “ontológica” da alienação pelo trabalho concreto ou abstrato, ela torna-se explícita, senão por qualquer outra forma de fenômeno particular ou universal da experiência que, porventura, vincula-se também ao sintoma recalcado no inconsciente.

E, para finalizar, a noção de discurso elaborada por Lacan concebe um ponto de referência importante na matriz lógica do inconsciente psicanalítico, da perspectiva do inconsciente se aproximar do conceito de alienação em Karl Marx<sup>4</sup>, do próprio sujeito ser alheio a si mesmo, ser um desconhecido para si, absorvido daquilo que pulsa e emerge no seu interior, existe, por assim dizer, uma correspondência com o

---

<sup>4</sup> No seminário XI, Lacan fala sobre o binômio alienação-separação para falar do campo da transferência e das repetições pulsionais. O autor utilizará do aspecto da alienação para tratar da constituição do sujeito, quando somos dotados de uma parte de nós mesmos que desconhecemos (LACAN, 1964/1985, p. 202).

inconsciente e com os recalques, através dessa força e energia que se pronúncia, independentemente do sujeito perceber ou compreender. Para Lacan, quando Karl Marx fórmula a teoria do capitalismo a partir, por exemplo, da noção de mais-valia, ele põe em evidência a perda de autonomia, de autoconsciência, através do domínio da alienação, sendo marcada na face do proletariado pelos processos de exploração e reificação. Igualmente no modo como Freud constrói o aparelho psíquico, tomando como modelo os casos clínicos de histeria, o sofrimento ou rompimento saltava aos olhos, demonstrando que não era fictício ou performático, vindo a *posteriori* revelar a razão de ser da experiência analítica (LACAN, 1969/70). Destacamos também que a partir do filósofo *Louis Althusser* (1918-1990), observaram-se as principais conexões entre marxismo e psicanálise, de maneira a indicar na sociedade capitalista uma forma de colonização da subjetividade, ajudando na compreensão do projeto empreendido por Lacan com a teoria dos discursos.

Dada a amplitude do encontro da psicanálise com a política, em especial com alguns elementos do marxismo, nosso intento aqui foi introduzir um apanhado da proposta, demonstrando os elos possíveis para costurar a conexão entre discurso e capitalismo no que se refere ao impacto na educação. Assim, nosso ponto de partida encontra-se em estabelecer uma prévia da construção teórica de Lacan, recapitulando alguns conceitos necessários para a imersão do estudo, como também de alguns pressupostos freudianos, linguísticos e de outros filósofos importantes para complementar a questão.

## **2.1 O campo lacaniano através do retorno a Freud**

### ***a) Contextualizando o autor***

*Jacques-Marie Émile Lacan* nasceu em Paris, no dia 13 de abril de 1901, e era o primogênito de uma família produtora de vinagres na região de Orléans, da casa dos Dessaux. Logo tratou de tirar *Marie* do seu nome, sendo este em alusão à Virgem Maria, que recebeu por parte da mãe, Émile Baudry, senhora de rígida educação católica. Eram de origem provinciana, uma família ortodoxa de novos burgueses fechados ao mundo. O pai, Émile Lacan, era um homem simples, de aparência frágil, mas que exercia grande poder e autoridade sobre a família, principalmente em Lacan, fato que sempre lhe intrigou. Após terminar os estudos de medicina e a especialização

em psiquiatria, procurou se aproximar da filosofia e da literatura. Quando tornou-se médico particular de *Pablo Picasso* (1881-1973), envolveu-se com as artes surrealistas, fazendo amizade com *Salvador Dalí* (1904-1989), *André Breton* (1896-1966) e outros poetas e historiadores, como *Lucien Febvre* (1878-1956). Também manteve contato constante com seus grandes professores, *Henri Wallon* (1879-1962) e *Alexandre Kojève* (1902-1968). Ingressou na Sociedade Psicanalítica de Paris em 1934 e, passado um tempo, questionou os métodos tradicionais da psicanálise *International Psychoanalytical Association* (IPA), sob os auspícios da associação psicanalítica internacional, fato que gerava controvérsias e relações tensas com a instituição (ROUDINESCO, 1988). Assim, distancia-se do círculo e funda a *École Freudienne de Paris* e, mais tarde, outra sociedade, a *Société Française Psychanalyse*. Lacan defendia que a obra de *Sigmund Freud* (1856-1939) deveria ser relida à luz da filosofia alemã, principalmente de *George W. F. Hegel* (1770-1831), posto que nos Estados Unidos havia uma crescente das “Psicologias do Ego”, indo na contramão da tradição freudiana. Lacan negava que o ego fosse uma força reguladora da estrutura psíquica do sujeito e acreditava que este também é movido por contradições externas que cruzam todos os registros psíquicos. Posto que o sujeito carrega a alienação de si e seus impasses no “subsolo” da mente, logo bem pouco o autoconhecimento pode revelar as supostas ações engendradas pelo ego no interior do indivíduo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Em uma época em que a psicanálise ainda buscava provar sua cientificidade com base em argumentações biológicas e positivistas, questão tomada por Freud obstinadamente, Lacan preferiu seguir para os estudos filosóficos, lógicos e linguísticos, a fim de esclarecer a problemática do objeto de estudo da psicanálise, o inconsciente. E talvez por afastar-se da necessidade casuística exigida pelo ceticismo acadêmico, assim como de sair do incauto caminho de fazer uma antropologia científica a qualquer custo, Lacan conseguiu retomar as bases da psicanálise freudiana de maneira a visualizar, por exemplo, outras hipóteses sobre os sintomas, e dele também aludir uma trama simbólica, visto que a fala denota a nossa construção histórica de sentidos, mescla o falar e o sentir, correlacionando no nosso interior os núcleos sociais, familiares e institucionais com seus códigos de valores. Uma saída explicativa pelo uso do campo simbólico da linguagem, ao invés do uso da função exclusiva da fantasia na busca pela equivalência entre linguagem e inconsciente (JORGE, 2002, p. 69). E, assim, tratou

daquilo que sempre chamou a atenção de Freud, *da fala como observatório do inconsciente*.

À primeira vista, saber o que delimitava o inconsciente poderia diluir parte das críticas severas à ciência psicanalítica. Contudo, Lacan recolheu-se à clínica no *Hospital de Sainte-Anne*, indo a fundo ao modelo biomédico nas pesquisas que não reduzissem os fenômenos mentais ao horizonte materialista. Em meio às desconstruções teóricas e aos movimentos estudantis, de greves, daquele tempo, foi possível conduzir um ponto de virada no problema, na reflexão entre clínica e o espaço social, via articulação com a linguagem. Para ele, a razão psicogenética não respondia a contento sobre a interação entre indivíduo e sociedade. É fato que Lacan já percebia tais correlações de forças na dinâmica da formação do sujeito. Sujeito esse que parecia apagado e barrado em sua energia constante nas relações que estabelece com o cotidiano. Nesse contexto, após Lacan mirar as estruturas sociais e suas representações de linguagem, chegou à conclusão: “o inconsciente é estruturado como linguagem” (LACAN, 1954/1998, p. 270). Tal constatação veio da aproximação com o estruturalismo de *Ferdinand Saussure* (1857-1913), com seu livro curso de linguística geral (*Cours de linguistique générale*), e também de *Claude Levi-Strauss* (1908-2009) e sua antropologia estrutural (ROUDINESCO, 1988, p. 345).

### ***b) Retornando a Freud***

Podemos dizer que retornar aos pressupostos freudianos foi uma questão de sobrevivência para a psicanálise diante dos desafios científicos e sociais do século XX, um embate que Lacan identificou como fundamental. Por isso, Lacan proporcionou às obras de Freud uma estrutura mais filosófica, pois pensou a psicanálise em termos dialéticos, relacionando-a seguindo uma matriz linguística e com premissas da antropologia estrutural. Reconduziu o modelo psicanalítico para um solo mais lógico através de recursos matemáticos, deslocando aquela perspectiva biológica e neurológica que Freud insistia em trazer. Se Freud pensava a psicanálise como um saber que poderia ser integrado às ciências biológicas, em Lacan, o trabalho é voltado para entender que a psicanálise se aproxima mais de uma ciência da linguagem, uma ciência que é habitada também pelo sujeito (JORGE, 2002). Em vista disso, podemos considerar que as bases desse novo saber não são centralmente biológicas, mas, de certa forma, linguísticas.



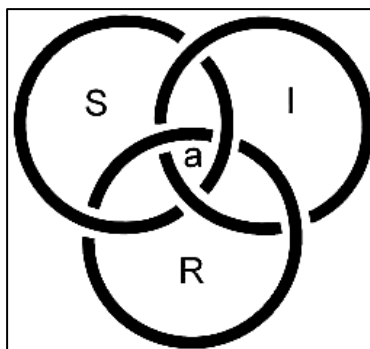
No entanto, precisamos destacar que a psicanálise lacaniana está mais próxima de uma clínica do sujeito do que de uma clínica do inconsciente, como vemos em Freud, que seria do reconhecimento das condições estruturantes do sujeito e do modo de organização íntima de sua identidade e diferenças (SAFATLE, 2007, p. 43). Inclusive no texto publicado em 1953, chamado “*Função e Campo da fala e da Linguagem em Psicanálise*”, quando Lacan fez uma releitura da teoria freudiana, abriu-se caminho para uma dupla mudança epistemológica na psicanálise, ao afirmar que o inconsciente é estruturado como linguagem, uma reconstrução conceitual tanto da noção de inconsciente como de sujeito, pela aproximação desses dois objetos de estudos no campo da linguagem. Agora, fundamentalmente, o sujeito não mais é visto apenas como detentor das pulsões e de seus destinos, apenas como um sujeito de desejo, mas aquele ser marcado por uma divisão constitutiva e atravessado pela cocriação de linguagens e discursos (SAFATLE, 2007).

Em seus seminários, Lacan propôs uma ênfase em quatro conceitos fundamentais para um estudo da psicanálise: o inconsciente, a pulsão, a repetição e a transferência (QUINET, 2006). Ele afirma que são elementos articuladores da matriz teórica de suas investigações e descobertas, além das demais ideias de Freud. E avançando na sua práxis psicanalítica, notou uma condição primeira no processo de formação da consciência, do sujeito humano ser falante, de ser um sujeito que é habitado pela linguagem, um ser de linguagem. De modo que coloca como primazia dos seus trabalhos iniciais o campo simbólico nessa narrativa. Por isso, aquilo que não pode ser traduzido pela linguagem ou escapa à consciência torna-se testemunho de uma instância, do lugar do *não exprimível, do intangível ou daquilo difícil de externar*; o inconsciente (QUINET, 2006, p.13). Todavia, é a partir do conceito de inconsciente que se estabelece a relação necessária do ser falante com a linguagem.

Com esse texto em 1953, lançado na abertura das atividades da Sociedade Francesa de Psicanálise (*Société Française Psychanalyse*), Lacan também apresenta três registros para as estruturas do inconsciente: o simbólico, o imaginário e o real. Para ele, são os registros essenciais da realidade psíquica humana, onde diariamente inscrevemos os atos, as palavras, as impressões e as nossas desordens, além do itinerário perpétuo das memórias. Apesar da dinâmica dos três registros: simbólico, imaginário e real movimentar-se independentemente uma da outra, ainda assim coadunam-se para a notação dos fenômenos psíquicos. Abaixo, a interseção dos três registros com o nó borromeano (Figura 01), apontando à relação do objeto *a* no conjunto, que não é medido

nem pelo simbólico e nem pelo imaginário, ele é da ordem do real (QUINET, 2006, p.16).

Figura 01 — Nó borromeano



Fonte: Lacan (2007, p. 21).

Diante do crescimento de suas aulas, conferências e seminários, Lacan tornou-se a maior referência em psicanálise na França, com trocas intelectuais com grandes nomes, como *Maurice Merleau-Ponty* (1908-1961), *Martin Heidegger* (1889-1976), *Jean Laplanche* (1924-2012), *Françoise Dolto* (1908-1988); do mesmo modo exercendo influência sobre outros pensadores, dentre eles, *Michel Foucault* (1926-1984) e *Gilles Deleuze* (1925-1995). Nos anos 70, dirigiu o *Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII*, época em que suas obras de maturidade se destacavam pela reflexão em busca de uma linguagem para o *real*, na tentativa de compreender os registros inexpressáveis entre palavras e imagem, apontado por muitos como a grande contribuição da psicanálise na contemporaneidade. Entretanto, com a saúde debilitada, já sofrendo de distúrbios cerebrais, acabou falecendo em 9 de setembro de 1981, em decorrência de um câncer no cólon.

Dada a prévia noção, Lacan elucida a configuração dos discursos dominantes nas estruturas e em suas representações pelos giros discursivos<sup>5</sup>. De maneira que, ao destacar a utilização social da linguagem nas relações de troca, Lacan observa que o discurso envolve as formas de reproduções no *status quo*, os agendamentos do sujeito e tantas outras ferramentas alienantes da sociedade. Do ponto de vista macro, o discurso dominante está inserido na lei, do governo, do conhecimento, na religião, cujo lugar o investe de verdade e autoridade sobre os outros, impondo a ordem dominante, na qual vigia-se e esvazia-se qualquer possibilidade de subjetividade. A forma plástica e

<sup>5</sup> Giros discursivos são as trocas de posição entre os matemas, gerando assim os tipos de discursos (LACAN, 2016).

fluida penetra nas conversas cotidianas, na comunicação audiovisual, no mundo virtual dos algoritmos, que multiplicam cada vez mais seu alcance.

Todavia, precisamos tecer maiores considerações sobre a relação que a psicanálise lacaniana mantém com a linguística, no sentido de entender em que momento passamos da linguagem para o discurso, momento em que estes se sobrepõem, haja vista que a noção própria do termo em Lacan denunciou a importância do contexto histórico na possibilidade de saber e ter acesso aos “jogos de linguagem” presentes nos discursos, ao passo que a compreensão ampliada das formas de comunicação trouxe uma correspondência maior entre a análise dos discursos contida nos estudos da linguagem pelo estruturalismo Saussuriano com a nova base oferecida pela teoria lacaniana (LACAN, 2016).

## **2.2 A entrada da linguagem na psicanálise**

Uma das grandes descobertas da Psicanálise encontra-se em notar que a linguagem tem efeito sobre o sujeito de estabelecer agendamentos, produzindo processos, silêncios, ações e até ócio, determinando a vivência de quem fala, inclusive, na sua relação com o outro. Não obstante, a linguagem, nos moldes da lógica neoliberal, tornou-se mais um nó para os laços sociais através das condições de experiência e de existência. O estruturalismo imprimiu uma ideia de sociedade permeada pela linguagem, convergindo-a em fator social, em um tratamento que começa pela fórmula entre sentido e unidade. Nesse ínterim, faz-se necessário saber os pressupostos da entrada da linguagem na psicanálise, pois antes de qualquer análise do discurso, estuda-se a linguagem.

Com isso, precisamos destacar que o termo linguagem, muitas vezes, tem uma noção polissêmica, apresentando significados variados e transitórios de acordo com o uso semântico ou histórico-cultural empregado. O termo também pode designar realidades sociais diferentes pelo movimento combinatório dessas referências. Pela ampla flexibilidade, a linguagem vai ganhando complexidade, podendo ser entendida em função dos sistemas simbólicos e socioculturais presentes em uma sociedade (PÊCHEUX, 2009).

Considerando que a ciência da linguagem possui um nascimento recente, datado de meados do século XIX, com os estudos da gramática comparada é possível ainda observar nas ciências cognitivas uma defesa sobre a questão da naturalização dos

códigos da linguagem, sob o prisma do estudo da evolução das línguas. Postulava-se, tradicionalmente, uma raiz antropológica da linguagem, de reagrupar formatos de língua primitiva da humanidade em um conjunto universal para fazer estudos comparativos entre as línguas, de forma que uma esclareceria a outra nas semelhanças e representações. Esses estudos objetivavam explicar os desdobramentos da linguagem verbal e da escrita humana (SOUZA, 2003, p. 89). De fato, a linguística anunciou a importância dos modos de expressão e suas locuções no campo concreto; daquela interface entre oral e escrito que vai desdobrando-se entre o sentido e o formalismo, quer dizer, entre o empírico do discurso frente à abstração da fala. Foi um diferencial que fez concluir que a língua moderna seria um produto social, enquanto a fala um ato individual, produzindo a dinâmica entre significado e significante, como destacará Lacan a partir de Saussure.

Dessa infinidade de combinações entre as diferenças da língua escrita e da língua falada, convencionou-se extrair uma espécie de essência ou nexos causal em comum, intrínseco a elas, um roteiro norteador. No entanto, Lacan olhava com ressalvas para essa postura da linguística clássica. Talvez por isso trilhou o caminho contrário. O tom universalista vai de encontro ao olhar atento das particularidades presentes na psicanálise, dada a dificuldade em aceitar um *a priori* na estrutura da linguagem, pois caso contrário não haveria desvio padrão nas expressões, nas falas, nas narrativas, pois mesmo na aparente uniformidade, existirão ainda variações como marca do subjetivo. Sistematizar até uma ordem na aleatoriedade é cair em uma forma de naturalização da intencionalidade, postura defendida por alguns behavioristas quanto à descrição de padrões deterministas do comportamento humano. Mesmo diante de uma estrutura fixa, ainda existe uma multiplicidade de outras estruturas particulares, irredutíveis umas às outras (SOUZA, 2003).

Sabendo que a análise do discurso faz parte da compreensão acerca da linguagem, Lacan analisa o termo para realizar um recorte próprio sobre a linguagem na psicanálise. Frequentemente, na Análise do Discurso (AD), este último é compreendido como aquela comunicação verbal ou não verbal, com seus objetos de linguagem que o constituem. Por essa razão o discurso faz referência a tudo o que é falado socialmente, daquilo dito em diálogo e até no seu silêncio. O tal *dizer* que criaria a intersecção entre o social e o ideológico, o modo de interação com o outro e a construção de significados. Dessa forma, o discurso vai além de uma representação do pensamento ou uma ferramenta de comunicação, pois seria inseparável do uso corrente da linguagem

informal ou formal, assim ficando próximo da dimensão da prática e do cotidiano, de maneira a viabilizar as trocas subjetivas (SOUZA, 2003).

Com essa noção ampliada de discurso, que surgiu no campo da filosofia e da política francesa dos anos 60, com *Michel Pêcheux* (1938-1983), *Mikhail Bakhtin* (1895-1975), dentre outros, Lacan observa a possibilidade de analisar diferentes maneiras de organização da subjetividade, pela relevância da historicidade na formação do sujeito, pelo uso da linguagem, ficando visíveis os elementos que cruzavam os sentidos que significam uma experiência de produção da fala sobre o corpo, o social, a consciência, a ideologia vigente, dentre outros (ZIZEK, 2010). Nesses termos, a linguagem é o *meio* de concretizar a existência e a experiência acumulada durante a história e essa linguagem constitui os sujeitos e produz dizeres, discursos, seja no campo do dito ou na transmissão do não dito. Tal interpretação considera que os sentidos são constituídos pela ordem de significantes na história, ou seja, encontramos particularidades que dão visibilidade aos laços entre língua, sentido, história, sujeito, ideologia e inconsciente (ZIZEK, 2010). Com a psicanálise, essa questão acerca das palavras e de seus conteúdos latente ganha um novo estatuto: “as significações humanas se deslocam, e modificam o conteúdo dos significantes, que ganham empregos diferentes” (LACAN, 1955/56, 1995, p.140).

No texto *Discurso de Roma* (1953/98, 2003), Lacan faz uma crítica à maioria dos acadêmicos por demonstrarem aversão ao interesse acerca das funções da fala no campo da linguagem, quando boa parte se inclinava para a análise da função do imaginário, em detrimento do campo simbólico (LACAN, 1953/98, 2003 p. 243-44). Esse fato já em oposição aos conceitos psicanalíticos, que seguem uma lógica orientada pelo sentido da linguagem, ao se organizar pela função da fala, de modo que os efeitos subjetivos que operam no campo da linguagem e da fala delineiam a extensão da própria prática psicanalítica (LACAN, 1953/98, 2003, p. 247). Assim, Lacan afirma: “(...) seus meios são os da fala, na medida em que confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real” (LACAN, 1953/98, 2003, p. 259).

No tocante às contribuições da linguística para a psicanálise, Lacan sempre se manteve atento aos seus limites teóricos. Podemos dizer que a antropologia estrutural marcou a primeira fase dos escritos lacanianos, mas ele logo tomou distância para criar seu campo de análise, representado pela abertura a um novo tipo de discurso,

principalmente frente às metodologias tradicionais da clínica psicanalítica que se colocavam, muitas vezes, a serviço do discurso dominante, conduzindo os sujeitos para o não rompimento, e, portanto, para uma postura de um conformismo dócil.

Enquanto a noção de linguagem apresenta uma visão mais lógica e genérica, por sua vez a noção de discurso em Lacan remete ao político, ao econômico, ao mundo existente e ao gozo, entre outras noções, como uma síntese que possibilita uma relação de trocas e suas internalizações de maneira eficiente (LACAN, 1954/55). Em outras palavras, a linguagem em Saussure demonstra ser um componente formal, fixo, repetitivo e isolado das práticas sociais diversas. Diferentemente da noção de discurso em Lacan, que permite compreender as estruturas sociais pelo movimento das relações humanas, propondo que a mobilidade altera as relações e possibilita transferências entre aqueles que falam (LACAN, 1969/70). No entanto, cada um fala dentro do lugar que ocupa, no seu perímetro de condição, sabendo que sempre haverá a posição do agente (dominador) e do outro (dominado), nessa síntese. Por isso, o discurso dominante funciona como um mestre, regulando a dinâmica desse trânsito para aquilo que expande um verdadeiro laço social.

### **2.3 A noção de sujeito na psicanálise**

No curso da análise por onde Lacan procurava uma nova forma de compreender a teoria das linguagens em face à dicotomia língua e fala, ele investiu em um percurso psicolinguístico e social que amplia a perspectiva de discurso. Assim, fez reintroduzir o debate sobre o sujeito psicanalítico, de modo que ao pensar em qualquer mudança no sujeito, dever-se-ia primeiro falar do inconsciente.

Traçando essa análise, devemos citar que o sujeito que consideramos no estudo aqui proposto é o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo, das pulsões, do mais-gozar, representado aqui por aquilo que o discurso capitalista procura usurpar e dele nutrir sua mola propulsora. Para Lacan, o sujeito é um lugar *a priori* vazio, sem atributos definidos, dependente da predição de significantes, ficando assinalado pela constante possibilidade do vir-a-ser, chamado pelo autor de sujeito clivado (LACAN, 1985, p.193). Assim, a pesquisa inclina-se para o sujeito do inconsciente, mas também assinala para aquele que vem a ser atravessado pela luz da linguagem, haja vista que Lacan afirmava ser o sujeito do inconsciente estruturado pela linguagem. Já o sujeito do conhecimento, trabalhado pela ciência, especialmente positivista, volta-se mais para

uma forma instrumentalizada, reduzindo as ciências humanas à verificação de hipóteses e de explicações casuísticas.

No tocante ao problema, é preciso destacar que o interesse de Freud estava mais voltado em ancorar a cientificidade da psicanálise do que ratificar a estrutura do sujeito psicanalítico, ou seja, dificilmente encontraremos em Freud um conjunto sistemático que venha a conduzir aos conceitos fundamentais (*Grundbegriffe*) acerca do sujeito, como se nas obras houvesse um empreendimento mais direcionado a essa característica do inconsciente, todavia não significa pensar em uma ausência deles. Na obra *Além do princípio do prazer* (1923) Freud apresenta uma definição sobre o sujeito alçada no terreno dos desejos, no campo das pulsões, no meio dos ímpetos cegos e irracionais, ações que escapam à polidez do bom trato e, às vezes, modelam o comportamento do sujeito, uma dimensão chamada de *inconsciente* (LACAN, 1998). Para tanto, Freud se preocupa em demonstrar os processos psíquicos; sua intenção no primeiro momento foi alcançar o fator desencadeador dos sintomas. A hipótese era fazer uma representação topográfica da mente, de modo a localizar e quantificar os transtornos; assim o estudo ganharia um caráter científico pela pesquisa dos neurônios. O resultado do trabalho foi publicado em 1895 com o título de *Projeto para uma psicologia científica*, reforçando o modelo e a prática psicanalítica perante a comunidade científica, para tentar afastar as incertezas e as obscuridades dessa nova área de conhecimento e, principalmente, evitar que enquadrassem a psicanálise em uma *Weltanschauung* (LACAN, 1998).

O esforço de Sigmund Freud em situar a psicanálise no patamar das ciências da natureza (*Naturwissenschaft*) é um reflexo das dificuldades inerentes ao método clínico inaugurado por ele. O assunto é acompanhado, na sua maioria, por discussões em torno da falta de referencial científico das obras freudianas ou sobre a ineficácia terapêutica da psicanálise. No entanto, os debates reúnem um ponto em comum à questão levantada; suas perguntas gravitam em torno do horizonte teórico do sujeito psicanalítico, desse objeto de estudo que se faz pela *escuta*, de uma figura psicanalítica que nasceu com os estudos sobre a histeria. Esse sujeito recém-descoberto, vindo à tona em (1900) com a obra *A interpretação dos sonhos*, já assinalava mudanças significativas na compreensão cultural do ser humano e em uma nova configuração da medicina psiquiátrica, algo que não se pode desconsiderar.

Dentro desse contexto sobre o método científico e a validação da psicanálise enquanto ciência, Lacan teve a inquietação de se perguntar sobre as bases da ciência

moderna e como ela interpela a psicanálise. Em um dos seus escritos, *A ciência e a Psicanálise* (1965), Lacan buscou situar o objeto da psicanálise frente às perspectivas epistemológicas, afastando-se daquele discurso neurológico e positivista que Freud herdou, para agora centralizar suas respostas no sujeito da psicanálise. Era preciso determinar exatamente o objeto de estudo, sua definição, diferenças e semelhanças com a ciência, mostrar como a psicanálise se apresenta a partir do sujeito que ela observa. Nesse aspecto, partimos de Lacan para entender as convergências ou semelhanças com a ciência moderna, pois, seguramente, esse novo viés contempla um entendimento melhor ao impasse levantado; do contrário esse tema recorrente vai permanecer no campo da idealidade ou do suprassensível.

Sobre o inconsciente, surgem as perguntas mais espinhosas: O que é o inconsciente? Onde e como se localiza o inconsciente? Para Lacan, a dimensão do inconsciente está estruturada como linguagem, o inconsciente se apresenta na linguagem, na transmissão de uma mensagem, porque o sujeito é um agente falante, de comunicação, capaz de simbolizar seus pensamentos, significar acontecimentos, de representar sua mente e de expressar estados subjetivos. A via de acesso ao *inconsciente* é pela fala e pelo discurso. Talvez por isso o tratamento chamado de *talking cure*, a cura pela fala, ainda permaneça como um dos recursos fundamentais no processo psicanalítico, como uma técnica para alcançar conteúdos arduos e indefinidos do sujeito através da fala. Sobre o trabalho no *setting* analítico, de expor as emoções e encontrar a cadeia associativa de uma controvérsia vivida. O aspecto mais importante encontra-se em entender porque determinada dor se transformou em sofrimento, qual a razão para tal reação singular? Em relação aos fenômenos mentais e nossas experiências subjetivas, pouco se explica com certeza categórica, mas Lacan nos oferece um olhar, quando lembra que a psicanálise se circunscreve mais como uma prática: “uma prática, que utiliza a ciência da linguagem, e que tem como objeto o sujeito, o sofrimento do sujeito” (LACAN, 1998, p.50).

Nos escritos de Lacan, *A instância da letra no inconsciente* (1957), o autor afirma que: “o sujeito com o qual operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência”. Para Lacan, a ciência moderna inaugurou tanto o sujeito presente, como também é responsável pelo solo epistêmico com o qual a psicanálise atua, seu postulado de sujeito coincide com o do sujeito moderno. O autor defende essa linha a partir da base produzida pelo sujeito cartesiano. Lacan faz convergir os caminhos de Descartes a



Freud, estabelecendo uma aproximação entre ciência moderna e psicanálise através da elaboração discursiva do *cogito* (LACAN, 1957/1999).

Para Lacan, o *cogito* inaugura a possibilidade de tratar os objetos pelo campo simbólico, ou seja, quando o sujeito moderno passa a se representar visivelmente através da linguagem. Na verdade, o que o autor deseja considerar é outro tipo de questão presente no campo da reflexão filosófica sobre o *cogito*. Como se o enunciado cartesiano, “penso, logo existo”, fosse digno de mais uma grandeza, pois ele vai além de um conteúdo do pensamento, anuncia também um domínio da linguagem, a presença da fala, do dizer, de um sujeito que se reconhece e se pronuncia (LACAN, 1953/1986). Com isso, Lacan pretende demonstrar que aquilo que funda a modernidade também é o dizer, que o pensar constitui-se, igualmente, em dizer, *onde ser é também dizer*. De modo que o ser humano é fundado, simultaneamente, a partir do pensamento e da fala, um sujeito com uma dupla função, vinculando o pensar ao dizer, como ponto em comum sobre o sujeito na relação entre ciência moderna e a psicanálise. Dessa forma, Lacan privilegia o simbólico quando o *cogito* faz existir aquele sujeito como objeto do pensamento (LACAN, 1953/1986).

O sujeito da psicanálise não coincide com o sujeito do conhecimento ou ainda com sua representação como tal. Tampouco se trata do homem, como no caso que se aproxima do sujeito da antropologia; menos ainda do indivíduo, sujeito da sociologia. Não é em relação às ciências humanas que Lacan situa o sujeito da psicanálise, mas em relação ao advento da ciência moderna (LACAN, 1964/2003).

De acordo com Lacan, é em torno da noção de sujeito moderno, definida por ele a partir do advento do *cogito cartesiano*, que as relações entre psicanálise e ciência podem ser traçadas. O sujeito é o ponto de convergência e também de divisão entre as duas áreas. A interrogação de Lacan parte do ponto zero da ciência moderna, situada por ele justamente no *cogito* cartesiano, como marco de virada para a ciência moderna e para o nascimento do sujeito moderno. A virada que Lacan dá ao *cogito cartesiano*, em 1953, na obra *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, é formulada da seguinte maneira: “Penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1953, p. 521). O sujeito da ciência faz sua entrada no mundo através da extração de uma certeza, elemento obtido pela dúvida metódica.

As determinações científicas criadas por *René Descartes* (1596-1650) dizem respeito à existência de um pensável e um impensável, um dizível e um indizível, um conceituável e um impossível de conceituar. Dessa forma, pode-se dizer que a ciência

moderna testemunha o fato de que há um impossível em jogo, ainda que se debruce sobre o estudo do pensável, do dizível e do conceituável, ou seja, daquilo que até o momento só conseguimos apreender pelo simbólico, no campo da representação ou do real traumático. A psicanálise tem como referência as mesmas determinações da ciência, no entanto, diferentemente desta, ocupa-se também do impensável, do indizível, daquilo que diz respeito ao lado real do sujeito (LACAN, 1966/1998).

Voltando a Freud, para responder melhor à polêmica, o autor não hesita em afirmar que há pensamento no inconsciente, uma vez que o inconsciente não é simplesmente a *desrazão*, mas tem razões que a própria razão desconhece. Quanto a esse ponto, Freud afirma que as mais complicadas peripécias do pensamento são possíveis sem a assistência da consciência, sem necessariamente ocorrer lucidez e compreensão do sujeito para existir, como nos sonhos (SAFATLE, 2007). O pensamento é a matéria-prima do sonho, isto é, o inconsciente pensa a nossa própria revelia. Se no sonho elaboramos pensamentos enquanto a consciência encontra-se adormecida, logo o inconsciente vai pensar em seu lugar, criando os maiores espetáculos sem o menor constrangimento e culpa. Exatamente nesse tópico é que encontramos o ponto em comum para os encaminhamentos cartesiano e freudiano, pois o *cogito* apenas diz que sou, sem dizer o que sou, isto é, sem emitir juízo de atribuição, mas, sim, de existência. Já o pensamento onírico do sonho não é pensado por aquele que dorme e sonha, mas pelo inconsciente que também pensa (SAFATLE, 2007, p 25).

Ainda fazendo referência à metapsicologia de Freud, discutindo a questão do sujeito e do inconsciente, para Lacan ela se revelou um espaço de descobertas, um tipo de legado simbólico que pôs em evidência a posição de saber e de verdade, sob a qual o *real* sustentava o mundo moderno empregado pela ciência, à medida que os elementos argumentativos da instância do inconsciente na composição psíquica, da marca da castração, das pulsões, da sexualidade, levavam a crer naquilo que determina a teoria da divisão inerente e estrutural do sujeito, mas, tampouco fornecia subsídios científicos para o ‘discurso universitário’ compreender a psicanálise. Ou seja, os desdobramentos da episteme moderna também atravessam o ângulo em questão, como Lacan diz na “divisão experimentada do sujeito, como divisão, entre o saber e a verdade” (LACAN, 1966/1998, p.67).

Lacan apoiou-se na metapsicologia freudiana para operar uma leitura de fatos e fenômenos sociais na intenção de problematizar e desvendar os jogos de poder por trás do campo social. Sendo assim, observamos a aplicação da psicanálise no

terreno social, de forma a considerar que o conhecimento psicanalítico possibilita levantar hipóteses e talvez orientar algumas questões fundamentais no espaço educativo, como a posição de interrogar o papel tradicional do professor centrado na figura do mestre.

#### **2.4 A teoria do discurso: o laço social**

No primeiro momento de reflexão, a obra *O avesso da psicanálise* (1969-1970), Lacan apresenta a teoria dos discursos a partir de quatro estruturas básicas, denominadas por ele de neologismo quadrípedes: o discurso do mestre, o discurso da histórica, o discurso do universitário e o discurso do analista. Dois anos após a publicação da obra *O avesso da psicanálise*, em 1972, Lacan acrescenta um quinto discurso, designado o discurso capitalista, enfatizando os dispositivos da modernidade e da ciência que reforçam o quadro socioeconômico, estimulando o desejo dos sujeitos, na tentativa de explorar o “mais-gozar” (LACAN, 1992/2005). Comumente, na atual cultura econômica, exige-se a sublimação contínua pela via do fetichismo de mercadoria e por outras buscas de prazer. Fica claro que o capitalismo ocupa o espaço do gozo<sup>6</sup> que afeta os sujeitos, em uma lógica de produção de sujeitos insaciáveis. Lacan afirma, inclusive, as possíveis conexões do discurso capitalista com diversas estruturas sociais, quando o trabalho surge, inclusive como promessa de satisfação, quando o saber entra em jogo como circulação de mercadoria ou em um conjunto moral que apresenta uma ideologia dominante. Segundo Rinaldo Voltolini (2011, p.65), podemos pensar na possibilidade da psicanálise no campo educativo pela perspectiva da relação professor-aluno-conhecimento, a partir do entendimento do discurso do mestre lacaniano.

A teoria dos discursos é elencada por fórmulas que representam as estruturas como laços sociais. Elas, por sua vez, estabelecem os lugares onde os discursos são fabricados no campo social (QUINET, 2006, p.74). Dito isso, a constituição dos modos de cultura, as características das civilizações, a difusão de normas, modelos de educação ou orientações sexuais, são, por exemplo, formas de fazer laços sociais. Ademais, elas vão encaminhando a transmissão e produzindo a dinâmica

---

<sup>6</sup> Lacan introduz o conceito de gozo a partir da dialética do amo e do escravo, quando argumenta que o sujeito encontra seu gozo no Outro. O gozo é a busca pela satisfação imaginária.

dos discursos, que expressam as ordens de realidade incorporada pelo sujeito. A realidade também é dada pelas estruturas da linguagem, onde possuem uma dimensão intrapsíquica que organizam os diferentes modos objetivos e subjetivos (LACAN, 1954/1992, p. 221).

As possibilidades e os limites sobre a relação entre psicanálise e educação contemporânea, com base no eixo da teoria dos discursos em Lacan, podem até ultrapassar o campo pedagógico. Isso se deve, certamente, à descoberta freudiana dos processos psíquicos inconscientes que permitem pensar o sujeito fora da cognição ou da fenomenologia das sensações. Descoberta essa que trouxe à tona as contradições da modernidade, os erros da clínica psiquiátrica e até a neurose pela normalidade, pois tão logo foi possível perceber as experiências conflituosas do sujeito no processo histórico-cultural, a partir de um conjunto de sintomas testemunhados em palavras, atos e em um conjunto “traumático” (FREUD, 1997).

Em seu seminário XVII, intitulado *O avesso da psicanálise* (1969-1970), Lacan propõe olhar a psicanálise pelo caminho inverso da tradição freudiana, tal como o título sugere, para ir além do complexo de Édipo, na tentativa de repensar a metáfora paterna associada ao mito do pai da horda, como um elemento tido por absoluto e inflexível. Nesse sentido, ele procura apreciar um caráter simbólico que ecoa nos afetos e na observação dos lugares imaginários dos nomes-do-pai (LACAN, 1957/1998, p.149).

Em sua noção de discurso, Lacan também destaca a importância dos efeitos que circulam na linguagem e na fala em torno do sujeito, quanto à vivência de um idioma, à prática da comunicação, à experiência do indizível, dentre outras (LACAN, 1966, p. 65). Em vista disso, Lacan anuncia um ser-de-fala, na medida em que esse sujeito está estruturado em seus significantes, ou seja, nas suas representações subjetivas a nível consciente e inconsciente pela forma com a qual se corresponde com o seu corpo, com o outro e com o grande Outro (A) (ZIZEK, 2010, p.17). A fala sustenta determinados códigos linguísticos que se transformam em instrumentos de poder sobre pequenos outros, como uma etiqueta quase invisível que é transmitida na malha social. Freud já evidenciava os efeitos dos discursos a nível individual e social, na trama da civilização que luta pela sobrevivência. A respeito da linguagem, Lacan afirma:

“Tal posição implica os efeitos de linguagem na determinação do ser: Porque somos (...) resultado do emprego da linguagem. Quando digo o emprego da linguagem, não quero dizer que a empregamos. Nós é que somos seus empregados. A linguagem nos emprega, e, é por aí, que aquilo goza” (LACAN, 1969/70, 2016, p. 62).

O discurso sendo encarado como laço social funda a ideia de vínculo entre as pessoas. Na educação, por exemplo, o fato de existir uma sala de aula já preestabelece uma dimensão de relação entre quem ensina e aquele que deseja aprender, o agente é o professor e o aluno é o outro. Porém tampouco uma sala de aula somente é suficiente para estabelecer vínculos ou criar relações, mas o *ato* de ensinar e transmitir arremata aquilo que possibilita essa interação entre pares. O ato que funda o laço social é sempre do agente do discurso (professor), pois segundo Lacan o fato de dizer gera acontecimento, funda a própria experiência discursiva. E, quando o ato se dirige ao outro, a porção da práxis do laço social torna-se concreta junto aos elos formados ali (VOLTOLINI, 2011).

Lacan apoiou-se na metapsicologia freudiana para operar uma leitura de fatos e fenômenos sociais na intenção de problematizar e desvendar os jogos de poder por trás do campo social. Entretanto, a realidade manifesta, por onde a ciência social captura seu campo de observação, não busca elucidar uma “ordem” inconsciente na qual venha se revelar a possibilidade dual entre mundo e pensamento. Em Lacan, percebe-se o intuito de aplicar a psicanálise no terreno social, considerando que o conhecimento psicanalítico abre condições de levantar hipóteses antropológicas, políticas, e, talvez, orientar algumas questões fundamentais presentes no espaço educativo, como a disposição de interrogar o papel tradicional do professor na figura do mestre.

Conforme o entendimento de Lacan, os discursos estabelecem laços sociais, onde são verdadeiros elos de coletividade, uma vez que as estruturas da linguagem exercem certo domínio sobre as práticas do sujeito, fazendo reverberar na política, na cultura, no conhecimento e nas ideologias em geral. Tal perspectiva foi trabalhada por Lacan ao desenvolver a teoria dos discursos no livro *O avesso da psicanálise* (1969-1970), de maneira a destacar a utilização social da linguagem nos agendamentos do sujeito e nas relações fundamentais da sociedade.

Dada a amplitude da teoria do discurso de Lacan, vamos estabelecer uma prévia da construção teórica de Lacan, recapitulando alguns conceitos necessários para a imersão no estudo, são eles: objeto *a*, gozo e grande *Outro*.

Primeiramente, no que diz respeito ao objeto *a*, é um conceito que contribuiu muito para atualizar a psicanálise freudiana na segunda metade do século XX. Segundo Lacan (1985/1998), essa noção refere-se aos aspectos do desejo, da insatisfação ou deslocamentos de sensações, emoções ou vontades. Esse conceito parte da hipótese daquele objeto ‘perdido do desejo’ em *Sigmund Freud* (1856-1939), aquilo que buscamos incessantemente, contido na metáfora da perda ou a falta constitutiva do sujeito. O objeto *a* não implica necessariamente uma perda concreta, mas a percepção constante de que existe algo ausente em nossas vidas, chamado também por Lacan (1974/75) de: *aleph* da angústia, libra de carne ou *êxtimo*. Segundo Nasio (1995), discute-se em Lacan dois momentos em que a problemática da lacuna no sujeito, do seu vazio, da falta constitutiva entra como balizadora na conceituação do objeto *a* e no seu retorno à Coisa (*Isd*) freudiana.

O conceito de objeto *a* em Lacan (1985/1998) anuncia uma continuidade através da noção de gozo, no que diz respeito a envolver tanto o prazer como o desprazer, das polaridades internas de satisfação e aversão inerentes ao sujeito. Contudo, ele não pode ser confundido ou reduzido ao sexo, ao gozo fálico, exclusivamente, pois essa noção de gozo representa aquilo que pulsa incessantemente, extravasando os limites e sem deixar-se apreender totalmente. De tal forma que, em termos de dinâmica psíquica, ele fica operando continuamente entre Eros e Tánatos, vida e morte. Lacan (1974) inscreve os modos de gozo na interseção dos registros: imaginário, simbólico e real, considerando, no centro dessa travessia, o objeto *a*.

(...) esse gozo do Outro, é aí que se produz o que mostra quanto mais o gozo fálico está fora do corpo, mais o gozo do Outro está fora da linguagem, fora do simbólico, pois é a partir dali, a saber, a partir do momento em que se agarra o que há – como dizem – de mais vivo ou de mais morto na linguagem (LACAN, 1974/75, p.4).

Em meio à relação entre o simbólico e o real, a ‘função’ do gozo fálico aparece agregada ao simbólico, pela sintonia estabelecida na cadeia de significante<sup>7</sup> com o gozo, como afirmou Lacan (LACAN, 1969/70). A cadeia de conteúdos e empregos particulares estrutura a tonicidade da experiência, sem necessariamente aderir ao imaginário, ao corpo, por assim dizer, para obter satisfação, mas permanece fixa na ordem pulsional de representações simbólicas até seus ganhos primários ou secundários.

---

<sup>7</sup> O significante desfila na cadeia pela ordem simbólica.

Com Lacan, os conteúdos subliminares ou latentes ganham uma “nova ordem” de palavras e coisas. Vamos à citação:

Que especificam as sílabas, os empregos das palavras, as locuções nas quais elas se agrupam, e isso condiciona, até na sua trama mais original, o que se passa no inconsciente. Se o inconsciente é tal como Freud nos descreveu, um trocadilho pode ser em si mesmo a cavilha que sustenta um sintoma, trocadilho que não existe numa língua vizinha. Isso não quer dizer que o sintoma está sempre fundado em um trocadilho, mas ele está sempre fundado na existência do significante como tal, numa relação complexa de totalidade a totalidade, ou mais exatamente de sistema inteiro a sistema inteiro, de universo do significante a universo do significante (LACAN, 1955/56, p. 138).

Na obra *O avesso da psicanálise* (1969/70), podemos notar que Lacan organiza discurso e gozo no mesmo campo, ambos são gerados sem cessar pelos laços sociais, posto que é dali que o gozo também se origina. Essa estrutura de trocas formulada por Lacan pensa o discurso inseparável do gozo, pois “não há discurso que não seja do gozo” (LACAN, 1969/70, 2016, p.74), e até o saber é uma forma de gozo.

Voltando aos conceitos fundamentais, nas obras lacanianas o grande Outro se escreve com vogal inicial ‘A’ maiúscula e por isso dispensa o adjetivo “grande”. Nos matemáticos a letra A, do termo francês Autre, que significa ‘outro’, representa a outra cena da linguagem, o espaço do barrado, do vazio, do furo. O lugar do ‘A’ na teoria lacaniana designa onde o sujeito coloca sua questão de existência, do sexo, da história e até sua sublimação. É uma zona simbólica que apreende os significantes, onde brota as cadeias dos significantes, pronunciam o que o sujeito pensa, fala, sente e age. Explicando que a própria condição do sujeito flui ao se desenrolar com o Outro, na confluência. Para Lacan, nada do sujeito escapa ao Outro, nem os sonhos, a vigília, o corpo, a percepção, a memória ou as emoções (QUINET, 2006).

#### **2.4.1 As formas de discurso**

Contextualizando os acontecimentos históricos, após maio de 1968, dos movimentos sociais que sacudiram a Europa até o longínquo Oriente, Lacan se convence da relevância do cenário político e cultural daqueles tempos, oferecendo um contributo às discussões que já circulavam em matéria de psicanálise. A teoria dos discursos, também contida na conferência *Radiophonie* (1970), trouxe uma ferramenta importante para a psicanálise, tanto quanto um amparo teórico para a psicologia social,

que buscava somar sua compreensão dos processos sócio-históricos que envolvem os sujeitos.

Nos primeiros anos de seus ensinamentos, Lacan se preocupou em elaborar grafos para melhor ilustrar a teoria dos discursos, um tipo de ordenação para representar e expressar as maneiras de fazer uma leitura sobre o *real*, através da fala de quem transmite e da transmissão daquilo que está escrito. Longe de ser um conhecimento, como proposições de verdade, a teoria do discurso pode ser definida a partir da sua correspondência com o papel da fantasia na estrutura psíquica, ou seja, na interface entre simbólico e real, em que boa parte das relações do sujeito com o mundo resulta em uma inscrição da letra no inconsciente, uma representação significativa diante do assombro que deixa marcas. E da hipótese de observá-las, Lacan desenvolve uma álgebra própria. As notações dos tipos de discursos, que são as letras que circulam para compor as fórmulas, merecem uma breve explicação, elas são: S1, S2, *a* e \$.

Nesse aspecto, o ponto que concerne um enunciado condizente àquele momento histórico talvez fosse à realidade dos discursos, onde a aceção de discurso é clara e concisa: é um laço social. Simples também é o sistema que estrutura os lugares ou posições de trocas, de domínio, de saber e de prazer. São quatro vetores de conexão que indicam a possibilidade ou impossibilidade de certos encontros sociais (agente, outro, produção e a verdade). Como também quatro matemas que preenchem lugares dentro de uma álgebra ordenada (S1, S2, *a* e \$). Por tudo isso é possível organizar e delimitar as quatro estruturas discursivas a partir de fórmula enlaçada pelo laço social (mestre, universitário, analista e a histórica). Elaborando esses matemas, Lacan os determina como “aparelho de quatro patas, com quatro posições que servem para definir ‘os quatro discursos radicais’” (LACAN 1969/70, 2016, p.18).

Lacan visa sinalizar que os matemas não são puras abstrações para uma leitura prévia da realidade, mas decorrem da elaboração de um edifício teórico que busca aproximar-se do real, da tentativa de traduzir o intraduzível. Pois, segundo ele, as fórmulas dos quatro discursos introduzidas no real tornam possível uma operação até então impossível. Segundo ele, as fórmulas dos quatro discursos (mestre, universitário, analista e histórica) devem ser compreendidas, como, por exemplo: “algo que entra no real, que nele antes jamais havia entrado, mas que corresponde o não descobrir, experimentar, cingir, destacar, deduzir, nada disso, e sim a escrever – escrever duas ordens” (LACAN, 1969/70, 2016, p. 209).



Dadas as explicações iniciais, a noção de discurso de Jacques Lacan põe em relevo a importância do contexto histórico, o papel das particularidades e das contingências nas formações dos discursos. O discurso como fenômeno de histórias traz a marca da singularidade concreta. Nesse sentido, as formas de sexuação representam mais do que trocas ou maneiras de linguagem, reportam diretamente aos modos de discursos. Como se discursar fosse também um ato de sexuar-se, de gozo, pois a subjetividade nesse instante torna-se também corporal. Somente no campo do discurso, no ato da linguagem, é que o surgimento do sujeito se torna possível como corpo sexuado.

Reportando a Quinet (2006) sobre os tipos de discursos:

Essas quatro formas de as pessoas se relacionarem entre si – governar, educar, analisar e fazer desejar – Lacan chamou de discursos, pois os laços sociais são tecidos e estruturados pela linguagem, de fato eles visam prover o gozo com a linguagem, para assim favorecer o estabelecimento das relações entre as pessoas (QUINET, 2006, p.17).

Governar corresponde ao discurso do mestre/senhor, em que o poder domina; educar constitui o discurso do universitário, dominado pelo saber; analisar corresponde ao laço social inventado no início do século XX por Freud, em que o analista se apaga como sujeito por ser apenas causa libidinal do processo analítico, e fazer desejar é o discurso da histérica dominado pelo sujeito da interrogação (no caso da neurose histérica, trata-se da interrogação sobre o desejo), que faz o mestre não só querer saber, mas produzir um saber (LACAN, 1969/70, 2016 p. 87).

Sobre os tipos de discursos, Lacan propõe seus nomes: o discurso do mestre (lugar do senhor/poder – S1); o discurso do universitário (lugar do saber – S2); o discurso da histérica (lugar do desejo/gozo – *a*); o discurso do analista (lugar do sujeito –  $\$$ ) e o discurso capitalista (lugar ampliado do senhor) são laços sociais estruturados em torno da relação do agente e de seu outro, revelando uma verdade.

O discurso do analista é considerado o extremo oposto do discurso do mestre, tanto que eles ocupam lugares contrários no matema. Nesse sentido, para Lacan o discurso do mestre seria o avesso da Psicanálise, assinalando a correspondência daquele sujeito que é possuidor do saber, que detêm o conhecimento. Todavia, a Psicanálise representa um sujeito que supostamente sabe, um sujeito de suposto saber, não detentor da verdade, de maneira que não evoca agendamentos ou assujeitamentos no outro, ao contrário da característica do discurso do mestre, vindo a submeter e gerar condicionamentos operantes no sujeito pelo conjunto de verdades impostas (LACAN, 1969/70).

No discurso da histérica, observamos uma relação sendo mediada pelo mestre, onde o mestre toma o lugar daquele que dirige seu sintoma, de quem pode vir a lhe curar, pois aqui no discurso da histérica o lugar de produção de desejo/saber é no campo do Outro (LACAN, 1969/70). Nos giros entre os discursos, o mestre passa a ser representado pelo S, o sintoma, já que, nessa estrutura de linguagem ele ocupa o lugar de dominante e a histérica de dominada. Há nesse laço social uma interrogação e uma necessidade de um desejo no outro e, conseqüentemente, uma produção de saber ou cura intermediada tanto pelo mestre como pela demanda, que, em último caso, inspira o fazer desejar (QUINET, 2006).

O discurso universitário não é propriamente o discurso universitário, mas sim aquele que se torna impelido ou construído a ser integralmente impessoal (LACAN, 1969/70), em vista a salvaguardar uma resposta neutra, sem apresentar inclinações políticas ou religiosas, ou seja, um discurso dedicado a não tomar lados. Dessa forma, a objetividade desse tipo de discurso reduz a realidade em dados, a causas mecânicas e a processos de naturalização; talvez em consequência da ausência da subjetividade ou da prerrogativa do discurso supostamente imparcial. Para Lacan, o discurso universitário ocorre na contramão do discurso do mestre, quando regride em prol da diplomacia, de não ocupar outros espaços de debate, paralisado em seu dever; não obstante as arbitrariedades da jurisdição política e econômica vão oprimindo lentamente qualquer novo enunciado ou ideia do discurso universitário (LACAN, 1969/70).

O discurso do mestre é citado por Lacan através da dialética de Hegel sobre o senhor e o escravo, sistematizada na obra *Fenomenologia do espírito* (1807) pelo autor alemão. Entretanto, a leitura feita por Lacan parte de outra apreciação, dando a entender uma mudança, fazendo uma interpretação contrária à exposição teórica de Hegel, na medida em que troca as funções do senhor e do escravo para exemplificar a lógica do gozo, pelo argumento de que o lugar de dominação é uma imagem invertida e falseada, ao denotar na verdade o desejo narcísico dos sujeitos. Existe um prazer *em saber dominar e ser dominado*, onde o desejo do homem é o desejo do Outro (LACAN, 1969/70). Essa é uma tentativa de ilustrar a via de mão dupla na relação de dependência e independência entre senhor e escravo. Conforme Lacan:

Eis o que constitui a verdadeira estrutura do discurso do senhor. O escravo sabe muitas coisas, mas o que sabe muito, é o que o senhor quer, mesmo que este não sabia, o que é o caso mais comum, pois sem isto ele não seria um senhor. O escravo o sabe, e é isto sua função de escravo. É também por isso que a coisa funciona, porque, de qualquer maneira, funcionou durante muito

tempo. O fato de que o tudo-saber tenha passado para o lugar do senhor (LACAN, 1969/70, 2016, p. 31).

Quanto à troca de papéis, podemos pensar que a postulação do senhor em Lacan já não tratava mais daquele senhor de escravos propriamente dito, mas, talvez, de um outro senhor, um senhor configurado pelas atribuições do capital, principalmente, quando tal senhor exerce domínio a partir do saber, apropriando-se dos bens e do saber produzidos pelo escravo. Tanto o senhor como o escravo estão imersos em uma dinâmica de domínio da própria dominação, ambos detendo simultaneamente formas que lhes geram prazer. Lacan parte da figura dos modos do senhor e do escravo hegeliano, empreendendo um estudo às avessas, para indicar o espaço do discurso do mestre e do capital (LACAN, 1969/70, p.48).

#### **2.4.2 Discurso capitalista**

Determinado por razões históricas, o novo discurso que se anunciou com articulações na estrutura do discurso do mestre emergiu como um novo tipo, que há pelo menos três séculos vem paulatinamente ecoando em nossas práticas. Essa nova modalidade, proclamada por Lacan de discurso capitalista, apresenta uma fórmula distinta das demais por se integrar aos quatro matemas e assim dar conta de variações em todo o universo discursivo. Em uma viagem à Itália, em 1972, Lacan expôs em termos históricos um conjunto de sequências daquilo que formaria esse *quinto discurso capitalista*, sinalizando os laços habilidosos da linguagem protestante e do protagonismo liberal do capitalismo nas práticas culturais e histórico-sociais, cuja inspiração, segundo Quinet (2012), veio de teses clássicas de Marx Weber, sem explicá-las explicitamente.

A história mostra que o discurso do mestre viveu durante séculos de modo proveitoso para todo mundo, até chegar a certo desvio que o transformou, por um ínfimo deslizamento que passou despercebido até para os próprios interessados, em algo que o especifica desde então como o discurso do capitalista...O discurso do capitalista se distingue pela *Verwerfung*, pela recusa, pela expulsão ao exterior de todo o campo do simbólico... recusa de quê? Da castração. Toda ordem e todo discurso que se aparenta com o capitalismo deixa de lado isso que de maneira simples chamaremos as coisas do amor. E isso, meus bons amigos, não é pouca coisa! E é por isso que, dois séculos depois desse deslizamento – chamemo-lo, por que não, calvinista –, a castração fez finalmente sua entrada sob a forma do discurso analítico (LACAN, 1969-1970/1990, p. 31).

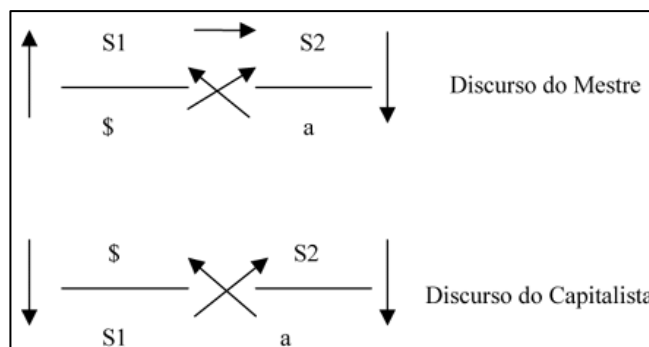
Ao mesmo tempo, o discurso capitalista também emergiu em consequência do encontro do saber científico e técnico da primeira metade do século XVIII, como se fosse uma transformação do discurso do mestre. Precisamente surge com as revoluções burguesas e com a revolução industrial, invadindo determinadas classes, criando vínculos de experiências e novas ordens de conduta política e econômica, na função de agente que atualiza o milenar discurso do mestre em crise, pois realizou interferências no desejo e no sintoma social. Nessa circunstância, os laços sociais se estabeleceram em lugares já predeterminados em nossa sociedade, ocupando sempre duas posições, o agente (dominante) e o outro (dominado). No laço social, um não existe sem o outro, a exemplo do vínculo entre patrão e empregado e na relação entre professor e aluno. A realidade social é composta por laços sociais que Lacan também chama de aparelhos de gozo, na medida em que essas relações promovem a satisfação na convivência ou coabitação com o outro. Com efeito, está delimitado pela cultura, e, portanto, traz assim suas referências simbólicas para saciar suas pulsões de vida e morte (LACAN, 1969/70).

Na atual modernidade científica e capitalista foi inaugurado um novo tipo de economia política, que não somente determina as regras do mercado, mas que também é uma economia libidinal, no sentido de capturar a satisfação pelo saber técnico, com o fim último de manter o *status quo*. Nas leituras de Marx, Lacan percebe que sua denúncia sobre o processo de espoliação merecia observações, pois este “a faz sem se dar conta de que é no próprio saber que está o seu segredo — como o da redução do próprio trabalhador a ser apenas valor” (LACAN, 1969/70, 2016, p. 21). Mas considerando a mais-valia na “topografia” libidinal, Lacan acreditava que o processo de espoliação tange ao gozo, na articulação com o lugar de saber; quando fundamentalmente na modernidade vem a ser marcada pela união da ciência universitária com o capital.

Lacan chega a falar de artefatos que a ciência permite fabricar e enviar ao mercado para o consumo massivo e que estão destinados à satisfação única e rápida de necessidades; tão logo são substituídos por outra fonte de desejo, funcionando como elemento catalizador, de transferência, de desejo, de mais-de-gozar. Entretanto, rapidamente cai na obsolescência, uma após a outra, em uma dinâmica voraz de busca por satisfação (LACAN, 1969/70, 2016, p. 188). Considerando dessa forma que o sujeito se torna um desconhecedor da sua servidão, na predominância daquilo que a

psicanálise chama também de “narcisismo” e por onde o discurso capitalista procura se alimentar.

Figura 02 — Discurso do mestre e o discurso do capitalista



Fonte: Lacan (2016)

O fato é que é próprio do capitalismo ser titular do discurso do mestre, pois cria as estruturas, explora as condições e se apropria dos espaços onde se instala o saber. Por exemplo, nas universidades, nos meios de comunicação de massa, em ideologias dominantes ou até em programas científicos, vigorando, assim, na modernidade o discurso do capitalista (*mestre capital*) como um tipo de significante-mestre, pois ali ele ocupa as posições de ordenar e gerar sentido para diversas significações, fazendo uma tirania com o saber (LACAN, 1969/70, p.138).

Dessa maneira, notamos como o discurso capitalista vai se infiltrando e sendo incorporado na malha social e nas formas de individualidades, em que a posição de *mestre* sempre estará na função de comando de produção e reprodução. Percebemos que houve um conjunto de fatores histórico-sociais que convergiram para tal estruturação, porém a dinâmica política e econômica da era industrial já vinha tecendo amarrações na condução dessa nova ordem, onde até a cientificidade positivista acelerou o processo de um discurso dominante. Desse modo, o discurso capitalista torna-se dominante pelo monopólio exercido na vida dos sujeitos e pela precariedade de alternativa a não adesão, em que, notadamente após a segunda guerra mundial chega o seu apogeu. Podemos citar o slogan “*American way of life*”, considerando o consumismo como exemplo marcante do discurso capitalista, pela padronização de comportamentos sociais e dos valores individuais do “bem-estar”, utilizado nos meios de comunicação e outros estímulos sensoriais para reforçar o lazer, a compra e a ideologia da riqueza. Assim, facilmente o discurso capitalista engole os indivíduos como em um tipo de “canto da sereia”, hipnotizando com a promessa da suposta vida equilibrada.

Sobre a incidência do discurso capitalista no campo educacional, notamos a perda de autonomia das escolas, a aceleração do aprendizado e a ênfase na formação técnica para gerar novas classes de trabalhadores. Dessa forma, a escola em geral atravessa uma grave crise, no sentido da ausência das práticas reflexivas e da exclusão de inovações emancipatórias, algo que já vem até ancorado no projeto formativo da escola, e, por isso, engendra como uma ação silenciosa da típica presença do capitalismo globalizado na educação.

No próximo capítulo, vamos elucidar melhor essa interseção entre psicanálise e marxismo para esclarecer a atuação do discurso capitalista na esfera psíquica e social, fazendo reverberá-lo na educação.

### 3. DO DISCURSO PARA A ESTRUTURA: A DISTÂNCIA APARENTE ENTRE PSICANÁLISE E MARXISMO

“Os signos tornam-se a arena da luta de classes”

Mikhail Bakhtin

Aprofundando nossa linha de investigação e indo agora em direção às bases da psicanálise, vamos tomar como referência algumas ideias de *Sigmund Freud* (1856-1939) que podem contribuir para o estudo do discurso capitalista na educação, como também avançar na proposta para um entendimento maior dessa transição entre Discurso e Estrutura, por vir a explicar como práticas articuladas em laços sociais possuem força de produção e reprodução de discursos, em especial o discurso capitalista. Para tanto, utilizaremos as contribuições do pensamento de *Louis Althusser* (1918-1990) a partir dos textos “*Freud e Lacan*” (1964) e “*Marx e Freud*” (1976) na mediação desse enfoque de investigação sobre análise das estruturas. Também no curso do segundo capítulo, vamos tecer algumas considerações sobre a perspectiva marxista adotada por Althusser nos referidos textos. Quer dizer enfatizar a preocupação do autor quanto à necessidade de retornar à tradição marxista para evitar as afirmativas de superação teórica das ideias de Marx ou daquelas tendências grosseiras e dogmáticas com fins totalitários, causando um entrave metodológico. Nessa medida, falar acerca da visão *Althusseriana* de Marx é lembrar-se da vital atenção às fontes, principalmente no materialismo dialético que viria a reverdecer a cientificidade do marxismo segundo o autor. O alerta de tal declínio trouxe um novo desenho, permitindo estabelecer um ponto de encontro com a psicanálise, aproximando a estrutura à ideologia.

Primeiramente, uma pergunta se faz necessária: “por que relacionar psicanálise ao marxismo?” Em geral essa tendência, até recente, se deve à volta do problema da consciência dentro das preocupações das diversas áreas da ciência, gerando uma cadeia de matérias experimentais e correntes híbridas. Talvez um marco teórico seja o surgimento da psicologia científica na segunda metade do século XIX, que desencadeou uma metamorfose cultural através de uma série de pesquisas, obras, correntes de pensamento e métodos inovadores de análise. Isso impulsionou os estudos em torno da reciprocidade existente entre o individual e o social, da percepção ativa da relação do mundo com o homem. Nesse curso, o motor histórico social é inserido como peça fundante para o desenvolvimento e a expectativa da sociedade, por conseguinte o

meio social é aquele que propicia o surgimento do psiquismo no sujeito, e não mais o inverso (ROUDINESCO, 1988). Nessa medida, áreas do conhecimento como a psicologia social e a sociologia, já influenciadas pelo marxismo, começam a fazer suas contribuições críticas ao chamado Freudismo, principalmente o pensamento intelectual soviético do início do século XX, *Mikhail Bakhtin* (1895-1975), *Lev Vygotsky* (1896-1934) e outros nomes que questionaram o primado da vida particular e privada em detrimento do papel histórico e social. Dentre as discordâncias, a noção de homem como sujeito abstrato e vinculado a instintos arremidos tomavam o centro das críticas (SÈVE, 1979). Quer dizer, logo de início a leitura feita sob a psicanálise à luz do marxismo foi marcada por desconfianças, especialmente na incredulidade da parcela psíquica nas estruturas econômicas e sociais. Perceber que as forças civilizatórias e o trabalho vão de encontro com nossas satisfações, nossos impulsos, propiciando o desprazer, seria afirmar a dimensão instintual e psíquica como uma constante de conflito na história. Essa rejeição é natural, já que a psicologia cognitiva estava em plena ascensão no panorama acadêmico e na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), com um dos seus principais expoentes, o também russo *Ivan Pavlov* (1849-1936), rebatendo qualquer tipo de mentalismo ou universalismo. Contudo, tanto Bakhtin quanto Vygotsky empreitaram estudos sobre a linguagem dentro do materialismo histórico, dada sua importância no papel social e no desenvolvimento humano, com os respectivos títulos *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Linguagem e Pensamento*, sem saber que adiante o campo da linguagem iria suscitar reflexões e diálogos entre a psicanálise e o marxismo. Nesse sentido, mais uma nova aproximação é realizada através dos estudos lacanianos entre discurso e laço social e a *função da fala no inconsciente* (SÈVE, 1979).

Eis o motivo de revisar a relação crítica entre marxismo e psicanálise, da linguagem entrar na cena do debate, pois o inconsciente também é estruturado como uma linguagem. Mas não só por isso, as contribuições da Teoria Crítica, utilizando as bases da psicanálise e do materialismo histórico ao falar dos comportamentos e pensamentos padronizados através da atuação dos sistemas dominantes fizeram coro à perspectiva de que uma realidade social com interfaces psíquicas (material ou simbólica) que corresponderia a uma forma de consciência ou de personalidade e, sendo assim, assinaladas na cultura de massa e nos meios de comunicação. Esses são trabalhos que serviram de substrato posterior às afirmativas freudianas do recalque e das perversidades humanas, a exemplo dos sentimentos em comum serem as verdadeiras



forças da comunidade, exigindo, por vezes, renúncias pulsionais geradoras de conflitos internos e externos ou autodestrutivos (FREUD, 2010/1930), assim como a obra de *Herbert Marcuse* (1898-1979) “*Eros e a Civilização*” de 1955, que também abriu uma releitura sobre a psicogênese freudiana. Se antes o contato manteve-se tenso, após as contribuições de diversos pensadores, principalmente Lacan na área da linguagem, houve a necessidade de observar temas em comum com outras correntes, na perspectiva que possam assumir relações fronteiriças a fim de se ajudarem mutuamente. A psicanálise proporciona outra resposta para os problemas da consciência, revisitando aspectos metafísicos que assombravam o horizonte mecanicista e comportamental da psicologia. Independentemente da questão, a linguagem surge como importante denominador comum se considerarmos os homens, o mundo e a linguagem inseparavelmente unidos (LACAN, 1969/70).

Mas será que podemos falar de marxismo e linguagem? Para alguns teóricos sim! Citamos uma passagem de Marx na obra *Ideologia Alemã* (1843/46): “(...) a linguagem, como a consciência, só surge da necessidade, a necessidade de intercâmbio com outros homens” (MAX; ENGELS, 1998, p.11-A)<sup>8</sup>. Uma observação relevante para a filosofia da linguagem ou para a linguística, visto que vem a suplementar a tese da natureza material e social da linguagem, em que revigora a importância da interação entre as pessoas através da função comunicativa e das trocas internas e externas, o intercâmbio dos indivíduos entre si traz o aperfeiçoamento como consequência. Uma hipótese empírica que se origina na divisão do trabalho e do papel da consciência em Marx (MÉSZÁROS, 1981). Como se vê, essa determinação põe em destaque temas centrais da tradição filosófica, que a posteriori terá o objetivo de unificar as compreensões da linguagem, seja social, política, linguística e psíquica. O desdobramento dessa série de observações trouxe talvez o mais rico resultado, como a lógica dos jogos de linguagem com Wittgenstein, a teoria da linguagem de Chomsky e em Lukács a ligação da origem do trabalho com as propriedades estruturais da linguagem.

Mas, como podemos identificar o pensamento marxista? Devido à ampla envergadura do sistema elaborado por Marx, como também à grande proporção de ciências que estudam e buscam conceituá-lo, podemos apenas trazer uma rápida noção

---

<sup>8</sup> Trecho retirado da obra *Ideologia Alemã*, a partir da subseção: A ideologia em geral e em particular a ideologia alemã. Tradução Luís Claudio de Castro, São Paulo, Martins Fonte, 2ª edição, 1998. (MAX; ENGELS, 1998).

do pensamento. De fato, na sua principal obra *O Capital* (1867), Marx desenvolveu uma crítica à economia política capitalista pela ótica do trabalhador revolucionário, tendo como base subsequente de investigação a concepção materialista da história, que constitui os elementos concretos da organização econômica, tanto de produção como de reprodução. Nessa medida, as categorias de valor, dinheiro, lucro, mais-valia e outras mais são elementos fundantes e concretos para o estabelecimento do modo de produção econômico do capitalismo (BOTTMORE, 2001, p. 387). Marx havia desenvolvido essa ideia em reação ao postulado hegeliano da época que acreditava na simples mudança de *consciência* do homem para fazer valer as transformações políticas e sociais. Segundo István Mészáros (1981), Marx criticava a posição idealista da filosofia e das ciências naturais por estarem ligadas ao modo alienado de produção, então elas também seriam uma forma alienada de conhecimento. Assim, Marx almejava uma “ciência humana” que fosse integrada ao real da vida, para fazer frente às ciências burguesas, investindo no homem comum, no processo de não-alienação e na denúncia às práticas desumanas (MÉSZÁROS, 1981, p. 94). Desse modo, ressaltando as condições de contradição histórica e sistêmico-estruturais, Marx revelou a problemática inovadora do estranhamento, da alienação e da autoalienação do homem e das ciências dentro da sua teoria. Vejamos:

O sistema marxista *in statu nascendi* é simultaneamente um tipo de balanço, bem como a formulação de um programa monumental de investigações futuras (...). É por isso que Marx escreve em seu “Prefácio” de Manuscrito de Paris (1844): “a riqueza e a diversidade dos assuntos a serem tratados só poderiam caber num trabalho em estilo puramente aforístico; ao mesmo tempo, uma apresentação aforística desse tipo teria dado a impressão de uma sistematização arbitrária. Farei, portanto, a crítica do Direito, da Ética, Política etc., numa série de folhetos separados, independentes, e no fim tentarei, num trabalho especial, apresentá-los novamente como um todo interligado, mostrando a inter-relação das partes separadas” (...). Não é de surpreender, portanto, que a realização do programa de uma crítica do Direito, da Ética, da Política, da Economia e etc., lhe exigisse toda uma vida, e que se trabalho tivesse de assumir uma forma muito diferente, na realidade, daquela em que foi originalmente projetado (MÉSZÁROS, 1981, p. 21).

Já no que se refere ao pensamento freudiano, na posição de articular brevemente um apanhado aqui, destacamos alguns pontos fundantes, dentre eles o inconsciente, na tarefa de evidenciar o que implica no marxismo. Para começar, o médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939) foi o fundador da Psicanálise a partir do lançamento da obra *Interpretação dos sonhos* (1900) e o precursor do método terapêutico *a talking cure*, em uma inédita solução para os casos de histeria de conversão e da angústia. Freud começou a estruturar sua clínica denominando a mente

como aparelho psíquico, fez a divisão clássica da consciência entre *Id*, *Ego* e *Superego*, em que enfatizou o papel do inconsciente (*Unbewusste*) na constituição do recalque, nas pulsões fixadas em fantasias e na ligação com conteúdos inatos ou filogenéticos, onde os desejos inconscientes tendem a se realizar por satisfações primárias ou em processo originários na infância. Além de descrever as fases do desenvolvimento sexual (*oral*, *anal*, *fálica*, *latente* e *genital*), Freud separou as psicopatologias por determinados sintomas e pela formação do sujeito edipiano<sup>9</sup>, quando as possíveis desordens psíquicas desencadeiam sofrimentos, assim tal fruto deságua em conflitos nos moldes da neurose, psicose e perversão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). O inconsciente é o conceito chave que perpassa toda a psicanálise freudiana e as demais correntes precursoras dessa ciência. Como Freud apreciava a filogênese da sociedade enquanto força de relações em grupos e instintos, afirmava que os fatores psicológicos interferiam na dinâmica econômica e social a partir de algumas posturas inconscientes como a de autoconservação, a agressividade e os ânimos libidinais, sendo reflexo de resistência do Super-eu<sup>10</sup>. Por isso, também reconhecia a importância da demonstração da teoria marxista sobre as estruturas econômicas, assim como a sua correspondente influência na submissão na ‘mente’ dos indivíduos, em intensificar a ética cristã e fazer censura à criação artística. Porém, Freud não acreditava somente nas razões econômicas como aporte para definir padrões de comportamento, já que a formação cultural, a raça<sup>11</sup> e a subjetividade tangem também à constituição do sujeito. Assim, para vermos o efeito das análises econômicas, superestrutura e infraestrutura, é preciso também considerar uma hipótese científica do indivíduo, caso contrário cairíamos em um anti-humanismo que nega qualquer antropologia. Desse modo, no texto *Novas conferências introdutórias* (1930-36), Freud notou o quanto a severidade das críticas sobre o pensamento marxista tornou o mesmo um perseguidor dos seus oponentes. Conforme vemos abaixo:

As investigações de Karl Marx sobre a estrutura econômica da sociedade e sobre a influência de diferentes sistemas econômicos em todos os setores da vida humana adquiriram inegável autoridade nos dias atuais. Em que medida os seus pontos de vista, em seus detalhes, estão corretos ou são errôneos, não posso dizer, naturalmente. Compreendo que esse assunto não é fácil sequer para outros mais bem instruídos do que eu. Não sei como posso

<sup>9</sup> Sujeito edipiano se refere à constituição da função do pai e da autoridade no sujeito, a qual implica no desejo como falta instaurando o ideal do eu (FREUD, 2010/1933, p. 59).

<sup>10</sup> Super eu está associado à formação de personalidade, à trama que começa dos sentimentos de culpa e vergonha internalizados nas práticas da nossa cultura moral. Também está relacionado ao pai simbólico, dada a figura de impedimento e proibição imposta por ele (FREUD, 2010/1933, p. 47).

<sup>11</sup> Ainda é preciso avaliar melhor o termo *raça* aqui aplicado, porém sabemos que Freud é um herdeiro do iluminismo Kantiano e do eurocentrismo científico.

desembaraçar-me da minha opinião leiga segundo a qual a estrutura de classes da sociedade remonta às lutas que, desde o começo da história, se desenrolaram entre hordas humanas muito pouco diferentes umas das outras. As diferenças sociais, assim pensava eu, foram originalmente diferenças entre clãs ou raças. A vitória era decidida por fatores psicológicos, como a quantidade de agressividade constitucional, contudo também pela firmeza da organização dentro da horda e por fatores materiais, como a posse de armas superiores. Vivendo juntos na mesma área, os vitoriosos tornavam-se os senhores e os vencidos se tornavam os escravos. Não há como ver nisto sinais de uma lei natural ou de uma evolução conceitual [dialética]. Por outro lado, é inequívoca a influência exercida sobre as relações sociais da humanidade pelo progressivo controle das forças da natureza (FREUD, 2010/1933, p. 120).

Nesse quadro inicial, queremos destacar mais de perto as possíveis proporções e elos entre os autores. Precisamente, quando essa articulação concebe uma elaboração possível a partir do materialismo histórico, sob o aspecto das formas históricas de individualidade<sup>12</sup>, quer dizer, na atividade produtiva, no consumo e nas alienações sociais. Como toda articulação possui suas faces, isso equivaleria a dizer, no que se refere a Louis Althusser, que ele precisou romper barreiras acadêmicas para pronunciar aquilo que pareceu estranho à época. Talvez o ponto de partida para sair da mera especulação foi quando Althusser não considerou apenas a realidade social, a superestrutura, mas a unidade desse conjunto de relações na qual a vida individual surge na figura do indivíduo, essa parte da categoria do todo que expressa o singular, misturando-se na engrenagem econômica, bem como as formas de individualidades atuantes. Mas, há ainda mais, o estranho foi também trazer a psicanálise para o seio do debate na sua versão de sujeito.

Sem ambição de realizar nenhuma síntese, mas a questão em torno da confluência entre o coletivo e o individual, ou aquilo que talvez indique a transversalidade da microanálise para uma macroanálise, diz respeito, dentre muitos aspectos, à reflexão sobre o mundo objetivo e como suas relações acabam por costurar também a vida intersubjetiva, de ter em vista uma dialética do sujeito atuante e receptivo à experiência objetiva da realidade social que acontece através da comunicação, das trocas significativas e do entendimento intersubjetivo (SMART, 1976, p. 109). Afinal, a suposição inicial em ambos os lados é que o sujeito não é dado, nem tampouco nasce ou desenvolve-se, mas se constitui para tratar desse sujeito que advém do ato de se constituir, onde a interlocução se dá pelo campo que ele tem efeito.

---

<sup>12</sup> “É elaborada a partir dos elementos fornecidos pelas relações sociais e do modo de produção, isto é, uma expressão histórica do fato biológico prévio de que a espécie humana, como qualquer outra espécie, se reproduz e se desenvolve através de um conjunto de indivíduos” (SÈVE, 1979, p. 202).

Precisamos nos lembrar da importância do papel da linguagem, isto é, da interseção da linguagem nos arranjos da formação do sujeito. E essa suposição tem pontos de diferenciação no marxismo e na psicanálise, mas que chegam pelo esclarecimento de Louis Althusser pelo conceito de ideologia.

Sobre essa noção prévia à questão, vamos apresentar na sequência a leitura realizada por Louis Althusser sobre os horizontes teóricos de Marx e Freud, para identificar o contributo de ambos na investigação sobre o impacto do capitalismo na educação.

### 3.1 Considerações acerca da relação entre psicanálise e marxismo

A questão sobre a aproximação e o confronto entre a Ciência Psicanalítica e a Teoria Marxista, situada aqui na compreensão do discurso capitalista em Lacan, adveio, a princípio, de um texto publicado na revista oficial do Partido Comunista Francês em 1949 chamada *La Nouvelle Critique*, que trazia no título “*Auto-critique: la psychanalyse, une idéologie réactionnaire*”, assinado por vários psicanalistas que se intitulavam marxistas, cujo teor trazia grandes discordâncias às ideias lacanianas, marcando assim uma turbulência epistemológica em torno do debate sobre Ideologia e Ciência. As discussões acaloradas, de fato, se assentaram somente com os trabalhos do filósofo franco argeliano *Louis Althusser* (1918-1990), no início dos anos 60, em um esforço diligente de esclarecer a relevância da questão que ganhava destaque. Assim, extraindo as polêmicas e incluindo pontos inéditos, que ora passavam despercebidos, ora ganhavam rapidamente um tom de censura, Althusser foi trazendo uma visão diferenciada que conteve os ânimos. Isso muito em virtude do declínio que a doutrina marxista ganhava a partir do cenário global econômico e do dogmatismo ortodoxo<sup>13</sup>. Na verdade, esse ponto em comum entre psicanálise e marxismo, que por si só também é problemático, emergiu com força após a conjuntura geopolítica do pós-guerra, do regime stalinista e das críticas ao humanismo teórico, muito acirrado naqueles anos na França. E, por isso, talvez, a questão da aproximação entre marxismo e psicanálise

---

<sup>13</sup> Em matéria de marxismo, o termo “ortodoxo” refere-se à maneira que usualmente se fez da expressão “marxismo ortodoxo” levando em conta o destino que o próprio marxismo ganhou nas leituras soviéticas. (LUKÁCS, 2003, p.64). Sabemos que a partir dos escritos de *György Lukács* (1885-1971) sobre os conceitos de “consciência de classe”, “marxismo ortodoxo”, “antinomias do pensamento burguês” e outras mais, suas obras tiveram grande visibilidade, dando origem a importantes debates no seio das organizações comunistas internacionais, principalmente na III Internacional, empreendendo depois a elaboração do texto *História e Consciência de Classe* (1923-25) (SMART, 1976, p. 144).

ocupou à posteriori o protagonismo de uma polaridade, entre o anti-humanismo teórico em oposição à função prática do humanismo no marxismo.

Por isso tudo, a proposta dada por Louis Althusser aponta para uma distância aparente entre a psicanálise e o marxismo, em uma espécie de fronteiras tangíveis, dado que as diferenças não implicam necessariamente um afastamento, mas, por hipótese, uma convergência singular. E quanto à observação comparativa entre a teoria da psicanálise e do marxismo, para Althusser a direção de ambas as abordagens levam rapidamente, em termos de definição, para uma episteme comum, ao modo de compreensão e formação de um conhecimento sobre a sociedade, da ordem das dificuldades sociais do homem no mundo, cuja força teórica pode espiar o real (ALTHUSSER, 2000). Visto que elas transcorrem sistematicamente das referências da própria vida, desenvolvidas a partir das demandas dos contextos que interagem e dialogam com o sujeito. Assim, a apropriação desse real nas duas linhas parte de uma base comum, ligada à associação entre prática e teoria. Com isso, Althusser buscou promover uma discussão no movimento comunista através da produção de dois pequenos textos, publicados separadamente, “*Freud e Lacan*” (1965) e “*Marx e Freud*” (1976), travando uma luta para dissolver aquela insistente visão ideológica sobre os aspectos psicanalíticos, identificando depois as declarações incongruentes que dispõem misturas de lados, começando nas tendências do biologismo, do positivismo e do psicologismo. Mas, para Althusser, as próprias críticas estavam presas às problemáticas idealistas, de acreditar na opinião de que a psicanálise se tratava de uma *ciência-charneira*, que une diferentes pontos para servir a si mesma, em que, no fim, produz e reproduz a ideologia burguesa dominante. Na realidade, boa parte dessa inflexão marxista desconsiderava a revolução que a psicanálise conduziu na *filosofia da alcova*, pressionando a cair às máscaras das leis que servem os desejos da própria burguesia dominante. Dessa forma, discorrer a respeito da relação entre psicanálise e marxismo através da ótica de Louis Althusser é esclarecer o papel das ideologias como ruptura no interior das ciências.

Nesse sentido, o autor apresenta no livro “*Marx e Freud*” (1976) alguns apontamentos interessantes sobre a constituição histórico-crítica da psicanálise e do marxismo, aspectos que concernem tanto aos impactos sentidos na sociedade pelas descobertas, como aos obstáculos que cercavam suas formações enquanto ciência teórica, o fio condutor na abordagem que ecoa semelhanças. Em outras palavras, a posição que permite estabelecer a *boa distância* ou uma intersecção entre elas. Assim

destacamos: a) *ambas apresentam um surgimento conflituoso*; b) *trouxeram um objeto à tona que fere a ideologia burguesa*; c) *tanto o marxismo como a psicanálise criticavam a tradição filosófica da consciência*; d) *a psicanálise também se abastece do materialismo histórico dialético*; e) *ambas as teorias descobriram um fenômeno que afeta os indivíduos, porém em campos diferentes*.

a) Louis Althusser apresenta uma leitura sobre o nascimento do marxismo e da psicanálise através dos conflitos deflagrados por ambas, chamado pelo autor de *surgimento conflituoso*, cuja chegada exigia entrar no campo de validação das novas ciências. Desse modo, muitos faziam referência à tese do seu descobrimento e à falta de definição clara do objeto de estudo da psicanálise e do marxismo, em face dos limites de extensão teórica, vendo nisso uma extrapolação. Uma parte afirmava que o objeto de estudo da psicanálise, *o inconsciente*, continuava no campo transcendental, pois o material clínico aparecia como fruto da interpretação de um ambiente intersubjetivo, onde os desdobramentos na vida do sujeito mostravam-se ainda insuficientes, dada a hipótese abstrata de um fenômeno não observável. Do lado marxista, a austeridade ficava dirigida a não concordância das implicações políticas, sociais e econômicas do seu principal objeto de estudo, *o capital*, por ir de encontro ao Direito Natural, ao moralismo jurídico e à política liberal dominante, que estabeleciam o conjunto de relações de produção e antagonismos na sociedade para explorar as classes (ALTHUSSER, 2000). Sem falar do abalo antropológico, cujo efeito encontra-se também na submissão exercida pela ideologia burguesa sobre os sujeitos. Muitos críticos alegavam que a descoberta da luta de classe<sup>14</sup> é anterior a Marx, algo que o próprio autor reconheceu em suas obras, da mesma maneira com o estatuto do inconsciente freudiano, que já foi associado a textos da filosofia clássica. Em qualquer caso, bastou Freud e Marx revelarem ao mundo os pontos mais sensíveis dessa estrutura ideológica burguesa para que muitos ficassem assombrados, e de pronto viessem às consequências com ataques as suas ideias revolucionárias, sobretudo para que se calassem. Sobre o nascimento conflituoso dessas ciências, vejamos:

Nesse sentido, nem Marx e nem Freud inventaram nada: o objeto, cuja teoria cada um deles produziu, existiu antes de seu descobrimento. O que foi então que acrescentaram? A definição de seu objeto, de seus limites e extensões, a caracterização de suas condições, de suas formas de existência e de seus efeitos, a formulação das exigências que se devem cumprir para compreendê-lo e atuar sobre ele: ou seja, sua teoria, ou as primeiras formas de sua teoria (ALTHUSSER, 2000, p.76).

---

<sup>14</sup> Ver BOTTOMORE (2001).

b) No que diz respeito à aproximação dos objetos de estudo, cabe destacar que o objeto de Freud não é o objeto de Marx<sup>15</sup>, nem vice-versa, mas poderíamos insistir na *conjunção a partir do impacto social provocado por ambos os estudos* através de uma virada drástica que direcionou aquela época e a nossa atualidade (ALTHUSSER, 2000). De fato, seus objetos de estudos apresentam razões que justificam um golpe no imenso edifício da ideologia burguesa, uma ferida narcísica profunda na *autoverdade* da superestrutura social, como dirá Freud. Um abalo só antes sentido nas ciências da natureza e na história cultural através das descobertas copernicana e darwinista, ou seja, a terra, assim como o homem, não é mais o centro do universo como professava da igreja, nem mesmo somos mais presos ao mito da criação, mas originados da Teoria da Evolução das Espécies, como um ancestral comum ao dos chimpanzés. Por isso, ao retomar algumas questões do marxismo como uma teoria crítica da sociedade, pode-se declarar ter ele realizado com um golpe de mão a denúncia do moderno direito natural e da economia política neoclássica da burguesia, geradora das lutas de classe, das desigualdades e da autoverdade produzidas pelas estruturas de poder. Na mesma medida, a psicanálise freudiana delatou o cinismo e a hipocrisia que rege os princípios do prazer e de realidade, fundamentais para a preservação de trocas entre o senhor e o escravo, da dinâmica do desejo entre tiranos e reprimidos. Mas não parou por aí, Freud escandalizou a época ao falar do prazer no ato da perversidade, a necessidade de se apropriar do corpo do outro e da sua liberdade, e, não raro, ainda faz da dor um gozo (JORGE, 2002). Uma postura psíquica ‘reprimida’ e projetada ao máximo nas expressões cotidianas, onde Eros e Tânatos se retroalimentam nessa dinâmica social quase como uma ciranda da loucura. Como podemos ver a seguir:

E, sem dúvida, não é por acaso que os dois descobrimentos que modificaram o mundo cultural, num espaço de cinquenta anos, pertencem ao que se convencionou chamar Ciências Humanas ou Sociais, e que rompe com os processos tradicionais de descobrimento nas Ciências da Natureza e nas formações teóricas da ideologia. Não é, tampouco, por acaso que essa ruptura comum tenha sido sentida, por numerosos contemporâneos, a partir do momento em que Marx e Freud se tornaram suficientemente conhecidos, como a manifestação de uma certa afinidade entre as duas teorias. (...) não foi por acaso que alguns deles começaram a buscar as razões dessa afinidade numa identificação de objeto, como, por exemplo, Reich, querendo identificar os efeitos do inconsciente isolados por Freud com os efeitos da luta de classes apontados por Marx (ALTHUSSER, 2000, p. 77).

---

<sup>15</sup> Essa busca por uma homogeneidade conceitual ficou vinculada, especialmente, na postura preestabelecida da ideologia monista, onde continuava mantendo a mesma problemática reducionista de explicar tudo por uma única substância, o Espírito. (KELLE; KOVALZON, 1976, p. 319).



c) Seguindo ao próximo ponto, um aspecto em comum que permite relacionar Freud a Marx, considerando, é claro, aquela boa distância, falaremos de algo já oriundo de um velho problema filosófico, chamado de *consciência*. Mais especificamente diz respeito ao *sujeito-consciente*, àquela compreensão de homem enquanto sujeito, com sua expressão munida da unidade da consciência, uma perspectiva questionada inclusive por Freud. Na época, o que vigorava na psicologia era a influência da concepção ontológica de Pavlov, de base fisiológica na *consciência-reflexa*, caminho oposto de Freud que defendia uma consciência dividida e marcada por instâncias, isto é, não ser fruto de um automatismo ou de uma percepção mecânica. Na verdade, Freud sempre questionou as condições de possibilidade da consciência conhecer a si mesma, da ingenuidade do autoconhecimento de si, pois existem na consciência zonas incognoscíveis, então para ele é preciso reconhecer as limitações do sujeito-consciente, ou seja, a própria instância do inconsciente, cuja existência só sabemos pelo retorno do recalcado (ROUDINESCO, 1988, p. 50). Vale à pena recordar que Marx criticou essa noção de sujeito-consciente enquanto ideologia necessária para a configuração filosófica da burguesia dominante, sobretudo a versão do *homo economicus* da Economia Política Clássica, que advogava por um sujeito-consciente de suas necessidades e, ao mesmo tempo, considerando ele um componente último e integrante da sociedade. Nesse feito, estabelece uma medida de pares que induz um processo de identificação amplo entre sujeito e sociedade. No entanto, como Marx<sup>16</sup> assinala na *Ideologia Alemã* (1867), essa noção de sujeito não é nada accidental, ao contrário, compreende a visão de uma consciência “anã”, em que a natureza dessa consciência é servil e pacífica, propícia às regras econômicas e sociais que são impostas. Assim, temos o reconhecimento de uma ideia moral de sujeito obediente, consciente apenas das leis do dever, mas alienado àquilo que lhe obriga a tal. A citação a seguir complementa a questão:

Seria fácil demonstrar a conspiração ideológica que paira sob o domínio da ideologia burguesa, em torno da noção de *sujeito consciente de si, realidade extremamente problemática* para uma ciência possível ou impossível do homem, mas realidade, pelo contrário, terrivelmente *exigida* pela estrutura de uma sociedade de classe. Na categoria de sujeito consciente de si, a ideologia burguesa *representa* os indivíduos como o que devem ser, para aceitar sua

---

<sup>16</sup> Marx e Engels no ano de (1845) desenvolveram estudos sobre a filosofia da autoconsciência, para compreender a realidade social e as relações entre os indivíduos, em especial, a forma com a qual se buscava entender o próprio homem. Uma elaboração que teve como resultado a obra *A Ideologia Alemã*, publicada somente em (1932), onde houve grandes contribuições para uma crítica à filosofia alemã, assim como a elaboração do materialismo histórico (KELLE; KOVALZON, 1976, p. 34).

própria submissão à ideologia burguesa, representa-os como dotados da unidade e da consciência (essa mesma unidade) que devem ter para unificar suas diferentes práticas e seus diferentes atos sob a unidade de classe dominante. (...) Na realidade, se compreende bem Marx, não há nenhum mistério nesse *ponto sensível*, que Freud atacou de toda tradição filosófica clássica e das formações *teóricas* da ideologia burguesa, como são a Psicologia, a Sociologia e a Economia Política, ou de suas formações práticas, como a Moral e a Religião. Basta compreender que os diferentes “sujeitos-conscientes-de” são unificadores da identidade social do indivíduo, enquanto eles mesmos estão unificados como outros tantos exemplares de uma ideologia do ‘homem’, ser naturalmente dotado de consciência, para captar a unidade profunda dessa ideologia e de suas formações teóricas e práticas (ALTHUSSER, 2000, p.85).

d) No tocante, continuamos as referências de Louis Althusser a esclarecer sobre a articulação entre a *psicanálise e o materialismo histórico dialético* de Marx. Tal provocação começou com a obra “*Materialismo dialético e psicanálise*” (1929) de Wilhelm Reich, quando o mesmo buscou, equivocadamente, uma identidade nos respectivos objetos, ao reduzir o conflito psíquico ao conflito originário eu-mundo exterior, ou seja, ignorando a relativa autonomia<sup>17</sup> de ambas as estruturas. Mas conseguiu resolver algumas distorções do *revisionismo* psicológico americano, como também utilizou a dialética no psiquismo em favor da visão marxista para responder às indagações da época sobre a ascensão do fascismo (ROUDINESCO, 1988, p. 135). Para Althusser, Freud pode ser considerado um materialista, porque desenvolveu seu escopo teórico inserido em uma dinâmica prática, no trabalho clínico de observação, de análise e produção de registro de experiência a fim de não cair no dogmatismo ou fisiologismo. Freud era ateu e médico, estudou incansavelmente a terapêutica da hipnose na cura de doenças orgânicas, também pesquisou a separação dos distúrbios neurológicos em casos de transe, equiparando as manifestações da mente com o processo de somatização (quantidade de excitação de afeto produzido pelo aparelho psíquico), ocasionando, por vezes, a histeria ou neuroses obsessivas (ROUDINESCO, 1988, p. 258). Dessa forma, Freud partiu de casos sólidos e palpáveis, como casos de paralisia motora provocada por eventos traumáticos, para evidenciar que os fenômenos psíquicos não devem ser reduzidos a fenômenos físico-químicos, neurais ou comportamentais, algo simples podendo até ser modificável em laboratórios. O materialismo vulgar ignora os processos psíquicos por entender que eles não têm em si nada de material, geralmente

---

<sup>17</sup> Marx acreditava que as massas são em si revolucionárias, no entanto, com a ascensão e a vitória do fascismo surgiu um dilema teórico e político. Nesse caso, a realidade ideológica precisava ser considerada como componente da superestrutura e dotada de autonomia relativa. Contudo, o problema continuava porque as relações entre as estruturas ainda eram concebidas de forma mecânica, e, as respostas ideológicas acabavam desviando o método marxista (KELLE; KOVALZON, 1976, p. 327).

considerando apenas material aquilo que é concreto ou tangível, limitando-se a comprovações casuísticas. Um erro de percepção que até Marx combateu em suas *Teses sobre Feuerbach*<sup>18</sup> (1888) foi o materialismo contemplativo tomar a realidade apenas como objeto, só concebendo o mensurável, esquecendo da composição da atividade abstrata ou sensível dentro da própria realidade. Vejamos:

Se a tese mínima que define o materialismo é a existência da realidade fora do pensamento ou da consciência, Freud é, desde o início, materialista, já que nega a primazia da consciência, não só no conhecimento, mas também na própria consciência, e nega, além disso, a primazia da consciência na Psicologia, para pensar o aparelho psíquico como um todo, em que o ego, ou o consciente, nada mais é senão uma instância, parte ou efeito. Em um nível mais geral, a oposição de Freud a todo idealismo, ao espiritualismo e à religião, mesmo se esta disfarça de moral, é bem conhecida (ALTHUSSER, 2000, p. 77).

No aspecto dialético, afirmam Althusser e Reich, haveria uma afinidade a partir de figuras balizadoras na teoria freudiana, por colocar a subjetividade no campo dialético, utilizando para sinalizar os movimentos ou ritmos do aparelho psíquico, conhecidas como os mecanismos de defesa, por exemplo: regressão, projeção, negação, transferência, dentre outras (JORGE, 2002, p. 32). Categorias essas que estão sujeitas ao impulso do inconsciente, que aparecem “orbitando” o nosso íntimo mesmo à revelia da consciência, esse inconsciente que tem força própria e desconhece a lógica convencional. Contudo, o inconsciente não é algo externo ao consciente, mas resultado da impossibilidade da própria consciência enquanto totalidade de fechar-se em si mesma. Segundo Freud (1930), as regras da lógica não têm validade no inconsciente, podendo dizer que ele é o reino do “ilógico”, pois Freud não parte de uma lógica da cognição, mas da própria lógica do inconsciente. Assim, as regras da lógica formal, do legado aristotélico, kantiano ou hegeliano, não se aplicam à instância do inconsciente por estabelecer como pressupostos as condições de juízo e raciocínio como forma mais elementar do pensamento. Todavia, Lacan encontra uma falha na articulação desse aspecto na definição do inconsciente freudiano, em vista do inconsciente desconhecer qualquer regra da lógica formal, e, sendo assim, pensado simplesmente como oposto da consciência. Nesse sentido, retorna inevitavelmente a lógica pela contradição, na qual é flagrado na sua contradição de não possuir simultaneamente o seu oposto, inconsciente

---

<sup>18</sup> Diante das influências de Hegel e Feuerbach é trabalhado por Marx na referida obra um distanciamento a partir da relevância da atividade *práxis* como uma nova introdução do materialismo que contemplasse a subjetividade humana, assim se diferenciando do idealismo e do materialismo contemplativo anterior (MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. (1888) (MARX, 1888).

≠ consciente, quer dizer, o princípio da não-contradição, *condição base para haver a contradição* (LACAN, 1985, p. 22). Lacan em seu Seminário XIV, afirma que na verdade a lógica do inconsciente é a lógica da fantasia individual, própria daquele que constitui sua subjetividade, atravessada por uma ontologia e uma dialética. Articula-se com as proposições de ordem dos significantes, onde o recalque incide sobre esses significantes. Dessa maneira, haveria sim uma lógica na constituição do inconsciente, vista por um horizonte dialético acerca da subjetividade. Vamos à citação:

Quanto à dialética, Freud nos deu surpreendentes figuras dialéticas que nunca considerou como *leis* (essa criticável modalidade de uma certa tradição marxista): por exemplo, as categorias de transferência, condensação, superdeterminação, etc., e também essa tese limite de que *o inconsciente não conhece a contradição*, e que essa ausência de contradição é uma condição de toda contradição. Meditar sobre essa tese nos levaria muito longe. Isso é capaz de fazer explodir o modelo clássico da contradição, modelo tirado demasiadamente ao pé da letra de Hegel para poder servir de método para uma análise marxista (ALTHUSSER, 2000, p. 77).

e) Sobre o último ponto a ser esclarecido, de *ambas as teorias terem descoberto um fenômeno que afeta os indivíduos, porém em diferentes campos*, podemos fazer os destaques que seguem. Partindo da importância do conjunto das obras do filósofo, sociólogo e economista *Karl Marx* (1818-1883), sua influência encontra-se no mínimo em acontecimentos ou eventos sociais na contemporaneidade, em fatos históricos revolucionários que conduziram à queda de um império, manifestando, talvez, o cerne da teoria marxista, a luta por convicções que inspiram os homens a contribuir para a ação no plano social. Acrescentando a isso, a visibilidade dos conceitos sobre trabalho, meios de produção, classes e mais-valia, inspirou coletivos e intelectuais para somar com seu trabalho, especialmente no que tange a uma teoria sobre o conhecimento da sociedade. Certa vez, Marx afirmou sobre a importância do livro *O Capital* (1867), que seguramente era “*do mais gigantesco míssil lançado na cabeça da burguesia*”<sup>19</sup>. Dessa maneira, *o fenômeno* concentra-se na descoberta do homem<sup>20</sup> sendo elaborado junto à tomada de consciência do meio social, seja pela percepção sensível imediata ou pelas ações históricas das massas. A estrutura do materialismo dialético permitiu a incorporação do homem como ser social que transforma o mundo pela sua prática, quer dizer, permitindo relacionar a existência objetiva do mundo material à faculdade dinâmica do pensamento do homem. Essa racionalidade marxista sobre a

<sup>19</sup> Citação retirada do livro de ALTHUSSER “Marx e Freud”. (ALTHUSSER, 2000).

<sup>20</sup> Num constante choque entre o terreno materialista e o quadro de concepções idealista (KELLE; KOVALZON, 1976, p. 19).

perspectiva do *homem numa dupla função* proporciona uma descoberta de um tipo de fenômeno que afeta os indivíduos a nível macro, a sociedade no seu conjunto exerce um papel na consciência, e repercute mutuamente em outras esferas (BOTTOMORE, 2001, p. 427). Com efeito, poderíamos dizer que Marx traz um tipo de individualidade social ou formas históricas da individualidade, quando aponta para os indivíduos que ficam sujeitos ao motor de todo o processo econômico ou histórico, por tratar de relações sociais entre as condutas pensadas nas estruturas necessárias da vida individual (MÉSZÁROS, 1981).

Em Freud, os passos se assemelham, mas sob outro formato, bastando citar suas palavras conhecidas ao chegar nos Estados Unidos em (1909) para uma sequência de palestras nas universidades americanas: “*Trazemos-lhe a peste*”. Referindo-se à onda atônita de críticas e acusações desferidas a ele por falar em sexualidade infantil e outras mais. Na realidade, Freud atacou toda a tradição filosófica clássica, as ideologias morais e as religiões, posto que o inconsciente flagrasse com lentes de aumento a neurótica ilusão de normalidade e falsa consciência pura ou casta existente na ideologia psicológica, na moral e na tradição filosófica. Lançou obras com certo viés social, *Psicologia das massas e análise do eu* (1920/1923), *O Mal-estar na civilização* (1930/1936), *Totem e Tabu* (1914), *Futuro de uma ilusão* (1927), *Considerações atuais sobre a Guerra e a Morte* (1915), dentre outras. De todo modo, não significa dizer que Freud desenvolveu uma tese sobre as relações sociais ou a sociedade, mas através dessas obras lançou-se luz na sua descoberta de um fenômeno muito particular que afeta os indivíduos, que toca no âmago do sujeito e transborda em sentimentos, em angústias, em inibições e sintomas, vai até o corpo, mostrando-se e escondendo-se no jogo das palavras, tornando-se visível na psicopatologia da vida cotidiana (JORGE, 2002, p 34). Falou de um estado de melancolia, sem explicações aparentes, somente a sensação de incompletude que a ‘vida’ não basta. Assim, esses sentimentos capturados por Freud denotam um mundo íntimo que só era antes retratado na literatura, na teologia ou na tradição filosófica clássica visto como algo pueril das paixões dos homens. Porém, o esforço de Freud em um projeto científico para a psicanálise demonstra o empenho desse conhecimento e não se reduz à simples ideologia ou a divagações metafísicas. Daí reside à constatação de um fenômeno na esfera particular do sujeito, na categoria do microcosmo, que precisa apenas ser considerado no plano teórico e prático. Abaixo a citação complementar:

O mais paradoxal é que Freud, salvo em alguns ensaios, nunca tentou verdadeiramente compreender e pensar, como um todo, essa ideologia burguesa que acabara de atacar no seu ponto mais sensível. Sigamos avançando por esse caminho: não estava em condições de fazê-lo, uma vez que, para isso, teria de ser Marx. E não era Marx: *seu objeto era muito diferente*. Mas bastou-lhe revelar ao mundo estupefato que *esse outro objeto* existia, para uma razão ou por outra, mas sobretudo porque estavam unidos pelas convicções da classe dominante, tinham interesse em que *se calasse*. (...) homens que sabiam não somente o que significava lutar mas que sabiam também que traziam ao mundo ciências que podiam existir a não ser na e pela luta, pela simples razão de que o adversário não podia tolerar sua existência: ciências conflituosas, sem nenhum compromisso possível (ALTHUSSER, 2000, p. 86).

Sem sombra de dúvida, cabe afirmar que as tentativas de Althusser em escrever uma simetria histórica-social que aproximam Marx a Freud e Freud a Marx são autênticas, por encontrar nos conflitos gerados por essas ciências um fio condutor para compartilhar ideias e comprovar uma nova racionalidade a caminho.

Esses não são pontos secundários ou pormenores à questão, isto é, pensar que não há afinidade clara para explicar uma similaridade<sup>21</sup> entre ambas, ou melhor, olhar apressadamente os aspectos correspondentes e chamá-los de mera coincidência histórica. Se seguirmos por essa linha, só se considera a validade expositiva mediante demonstração *stricto sensu*, e, com sorte, fazendo uma complementação original. A obediência ao rigor científico, às vezes, suprime até o caráter especulativo e as evidências. Pois, até mesmo um problema simples pode ser difícil de explicar, e isso não diminui a tentativa. Efetivamente, se examinarmos amiúde as partes, é impossível levar em conta toda a linha de inclinação das respectivas teorias. Assim, dispor um percurso de influência conceitual, que outrora Wilhelm Reich fez sem sucesso, ou qualquer levantamento de hipóteses ou proposições afins, não estaria em total conformidade com a proposta da presente pesquisa. Aqui nossa estruturação concebe aspectos históricos e sociais como alinhamento para as formulações das abordagens de pensamento, das concepções teóricas poderem ligar-se quando uma reage à outra, pelos obstáculos epistemológicos ou por oposição complementar, formando um ímã talvez, porém sem que haja perda de suas características. Esse ímã entre a psicanálise e o marxismo que desperta conflitos e admiração é fundamental para entender a produção e o domínio do discurso capitalista na educação e na sociedade.

---

<sup>21</sup> Precisamos destacar que apenas Freud tomou consciência das obras de Marx, mesmo assim, suas leituras foram rápidas, o mesmo dizia que não conseguia julgar a pertinência de sua tese. Enquanto o alemão de Tréveris, não chegou a conhecer o próprio legado de suas obras (FREUD, 1974, p.16).

Como se vê, consideramos alguns elementos históricos e sociais que atravessaram criticamente e de forma consonante as duas posições científicas, seja por conflitos ou por um balanço de interpretações. As oposições surgiram muito em face às diversas concepções que o *revisionismo* tentava dar para os problemas levantados pelo marxismo e pela psicanálise, aliás, elas na sua maioria estavam mais ligadas a uma visão sintética e aut centrada da vida social. Neste ponto, as críticas exigiam que tais teorias da sociedade e do sujeito fossem estudadas sob todos os aspectos, da sua natureza até seu alcance epistemológico, deveria ir para além do domínio puramente filosófico. Evidentemente que as soluções da psicanálise e do materialismo histórico-dialético de Marx precisavam ser encaradas na sua flexibilidade e mobilidade conjectural, uma vez que elas operaram em um terreno completamente inédito e com outros pontos de partida jamais considerados no campo de investigação. Muito embora, atualmente, ninguém se atreveria a negar ou ignorar as transformações revolucionárias desencadeadas por elas, fornecendo material suficiente para compreender os objetos por elas estudados.

### **3.2 Ideologia e ciência: a reprodução dos meios de produção**

Como, parte integrante desse aprofundamento temático sobre Discurso e Estrutura, que visa compreender a incidência do discurso capitalista na educação contemporânea, vamos passar a referenciar também as ideias sobre o Aparelho Ideológico de Estados de Louis Althusser como explicação indispensável sobre os meios de produção e reprodução das estruturas, em que a ciência surge como a principal representante dos discursos dominantes pela posição que ocupa na dinâmica. Essa articulação se faz necessária em razão de Lacan apresentar o discurso capitalista como uma subdivisão de outro tipo de discurso, desenvolvido por ele na Teoria dos Discursos, chamado de discurso do mestre, que vem a ser aquele que exerce pelo *saber* as formas de dominação ou repressão nos jogos de poder nos meios sociais e nos sujeitos. Nesses termos, o caráter estrutural do discurso se rende também ao sistema e à episteme vigente, no qual pode ter como característica o fato de operacionalizar ideologias, orientar divisões de mundos, nortear monopólios econômicos, políticas totalitárias e matrizes educacionais.

Entre o século XIX e XX, o conceito de ideologia empregou grandes alcances no campo das Ciências Sociais, principalmente na Sociologia e na Ciência Política. Mas esse conceito ganhou em Marx um destaque diferente, aplicado na investigação do capital e da hegemonia dos interesses burgueses, descrevendo a reprodução da política econômica e do trabalho existente. Até fora do marxismo o termo obteve impacto significativo. Porém, durante a guerra fria, a releitura do papel sociopolítico da ideologia virou do avesso, identificando-a como um pensamento ultrapassado e problemático para se sustentar devido a seu aspecto utópico, reduzindo-a, assim, a esse desfilamento. Com a emergência dos acontecimentos políticos, a partir da queda do Muro de Berlim, foi apregoada a vitória do liberalismo frente ao socialismo, em uma acepção que o individual veio a influenciar derradeiramente a importância do senso coletivo. E é nesse âmbito que veio a prevalecer os conceitos sobre o campo do simbólico e dos discursos em detrimento da abordagem ideológica sobre a realidade (GALLO, 1998, p. 137). Já que aquele conceito de ideologia<sup>22</sup> não respondia mais às necessidades atuais, alguns teóricos optaram por seguir a trilha do discurso, na atitude de frear tal visão eliminacionista, como *Ernesto Laclau* (1935-2014), *Michel Pêcheux* (1938-1983) e até o próprio Althusser. Fortuitamente notou-se adiante o efeito da junção entre linguagem e ideologia, significando, pois, aquilo que faz funcionar as estruturas na sua forma de organização, definida agora por eles como uma linha dos pós-marxistas.

Essa condição de entremeio, que utiliza aspectos da linguagem psicanalítica com o estruturalismo para dar conta das contradições do real, levou a tarefa de volver uma compreensão da realidade em crise e do sistema econômico liberal. Isto é, utilizou-se de uma nova trilogia com o Materialismo Histórico, Psicanálise e Estruturalismo para compreender as condições reais dos sujeitos, nesse caso a formação histórico-social do capitalismo, de base econômica nas superestruturas jurídico-políticas e ideológicas, que interpelam a subjetividade no território dos acontecimentos materiais dos discursos (PÊCHEUX, 2009). Quer dizer, o embate que travava o papel do ideológico cede lugar às novas referências sobre o inconsciente, no sentido de estabelecer uma analogia entre o inconsciente lacaniano com a ideologia na acepção

---

<sup>22</sup> Em síntese, a concepção filosófica materialista explica a ideologia como um sistema que contribui para a alienação da classe trabalhadora na sua condição de exploração, assim como estabelece a função de manter os interesses políticos e econômicos da burguesia. Da mesma forma, o aspecto ideológico transforma as ideias da classe dominante em termos universais para a sociedade como um todo (CHAUÍ, 1988).



althusseriana e marxista. E, através disso, descobriu-se a linguagem enquanto forma material que compõe os campos estruturais. Tal marca vem a reformular a maneira de conceber ambos os conceitos<sup>23</sup>, pensando não como uma simples adesão do inconsciente dentro da ordem da ideologia, mas da ideologia interpelar os sujeitos a fazê-los submeter inconscientemente ao Outro, ou seja, na associação<sup>24</sup> da ideologia com o inconsciente podemos presumir as causas que determinam o efeito de captura do sujeito frente aos modos operantes da estrutura capitalista.

Com Louis Althusser, o conceito de ideologia estabelece uma relação com a psicanálise freudiana e lacaniana, ganhando uma extensão conceitual vinculada às ações do inconsciente e dos processos de identificação do sujeito humano. Essa nova abordagem ressignificar a ideologia deixando-a mais fluida, visto que convocaram os fenômenos inconscientes do sujeito (condensação, deslocamento, dentre outros), os fenômenos da linguagem (léxico e sintático) em associação com a reprodução das condições de produção em uma sociedade capitalista (PÊCHEUX, 2009). Através da metáfora da estrutura social dividida em infraestrutura econômica e superestrutura dos processos jurídico-políticos e ideológicos, vieram como ordem e marca as transformações práticas da subjetividade ou do sujeito. Em termos psicanalíticos, as associações com os horizontes do *eu ideal* e do *ideal do eu* como propulsores constantes das formas de produção das ideologias sociais, que possuem efeito retroativo nas dimensões particulares do sujeito (LACAN, 1969/70). Assim, para Althusser, a ideologia tem função ativa na construção das estruturas normativas de identificação. De fato, Freud já indicava os meandros escuros de nós mesmos, exatamente no momento em que estamos fazendo o esforço para revolucionar a nós mesmos e ao sistema de coisas e de ordens.

Efetivamente, não podemos deixar de destacar que Althusser define a ideologia enquanto prática e representação, em que através de interpelações os sujeitos passam a se constituir, em uma relação entre as possibilidades reais de existência e a função imaginária. Assim, propondo de forma cuidadosa uma elaboração teórica sobre a ideologia em Marx, Althusser traz a tese de que a ideologia seria uma representação a

---

<sup>23</sup> Os conceitos de ideologia e linguagem.

<sup>24</sup> Segundo a corrente de pensamento francesa chamada Análise do Discurso (AD), essa associação poderia ser pensada em determinada medida, na possibilidade do laço que une a ideologia ao inconsciente concorrer para a linguagem e com isso convergir para a formação do sujeito. É a partir desse entremeio que Michel Pêcheux afirma: “(...) a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia não deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente.” (PÊCHEUX, 2009, p. 278).

nível imaginário para os indivíduos dentro de determinados contextos vivenciados, possuindo uma dimensão material (ALTHUSSER, 2008, p. 195).

Nesses termos, o papel dos discursos ganha um caráter histórico e material, pela justa via de mão dupla de sua atuação, entre dados concretos da estrutura social e os dados abstratos da experiência individual e grupal da realidade social (PÊCHEUX, 2009). Quer dizer, os discursos não são simplesmente reflexos dos acontecimentos ou resultados de condições de produção, como se a finalidade deles fosse descrever eventos de uma época em que foram produzidos. Mas saber levar em conta a historicidade que atinge a estrutura, em que de fato é ela que organiza o modo das formações discursivas para notar aquilo que sobressalta, talvez delatando um evento. Nessa medida, consideramos que não há divisão do estrutural para o histórico, já que a estrutura é histórica<sup>25</sup>. São nas contradições que podemos conhecer as contribuições e as narrativas de sentido. Cabe destacar também que Lacan (1969/70) dispõe na cena social o discurso do mestre como aquele tipo de prática do *mestre antigo*, justamente na descrição daquele que não trabalhava e se apropriava do saber-fazer do escravo. Essa era uma realidade que o senhor precisava ocultar do escravo, pois dependia do *saber* e da *produção* do escravo para extrair a mais-valia e o mais-gozar.

O discurso do mestre, que até parece uma síntese entre ideologia e ciência, é considerado por Lacan como o discurso fundador do sujeito<sup>26</sup>, pelo fato de dirigir a inserção da linguagem no sujeito, ao passo que o sujeito inaugura seu encontro com o “outro” através da orientação de um mestre, o acesso abstrato da relação com o “outro”. Desse encontro é produzido um fruto de experiência que ficará vedado para impulsionar o ato contínuo da dominação (LACAN, 1969/70, p. 30). Doravante a autoridade instalada, o discurso do mestre torna-se responsável pelo saber, pela política e pela governança dos homens, com aparência passiva, mas de forma ativa e ameaçadora, que na prática prova tal realidade pela alienação do sujeito. Ele ocupa, assim, o lugar da lei, do governo, do chefe maior, que se autodeclarar detentor da ciência, do poder e da ordem. Dessa maneira, o sujeito já inicia sua relação através de uma alienação com o mestre, acreditando ser despossuído de qualquer propriedade que seja intelectual,

---

<sup>25</sup> Essa literatura é extensa, tendo como um dos seus representantes Michel Pêcheux, a partir de uma revolução cultural e intelectual no ‘ménage à trois’ entre Marx, Freud e Saussure. No desafio de engajar a ordem humana no meio biossocial. Ideias contidas no texto *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1938-1983) (PÊCHEUX, 2008).

<sup>26</sup> No sentido em que o ponto de partida é o discurso do mestre, visto como o representante da própria postura do usuário da linguagem. A linguagem seria o efeito e a estrutura do discurso do mestre, implicando na formação do sujeito (QUINET, 2006).

estética ou laboral, passando a justificar o estado de servidão quase voluntária. No entanto, psicanaliticamente falando, o sujeito ou *escravo* sabe que é explorado, porém a razão maior que lhe mantém nessa prisão ainda está eclipsada, pois é exatamente dessa sombra que o efeito do *senhor* se revigora, aquilo que constitui a verdadeira estrutura do discurso do mestre. Como já citamos no primeiro capítulo, o discurso capitalista é decorrente do discurso do mestre pelo desdobramento anunciado no campo da política e da ideologia. O campo discursivo da política estrutura as ideologias que deflagram a opressão de um sujeito sem consciência do real (LACAN, 1969/70, p. 31).

Voltando para a primeira análise, a ideologia e a ciência são competências bem demarcadas em seus horizontes, em que suas inclinações e distinções de métodos convocam uma clara divisão de rumos. Entretanto, posto que as ideias não sejam totalmente imparciais ou autônomas, mas originadas de conjunturas, será então a ciência isenta de opinião ou de ideias preconcebidas? Haveria a possibilidade do pensamento científico maquiar outra hipótese subliminar? Ou de validar aquilo que prevalece socialmente? As teorias científicas podem ser revisadas e questionadas de acordo com o momento histórico, assim como as ideologias, porém apesar do núcleo objetivo não se mostrar de imediato, pode existir também o interesse vinculado para manter a camuflagem dessa ou daquela predileção. Por isso, podemos argumentar que dentro do desenvolvimento da ciência ou do conhecimento também se apresentam aspectos ideológicos, tal como no processo ideológico são agregados elementos cognitivos auxiliares. Em linhas gerais, nas duas tendências residem o risco de “contaminação” de propósitos, misturando e atraindo pra si a parte que lhe convém, ao que indica, e por estarem submetidas às próprias leis, a seus esquemas lógicos, acabam por advogar os interesses políticos e econômicos a que pertencem (CHAUÍ, 1988).

Todavia, analisando melhor o papel das ciências nas sociedades de exploração, percebemos a ação insólita da parceria dos critérios econômicos da atividade capitalista no uso dos saberes técnico-científicos. A isto corresponde a dificuldade de identificar o desenvolvimento da ideologia como um processo de conhecimento ou de ciência em razão do abandono do espírito crítico, em alguns casos. Ou mesmo confundir os artifícios nodais do sistema com simples erros cometidos na busca da verdade, caindo em uma ingenuidade. Em termos de ideologia, a representação da realidade pode ser aproximada ou deformada, onde se corre o risco de elaborar concepções alienadas (ALTHUSSER, 2000). Mas não podemos pensar que as referidas falsificações são por acaso, elas acabam assumindo uma função social específica no

aparelho ideológico e na racionalidade. No entanto, não podemos fazer generalizações e qualificar toda ideologia como uma forma de corroborar a falsa consciência social. Na verdade, a consciência social também deve ser considerada na sua correlação de forças com a consciência individual, pois elas constituem em um todo dialético (GALLO, 1998). Assim, quando o pensamento ideológico está imbricado nos modos de produção capitalista, termina se apropriando da crítica, conduzindo à conturbação de ideias e definições, correndo o risco de influenciar as pesquisas científicas ou estudos universitários, como também no atendimento das urgências pedagógicas do mercado.

Avançando por esse caminho, podemos entender como o capitalismo torna-se um discurso dominante quando espreita e atua tanto na ciência como também na ideologia. Assim ele vai capturando os sujeitos na vida cotidiana, imprimindo sentidos e condições para compor sua existência dentro das regras do jogo, onde, infelizmente, massifica as possibilidades de subjetividade, inclusive na escola.

É preciso observar que o termo ideologia não se apresenta de maneira unívoca entre os vários teóricos modernos e contemporâneos, longe disso, sua acepção oscila de acordo com os interesses epistemológicos e das variáveis que estudam o fenômeno social. Por isso mesmo, no último século houve a tendência de falar da existência da ideologia burguesa e da ideologia proletária dentro do sistema capitalista, tendo ambos assumindo diferentes maneiras e tendo sido delineadas por diferentes teóricos (CHAUÍ, 1998). Embora com forte relação com a política, a ideologia também ganha um sentido amplo pela sua funcionalidade social e pela multiplicidade de expressões dos contextos, vindo até a ser confundida com o reflexo da cultura de um povo. Por outras palavras, o termo ideologia suscita muitas reflexões, e são estas reflexões que proporcionam avançar diante dos problemas que atingem a existência humana.

### **3.3 Aparelhos ideológicos de Estado: a escola**

Notamos que Althusser utilizou o contributo da teoria marxista para desenvolver um extenso debate sobre a ideologia, empregando inclusive uma definição própria ao termo. Partindo de uma perspectiva epistemológica, traçou um paralelo entre ideologia e ciência, comparando-as no plano da prática teórica para observar como se dão efetivamente no corpo de uma organização social. De um lado a ciência é aberta, porém politicamente fechada, de outro lado, a ideologia se adapta às mudanças, apesar

de “permanecer” no mesmo lugar<sup>27</sup>. Nesse caminho, é possível demonstrar a ação do Estado através dos seus aparelhos ideológicos de repressão, por exemplo, na prevalência de uma forma de ideologia dominante em relação à outra oprimida, como a cultura europeia branca em comparação à cultura ancestral indígena. A escola surge como uma das instituições de reforço e reprodução das desigualdades sociais quando fortalece em sua prática de ensino e conteúdo o tal modelo celebrado. Sendo assim, tendo como suporte o pensamento de Marx, Althusser desenvolveu amplamente os referidos conceitos em seu manuscrito *Sobre a reprodução* (1971), em que o artigo *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* repercutiram notadamente.

Observa-se que o Estado, para Althusser, tem por excelência um traço repressor, fato que gerencia e assegura a dominação de uma classe sobre a outra com o objetivo de subordiná-la ao processo de espoliação. Assim, de acordo com a tradição marxista, o Estado também pode ser identificado como um *aparelho*, uma vez que essa denominação emprega aspectos da prática política, jurídica, tributária, do exército e da prisão. Vamos à referência que Althusser sintetiza sobre a teoria do Estado:

Podemos dizer que os clássicos do marxismo sempre afirmaram que: 1) O Estado é o aparelho repressor de Estado; 2) deve-se distinguir o poder de Estado do aparelho de Estado; 3) O objetivo da luta de classes diz respeito ao poder de Estado e conseqüentemente à utilização do aparelho de estado pelas classes e; 4) O proletariado deve tomar o poder de Estado para destruir o aparelho burguês existente, substituí-lo em uma primeira etapa por um aparelho de Estado completamente diferente, proletário, e elaborar nas etapas posteriores um processo radical, o da destruição do Estado (fim do poder do Estado e de todo aparelho de Estado) (ALTHUSSER, 1987, p. 66).

Tendo isso em vista, a contribuição de Althusser à tese sobre o Estado foi complementá-la com a hipótese sobre aparelhos ideológicos de Estado, mencionando e sistematizando a ideia de que a atuação do Estado não se limita à repressão, mas a um conjunto de instituições da sociedade civil, como a família, a cultura, a imprensa, o sindicato, a religião, a escola e outras mais (ALTHUSSER, 1987, p. 42). Para Althusser, os aparelhos do Estado operam primeiramente pela ideologia e, em segundo plano, pela repressão, pois não existe um aparelho simplesmente ideológico e nem simplesmente repressor, ambos são mascarados e mistos. Nesse mote, a escola com seus métodos legitimados pela ciência dominante se desenvolveram na transmissão do ensino já com elementos de exclusão, seleção e padronização das mentes e corpos.

---

<sup>27</sup> Ver, a esse respeito, CHAUI, M. *O que é ideologia*. (1988).

De acordo com essa linha, a escola seria uma das instâncias de validação dos mecanismos da classe burguesa se perpetuando no poder político e econômico, sendo a responsável por instruir e treinar a mão de obra para o mercado de trabalho. À vista disso, o papel social da escola torna-se limitado e limitante, sem haver as possibilidades concretas de trabalhar uma educação para além dos muros dos aparelhos ideológicos de Estado, ao passo que o aparato escolar contribuiu assim para a desigualdade social no âmbito da luta de classe (MÉSZÁROS, 1981, p. 260). A educação formal fica também responsável pela produção e reprodução de valores pelos quais os sujeitos definem seus propósitos de vida e a si próprio. Isso significa dizer que o sistema capitalista não se mantém sozinho, ele está longe de um movimento autônomo e independente, pelo contrário, necessita ironicamente da coparticipação do proletariado para fazer funcionar o processo da extorsão da *mais valia*. Segundo Mészáros: “*Elas só o fazem porque os indivíduos particulares ‘internalizam’ as pressões exteriores, eles adotam as perspectivas gerais da sociedade de mercadoria como os limites inquestionáveis de suas próprias aspirações*” (MÉSZÁROS, 1981, p. 260).

Para compreendermos melhor é preciso distinguir a diferença entre a escola e o aparelho ideológico de Estado Escolar, pois esse último é um sistema composto por instituições e organizações cujas práticas educativas combinam as questões econômicas com as esferas políticas e ideológicas, isso independe da sua origem pública ou privada, pois o aparelho escolar faz a fina coesão para abrandar a arena da luta de classes (GALLO, 1998). Contudo, não devemos somente resumir o papel da escola ao servir aos interesses da classe hegemônica, talvez seja possível um trabalho para a consciência crítica e de *contra-hegemonia*, pois se referindo unicamente à escola, ela é um ambiente de estímulos, de descobertas, de percepções e de novas criações, tendo função importante na formação de muitas crianças e jovens pelo tempo significativo ali vivenciado e dos impactos sociais, morais e culturais desfrutados. A escola também pode ser um ambiente embrionário para semear novas visões de mundo ou acolher as diferenças existentes nas camadas sociais. Longe de um utopismo, que outrora foi muito criticado, e cujo passo vai em direção de defender e acreditar em uma neutralidade na escola, apesar disso, podemos pensar nas condições de possibilidade da autonomia do pensamento. Não obstante, infelizmente, já nessa altura é perceptível a totalidade do aparelho escolar dentro da escola, que por meio de subterfúgios expandem a concepção de mundo capitalista, objetivando assegurar a dominação (GALLO, 1998, p.147).

De fato, o aparelho escolar é uma das formas que universaliza a ideologia com força na atualidade. Além disso, no passado, a igreja teve por um longo período o monopólio estético e moral dos sujeitos. Assim como na comparação, hoje a imprensa e os meios de comunicação em massa somam as forças do regime de alienação. É evidente que no campo ideológico acontecem as grandes disputas políticas, porque as armadilhas da opressão, da reprodução e da dominação são melhor eclipsadas nesse espaço, de forma que assim conduzem ao condicionamento dos sujeitos para a submissão e sem questionar as regras do mercado. Todavia, precisamos destacar que tais ideologias não são produzidas pelas instituições, mas elas são instruídas e determinadas por elementos gerenciais e reguladores dos aparelhos ideológicos de Estado, realizando-se através da política organizacional de “boas práticas” institucionais.

### 3.4 Os dilemas do sujeito atual: um sintoma social

Em face dessa configuração específica, da formação do discurso capitalista frente à ideologia e à educação contemporânea, como não citar o sujeito atual? Como não lembrar daquilo que atravessa o sujeito? De certa maneira, ele assinala novos contornos que foram apregoados pelo rastro do sistema econômico neoliberal. Aqui, olhando com atenção, sinaliza o sujeito no entremeio da problemática, sendo afetado simultaneamente pelas contradições capitalistas e por interpelações ideológicas desse tempo. Elas fazem desvendar o risco do sujeito ser destituído de subjetividade e ficar sem expressão na própria educação atual. Mas, não apenas por isso, tal circunstância “dispara” com intensidade o gozo, ou melhor, aquilo que *falta* para o gozo ser completo, fazendo aquele empurrão na busca por querer mais e mais. Essa contraposição altamente enganosa da realidade capitalista vai tornando precisamente essa *falta constitutiva* em um buraco ou em um *vazio* de ordem ainda maior e radical. Essa relação não pode ser definida em termos positivos, independente da explicação psicanalítica, que admite ser a *falta* inerente ao sujeito fruto do que foi barrado<sup>28</sup> ou de uma ausência que angustia. Mesmo assim, é notável que o sujeito torna-se mais vulnerável e passivo nessa circunstância, por isso logo é enlaçado pelos interesses econômicos. Não obstante,

---

<sup>28</sup> Lacan busca demonstrar também que a compreensão do inconsciente passa por uma lógica relacional, no efeito da articulação em cadeia dos significantes. Um produto do significante e da falta que vem se fabricar. O sujeito do inconsciente é o sujeito barrado da linguagem, compondo-se através daquilo que *falta*, para Lacan, o centro da análise (MAURANO, 2006, p.57).

essa dinâmica social capitalista desenvolve dentro do sujeito grandes condicionamentos, perda de sentido e sentimento de exclusão, levando-o para as mais pobres intensidades de satisfação. E desse jeito parece surgir um empobrecimento humano em geral, que se manifesta na miséria do alto consumo e da busca frenética de objetos de gozo. Os dilemas do sujeito atual coincidem com as implicações do discurso capitalista na formação de uma linguagem alienada e mistificadora, atreladas somente nas referências necessárias para a manutenção da engrenagem, um dos maiores exemplos está na educação atual.

Assim, discorrer sobre o sujeito na presente perspectiva é considerar a definição do mesmo na psicanálise, especificamente na visão lacaniana, que já foi trabalhada no primeiro capítulo. Sobre isso, é central a importância da questão da *falta*<sup>29</sup> na constituição do sujeito, fazendo referência à presença da ausência na sua composição, que de alguma forma também lhe faz completar. Quer dizer, o funcionamento do aparelho psíquico se dá também por essa lacuna, dando movimento ao nosso desejo. Ela é responsável pela inscrição do representante pulsional e do advento do *objeto a* (objeto causa do desejo que nasce da falta), levando o sujeito a eleger “exemplares” para o seu desejo na sua relação com o Outro (LACAN, 1969/70). Do paradoxo da *falta* que preenche, se estabelece uma linha de raciocínio interessante, de a incompletude também ser o motor para muitos quadros. Parece vital refletir que entre os meios e os fins, talvez o contrário fosse difícil, pois se não existisse a *falta*, o sujeito seria então completo e absoluto, assim como a língua poderia ser fechada e o discurso homogêneo. Sem espaço para o contraditório, haveria lugar para a exceção? A necessidade interior de sublimar ou transbordar seria possível? Apesar disso, a *falta* carece de uma interação, de um ato com o outro para se estabelecer como tal. Tudo isso remete diretamente ao estudo do sujeito na tradição da Filosofia, porém na psicanálise lacaniana adquiriu outra noção, vindo também a explicar o impacto do discurso capitalista através do sintoma (LACAN, 1969/70).

Mesmo sobre fortes críticas, o conceito de sujeito psicanalítico desempenha uma saída importante para esclarecer a inserção do discurso capitalista nas formas de subjetivação. A partir disso, podemos perceber como a primazia da *falta* na constituição do sujeito psicanalítico responde a determinados desfechos na existência humana, no

---

<sup>29</sup>Lembramo-nos das críticas em torno da *falta constitutiva* e a cruzada em universalizar esse aspecto como inerente do sujeito na tradição psicanalítica, pois se torna um risco de cair no ângulo normativo dentre as múltiplas experiências, a exemplo, a comparação da sexualidade feminina com a masculina (MAURANO, 2006, p. 43).



meio social e no adoecimento do indivíduo. Salvo as críticas, para Lacan a *falta* escancara o objeto *a* e sua relação com a angústia, pois denota um fenômeno que se mostra portador da verdade, que não cessa de reclamar a favor do desejo (MAURANO, 2006, p. 40). É exatamente pelo traço da incompletude que o sistema capitalista captura o sujeito e atira na infindável catarata de produtos. Diante de uma série de estímulos, o sujeito é afetado, adota por identificação ideológica seus objetos, que se posicionam, falam, agem e ocupam o lugar conveniente talhado pelo Outro. Entre a sua *falta constitutiva* e os objetos ali supostamente complementares, o sujeito torna-se alienado, imerso em um discurso de promessa de felicidade. Fato que leva a refletir a natureza epistemológica e moral do discurso econômico, de onde segue a sua eficácia produtiva e por onde escapa a crise do sujeito que arrisca sua vida. O efeito visível implica em atender as exigências do mercado constantemente renovadas para a diminuição gradativa dos interesses individuais e dos cuidados de si. Todavia, essa escassez fundamental não deve se reduzir a total impotência diante da realidade, ela dependerá das condições em curso e da noção de abundância vinculada. A absorção atroz dessa escassez vem sendo feita pelo discurso capitalista, que reforça a crença da vulnerabilidade da vida. Uma crença necessária para circular o medo e a ansiedade pelo futuro, dando cada vez mais margem para o excesso de trabalho, guias para a performance, para a poupança e para o consumo depressivo.

Assim, o que faz a economia possível e necessária é uma perpétua e fundamental situação de escassez: diante de uma natureza que, por si mesma, é inerente e, salvo para uma parte minúscula, estéril, o homem arrisca sua vida. Não é mais nos jogos da representação que a economia encontra seu princípio, mas é do lado desta região perigosa na qual a vida se afronta à morte [...] O *homo aeconomicus* não é este que representa suas próprias necessidades e os objetos capaz de satisfazê-las<sup>30</sup> (SAFATLE, 2021, p.63).

Assim, os dilemas do sujeito atual são um dos fatos contemporâneos mais preocupantes, no que tange ao mercado performático das emoções na mira do alto desempenho de si, quando não, a outra saída vem do dispêndio na medicalização dos sintomas, causando o medo da dependência dos psicotrópicos. É preocupante o seguinte quadro pelos padrões de avaliação e normalidade embutidos ali. Algo que ressoa com o processo de intervenção econômica e social, que cria um design psicológico em cima de princípios empresariais, pois, constantemente é veiculado na grande mídia histórias de empreendedores de sucesso, que ousaram investir corajosamente para abrir novos

---

<sup>30</sup> Citação retirada do texto de Vladimir Safatle, intitulada: “*A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral*” (SAFATLE, 2021).

caminhos de oportunidade e inovação, em uma completa lógica motivacional que, não por outra razão, tornam-se modelos de atuação empresarial para a sociedade, misturando ideais capitalistas com destinos gloriosos e abençoados. Fica cada vez mais evidente a estratégia para a construção de uma sociedade quase exclusivamente no modelo empresarial (SAFATLE, 2021, p. 31) Um aspecto alarmante na ótica de *Christian Laval e Pierre Dardot*<sup>31</sup>, que afirmam ser mais um processo de vigilância do sujeito pela nova leitura das relações interpessoais a partir do mundo administrativo, quer dizer, uma governabilidade nos moldes de internalização psíquica.

O quadro do sujeito atual indica um sintoma social crítico, o mal-estar pela aceleração<sup>32</sup>. Dentre muitas formas de sofrimento social, a aceleração ou ansiedade, nos termos psiquiátricos, ganhou destaque nas últimas décadas pelo maior indicativo entre os jovens. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2018 o Brasil<sup>33</sup> era o país com maior percentual de pessoas com transtornos de ansiedade no mundo, em uma média de 9,3% da população, cerca de 18 milhões de pessoas. Na verdade, podemos entender esses dados como um reflexo da cultura capitalista que provavelmente levará o indivíduo ao estrangulamento.

Das metrópoles às pequenas cidades, o peso das obrigações e dos deveres parece produzir tensões nos corpos. Dentro da lógica neoliberal isso não basta para alcançar o perfil de trabalhador responsável, ainda é preciso ceder às exigências de eficiência e eficácia para obter mais segurança financeira e reconhecimento social. Por meio desse ‘germe’, o ideal se mobiliza em uma sensação ilusória de autorrealização e de mérito no trabalho, geralmente associadas ao padrão de vida nervosa e ao status de uma rotina ocupada. No entanto, o ideal sempre está fora de alcance, mas permanece na aceitação do dever cumprido e na produtividade. Podemos afirmar que o cenário de condução instrumental da vida contém discursos violentos e de ausência de reconhecimento de limites, por exemplo, na indiferença do valor da dignidade humana, no vazio substancial do “eu”, no caráter acentuado da individualização e nas mudanças de relações de sociabilidade. Não à toa a luta por reconhecimento das minorias é travada com forte violência e com preconceitos de ordem moral na figura dos desocupados e

---

<sup>31</sup> Ver a obra *La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale* (2010) de Pierre Dardot e Christian Laval. (DARDOT; LAVAL, 2010).

<sup>32</sup> *Harmut Rosa* fala da relação da aceleração e a alienação (2010) como resultado relativo ao tempo na modernidade tardia, inculcada no aumento do ritmo das transformações políticas, culturais, religiosas, científicas e econômicas (ROSA, 2019).

<sup>33</sup> Estatística retirada da revista Exame através da matéria: “Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo OMS”. A partir de dados da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Publicada em junho de 2019.

vadios, daquilo que perturba a paz das famílias, indivíduos sem oportunidades dignas que são tratados como os restos da sociedade.

Esse impacto na noção de sujeito registrado na atualidade se deve, segundo Safatle (2021), não apenas às transformações históricas, estéticas ou científicas, mas precisamente na forma direta das mudanças amplamente difundidas na sociedade pelo modelo taylorista, com uma nova administração do tempo e do caráter de impessoalidade diante do trabalho. As relações de trabalho foram psicologizadas, fundando um conjunto de técnicas de gestão para a obtenção da produtividade. Tal formato foi ganhando cada vez mais contornos antropológicos até se tornarem em valores necessários para o bem viver. A fusão dos dois mundos trouxe grandes consequências para a percepção do sujeito, desafiando a compreensão dos novos processos de sofrimento e adoecimento, colocando a elucidação da questão nas mãos dos agentes. Todavia, ainda existe outro ponto pouco explorado que precisamos chamar a atenção, quando essa configuração de gestão entra na escola, ofuscando o particular e jogando à margem a força dos afetos. A instituição escolar está no centro do debate no que diz respeito a consolidar os padrões de individualização a partir da racionalidade do sistema econômico. Dessa maneira, vamos trabalhar no terceiro capítulo os impactos do discurso capitalista na educação e no sujeito.

#### 4 POLÍTICA EDUCACIONAL E NEOLIBERALISMO

“No era depressión, era capitalismo.”

Vladimir Safatle<sup>34</sup>

Após tecer os pressupostos psicanalíticos para um esclarecimento da Teoria dos Discursos em Lacan, assim como a descrição de alguns pontos convergentes entre marxismo e psicanálise em Louis Althusser, vamos agora ao terceiro capítulo para mostrar como a noção de discurso capitalista em Lacan explicaria as “demandas” da educação contemporânea, enfatizando, por exemplo, como as estratégias educacionais delineadas pela estrutura global capitalista implicam na ausência de reflexão no ensino e no agravamento do sofrimento social no sujeito. Assim, além de tal compreensão ser amparada pelo viés do materialismo histórico de Marx, nosso objetivo no terceiro capítulo é aprofundar essa interface entre discurso capitalista e educação atual, de maneira a somar forças para uma leitura crítica da sociedade e da educação, indicando principalmente seus impactos na escola ou na formação de instituições educacionais.

Falar de Neoliberalismo é lembrar-se de uma política econômica que defende a não interferência do Estado na economia como forma de progresso econômico, em que adotando uma série de medidas liberais haveria novo crescimento de mercado e qualidade de vida da população em geral. Na verdade, uma fraude que logrou grande êxito com privatizações, terceirizações, diminuição de políticas públicas e subsídio a empresas estrangeiras em países emergentes, principalmente nos países da América Latina, recém-saídos de ditaduras no século XX. Em outras palavras, após a crise dos anos 70, ao se colocar, então, como prioridade o desenvolvimento econômico, não se obtiveram os resultados sociais almejados, como preconizavam seus defensores, pois maior quantidade de recursos não significava melhor distribuição deles, ao invés disso o rumo foi o extremo oposto, aumentou em esfera global a pobreza, a ausência de bens e de serviços sociais básicos e a injustiça social (CÁSSIO; HADDAD, 2019).

Já na realidade do Brasil, continuamos vivendo em um país com grandes contradições sociais, índices alarmantes que colocam o Brasil no 3º lugar entre os países

---

<sup>34</sup> Epígrafe do artigo “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral” da Coletânea *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2021) (SAFATLE, 2021).

mais desiguais do mundo, segundo o Índice de Gini<sup>35</sup>. Apesar dos entraves políticos, o programa Bolsa Família se tornou referência mundial para reduzir a pobreza, cujo foco prioritário foi acabar com a fome e a miséria no país, por isso foi sendo adaptado para outros continentes. Contudo, infelizmente o Brasil vem se tornando um paradigma estático em casos de conflitos locais e de violência urbana ou rural de toda ordem, sinalizando importantes dados ao mostrar as falhas nas políticas de intervenção de Estado e na cólera da corrupção (CASTRO, 2004). Em suma, a política neoliberal no Brasil, que chegou implacável com o governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), tinha fins específicos e objetivos próprios, ela de fato não empregou os ideais democráticos de transformação para reduzir desigualdades e a violência crescente, pois conflitava diretamente com os interesses empresariais associados a políticas neoliberais excludentes, mas apenas cumpriu sua agenda de continuar no discurso oficial do “*para inglês ver*”.

Tomando por base essas referências, abre-se um leque de influência no campo educacional que vai desde a educação básica até o ensino superior, nos seus aspectos metodológicos, epistemológicos e ontológicos, que aqui podem ser vistos como o espírito do capitalismo avançando vitoriosamente. Isto é, a atuação de políticas neoliberais busca modificar as atividades produtivas conforme as necessidades do mercado, o que é notado no sistema educacional por meio das mutações sofridas na função do professor, por exemplo, considerando-o também como mediador, instrutor, tutor e outras flexões impostas para a gama de habilidades exigidas. Não há dúvidas de que toda ação educativa é organizada conforme alguma racionalidade, contudo a questão está em sobre qual razão é sustentado esse edifício? As contradições saltam aos olhos logo em primeiro plano e geram novos paradigmas educacionais, desafiando muitos estudiosos (LAVAL, 2004).

Como veremos mais adiante, o trabalho de explicar determinadas demandas na educação pela ótica do discurso capitalista é, em certa medida, identificar como a educação passa por um processo de negligência e até de desprezo, em que a autoridade educacional tornou-se o mercado, o senhor da gestão dos saberes no trabalho docente. Daí que alguns autores, como Christian Laval (2004), falam de uma crescente e contínua crise da educação nos países capitalistas e ainda mais preocupante nos subdesenvolvidos, pois não se trata de algo na ordem da instituição educacional, mas da

---

<sup>35</sup> Coeficiente que mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar *per capita* e o Produto Interno Bruto (PIB).

crise estrutural de todo o sistema de ideologia capitalista que entrou de forma capilar em boa parte das nossas relações sociais, inclusive na educação.

Investigar o atual modelo de educação no contexto da crise do capital, em um sentido amplo, sinaliza a possibilidade de identificar as finalidades educativas e os saberes exigidos para a vida em sociedade, um quadro de realidade que manifesta a marcha por onde as organizações políticas e econômicas definem o processo educativo, apontado aqui como um dos modos de atuação de discurso capitalista.

#### **4.1 A escola a serviço do mundo econômico**

Para iniciar, podemos citar a herança cultural vinda do iluminismo sobre a ideia de emancipação pelo conhecimento, no sentido de que logo após a Revolução Francesa e a vitória da aristocracia sobre o povo, surgiram críticas com base no liberalismo econômico sobre o direito universal à escolarização pública e gratuita<sup>36</sup> no objetivo de converter conceitos e adequá-los a um tipo de pedagogia burguesa<sup>37</sup>, afirmando ser o projeto iluminista fora de alcance do Estado. Na verdade, tudo isso significa que em certo aspecto existe uma problemática em torno da função da educação, que se situa na antiga e acirrada luta entre os objetivos revolucionários e a ordem capitalista, da última fazer uma transformação no ensino de acordo com as necessidades da sociedade, isto é, dos anseios do poder dominante. Nessa medida, talvez um efeito atual seja a construção da chamada era da sociedade do conhecimento, que busca produzir informação e tecnologia para impulsionar a inovação, levando à difusão de bens e serviços como potencial econômico, os quais trazem a reboque o paradigma de uma cadeia de produção de conhecimentos em prol do mercado. Essa nova economia da produtividade científica e da comunicação reflete nos rumos da educação e do ensino, colocando em evidência os desdobramentos da estrutura histórica e econômica que permitiram organizar e assentar o neoliberalismo na escola. Assim, podemos dizer que estudar a formação do discurso capitalista é também se deparar com as mudanças sofridas pela educação junto à estranha sedimentação alçada pela globalização do mercado financeiro.

Exemplificamos abaixo o contexto de transição na educação:

---

<sup>36</sup> Plano de Instrução Pública do Marquês de Condorcet (1794).

<sup>37</sup> Pedagogia burguesa no sentido do termo utilizado por *Bogdan Suchodolski* (1976), na referência aos fundamentos da concepção de educação e de homem ligados aos valores da burguesia (Teoria marxista de educação) (SUCHODOLSKI, 1976, p. 131).

É muito importante ver claramente o sentido histórico: a pedagogia da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX – apesar de um aparentemente novo e amplo desenvolvimento – não ultrapassou os limites traçados na luta da burguesia contra o feudalismo e posteriormente na definitiva vitória da burguesia. Este desenvolvimento reflete as transformações e contradições da sociedade capitalista. Põe a nu tanto os princípios configurados durante o desenvolvimento da ordem capitalista como os seus desvios e desvirtuações. A força crescente da classe operária, que se tornou de modo cada vez mais agudo num perigo para a burguesia, despertou nesta o sentimento de má consciência e uma atitude de defesa. Este fenômeno evidencia-se no campo pedagógico sob a forma de teorias da educação que estavam vinculadas à psicopatologia ou comportavam um caráter fascista (SUCHODOLSKI, 1976, p. 139).

Saindo um pouco do panorama histórico e indo em direção ao advento do capitalismo na educação, podemos dizer que pensar a escola sob tal perspectiva suscita compreendê-la dentro de um conjunto integrado de estruturas materiais e simbólicas que produzem e reconstróem práticas, que segundo Moscovici (1978) implica até estudar a relação de representação social entre o sujeito (professor) e o objeto (escola). Talvez por isso a escola se tornasse um espaço que propicia agrupar processos de várias ordens, de conflitos, de experiências e mudanças, uma vez que perpassam nesse lugar costumes, conhecimentos, sentimentos, ideologias, rupturas, classes, um macro e microcosmo. Ambiente de encontros subjetivos e intersubjetivos que possibilitam circular histórias. Assim, nesse espaço institucional - a escola coabita também o lugar real das tensões entre a reprodução do *status quo* e a oportunidade de emancipação, arena onde os indivíduos se institucionalizam com os conhecimentos legítimos, mas, do outro lado, buscam resistir na prática reflexiva do ato de educar. No geral, a cultura escolar parece mais submetida às mudanças criadas pelo discurso dominante, elegendo a tecnologia como solucionadora dos problemas da educação (VOLTOLINI, 2011).

Partindo desse ponto, lembramos as referências de Althusser sobre o Aparelho Ideológico Escolar, quando sinaliza para todo um conjunto organizacional e institucional de práticas alinhadas ao mercado, em que os princípios pedagógicos acabam por seguir também determinadas metas comerciais, ocasionando a perda de autonomia da própria escola (CASTRO, 2004). De fato, essa situação assinala uma preocupação para muito teóricos, pois a legislação garante essa liberdade para descentralizar as decisões e responsabilidades, mas as escolas continuam sofrendo controle em excesso de instâncias superiores. Por meio dessa, identificamos a nova forma de organização da educação, que se inspira no gerenciamento econômico de negócio, conservando ainda os moldes tradicionais de autocracia e hierarquia

(CASTRO, 2004). Assim, esse modelo de gestão de ensino segue em direção a reforçar a aprendizagem por meio do desempenho e rendimento, na busca pelo desenvolvimento de habilidades e competências convenientes para o mercado, na ênfase da transmissão do conteúdo, na técnica e no comportamento, entre outros aspectos, que levam a crer, engenhosamente, na produção em massa de capital humano. Dessa forma, o valor da autonomia escolar fica diluído em projetos pedagógicos ou na função de representar os interesses da sociedade capitalista, ao invés de defender as necessidades da população que é acolhida. Nesse contexto, a democratização do ensino como parte inerente da autonomia da escola fica barrada por normas e orientações delineadas e cobradas por instâncias externas às instituições de ensino. Essa conjuntura, oportunamente, desenvolve formas de discursos para enlaçar sujeitos em ideologias banais, principalmente naquelas ações insidiosas e de convencimento da típica presença do capitalismo globalizado na educação (CASTRO, 2004).

Em seu aspecto mais amplo, a inscrição do discurso capitalista na educação surge com a adoção de determinadas agendas internacionais (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI) e Comissão Europeia) para as políticas educacionais, que também se utilizam das políticas públicas para intervir no processo de legislação, informação e cidadania (LAVAL, 2004). Na verdade, essas políticas educacionais seguem o imperativo de uma cultura científica restrita, que ampara e reforça a verdade sobre o poder do capital. De fato, o sujeito tem o seu papel delimitado pelas políticas educacionais, exigindo-lhe mão de obra qualificada para competir no mercado com outros sujeitos, na ilusão de que assim possuam meios e poder de barganha para uma boa posição na escala de divisão de trabalho, sendo por fim encaminhado para produzir mais, consumir mais e gozar mais. As possibilidades de futuro e novas oportunidades são geradoras de grandes angústias e síndromes na atualidade. Os indicadores da OMS já enquadram a depressão como uma das patologias mais incapacitantes pelo alto índice de afastamento no trabalho (DALGALARRONDO, 2018). Dessa forma, em um Estado neoliberal, que banaliza a internacionalização do direito à educação de qualidade, acaba-se suspendendo qualquer conquista por autonomia de vida, e, ao contrário disso, radicalizam-se e aceleram-se os processos de exclusão social e de adoecimento do sujeito.

Por outro lado, observando mais profundamente as instituições educacionais na coparticipação com a economia, podemos mencionar também, dentre muitos



aspectos, aquela finalidade poderosa do capitalismo em dispor uma nova lógica civilizacional para o resto do mundo, um tipo de ocidentalização dos modos de existência (SAFATLE, 2021). Nesse sentido, ela traz consigo a tendência falaciosa de única opção ou estratégia bem sucedida do modelo adotado em países desenvolvidos, pelo estilo de vida, pela seguridade social e pelo comportamento laboral intrínseco. É como parte integrante desse processo que muitos países subdesenvolvidos buscam um “*voucher*” no âmbito dos valores democráticos, através da adoção dos direitos humanos e de padrões ecológicos, na tentativa de entrar na elite geopolítica e de obter fundos de investimentos para indicadores e interesses privados. Mas, na prática, tal barganha pouco se relaciona com o desenvolvimento social e com o valor da educação, ou com uma política assentada na democracia, pois a aplicabilidade das decisões e a fiscalização do Estado apresentam-se difusas e restritivas quanto ao poder econômico assumido pelo capitalismo global. Na verdade, o jogo de forças assegura essa dimensão econômica e uma organização política assumida pela globalização capitalista, que seja, simultaneamente, reforço das funções socioeconômicas, políticas e culturais (SAFATLE, 2021). Nessa medida, ao pensar nas perspectivas de futuro na escola atual, cabe lembrar também sobre os interesses que circulam no quadro de sucateamento do ensino público e da ênfase no ensino profissional, pois o acesso à educação não significa sincronicamente democratização de oportunidades e igualdade, conforme podemos observar abaixo:

Em todas as instituições internacionais nas quais as sociedades ocidentais poderosas estão envolvidas é consensual a ideia de que países que buscam filiar-se a instituições internacionais, receber ajuda da ‘comunidade internacional’ ou associar-se aos Estados Unidos, à OTAN, à OCDE etc. precisam passar no ‘teste da democracia’, de modo a assegurar direitos humanos e padrões ecológicos mínimos. A transparência democrática e o respeito aos direitos humanos são entendidos como ingredientes irrenunciáveis de ‘boa governança’ (LAVAL, 2004, p. 93).

A partir da hegemonia econômica do capitalismo financeiro na educação, o próprio capital torna-se um significante mestre. O mestre nesse cenário não fica reduzido a símbolos ou às figuras tradicionais, mas ao imaginário, ao peso cultural que imprime formação de condutas. Segundo Lacan (1969/70), nas estruturas determinantes da linguagem o capital passa a atribuir o lugar daquele que desempenha as formas de fazer subordinados, definindo a legibilidade de qualquer tipo de discurso. Nele, há a relação entre produção e verdade, e posto que faça o jogo com os valores da verdade, sua circulação tem um alcance de gerenciar o conhecimento científico. E logo, de saída,

parte-se de uma “razão” *pré-formada*, que resulta a posteriori na direção de um saber que produzem dominados (LACAN, 1969/70). Nesse sentido, do ponto de vista pedagógico, o capital assume a posição de poder do mestre, e, concomitantemente, fiel às velhas tradições do condicionamento de um ensino programado, associacionista e mecanicamente ordenado.

De fato, a escola colocada a serviço do mundo econômico revela uma mudança em nível de precariedade institucional realizada pelo capitalismo globalizado, que não resolve os problemas da desigualdade social e da violência. Ao contrário, essa vitrine que apresenta a centralidade da educação com bem-capital essencial funciona para estimular os investimentos da classe média, para o enriquecimento dos chamados “*edubusiness*” e para gerar expectativas nos trabalhadores assalariados, na crença de que não existem alternativas à impiedosa lógica do mercado global, mas sim a submissão as suas leis do trabalho e do ensino (CÁSSIO; HADDAD, 2019).

Não obstante, o discurso capitalista extrai da linguagem meios e dispositivos de controle, de vigilância e de alienação que, na trilha da modernidade e das ciências, reforçam o quadro socioeconômico, aguçando o fetichismo das coisas, colonizando as mentes e isolando os sujeitos, pois assim enlaça nosso gozo<sup>38</sup>, segurando o indivíduo naquela prisão (LACAN, 1954/1992). Como já afirmou certa vez Fredric Jameson, na obra *Pós-modernismo, ou, a lógica cultural do capitalismo tardio*: “O capitalismo dominou o inconsciente humano” (2018). Lacan afirma, inclusive, as possíveis conexões do discurso capitalista com a dinâmica da estrutura social, por exemplo, na questionável ideia sobre meritocracia, na ilusão do empreendedorismo, no dízimo ou na naturalização do caos.

Contudo, também é importante sair um pouco daquela visão utópica sobre a Educação, de saber quais as perspectivas reais de transcender determinada alienação no sistema de produção predominante. Na verdade, qualquer que seja o modelo adotado sobre as práticas educacionais e pedagógicas dependerá dos seus objetivos e fins específicos, da forma de aplicabilidade, da contribuição para a manutenção no intercâmbio social e das condições sócio-históricas (MÉSZÁROS, 1981, p. 260). Assim, o que está em jogo não é apenas a modificação política das instituições de educação formal, mas os discursos das políticas educacionais e o discurso no campo

---

<sup>38</sup> Lacan introduz o conceito de gozo a partir da dialética do amo e do escravo, quando argumenta que o sujeito encontra seu gozo no Outro. O gozo é a busca pela satisfação imaginária.

educacional, quer dizer, duas partes correspondentes e complementares de um mesmo problema, o complexo sistema de reprodução e produção das estruturas de valores, no qual os indivíduos assentam suas escolhas de vida e, às vezes, de dor.

Assim, notamos o papel significativo da ordem do poder capitalista no desenvolvimento da mercantilização da educação, com os princípios econômicos de eficiência, flexibilidade e competitividade, fazendo do ensino um processo taylorista de formação acelerada de massa de trabalhadores multifuncionais para o mercado.

#### **4.2 A realidade educacional brasileira pensada pelo discurso capitalista lacaniano**

Discorrer sobre determinados temas da realidade educacional brasileira compreende talvez uma forma de lembrar os obstáculos que insistem em atravessá-la, isto é, considerar uma associação de elementos inviabilizadores dentro da própria estrutura educativa que cruzam as políticas educacionais, fatores que vão desde a elaboração de projetos até a implementação institucional. De fato, existe a promessa de uma transformação no sistema educacional, mas as boas intenções logo se chocam com uma realidade frustrante da educação no país, fruto de uma política assentada em metas de desempenho e de avaliações de monitoramento. Através disso, elas manifestam na verdade o quadro desgastado da educação brasileira como falta de valorização do magistério, métodos ineficazes, defasagem escolar e precária formação dos professores. Tudo isso acaba por contribuir com o ciclo de pobreza e marginalização, ao invés de combatê-lo. Sabemos dos diferentes contextos das escolas públicas e privadas no Brasil, porém a percepção da chegada do neoliberalismo na educação é quase uma visão unânime (CÁSSIO; HADDAD, 2019) para muitos educadores, e é nesse ponto que a noção de discurso capitalista em Lacan pode tecer algumas explicações no que tange a essa desigualdade persistente e severa.

De um lado, notamos as grandes contradições sociais e estruturais que desafiam professores e coordenadores nas escolas, são contextos que compreendem realidades situadas em zonas rurais isoladas, são as dificuldades de inclusão de crianças com deficiência ou o acolhimento de grupos étnicos minoritários vítimas de violência, enquanto, por outro lado, há o incremento do discurso capitalista enquanto exigência de crescimento e resultados avaliativos, em torno da tentativa de uniformizar o sistema de ensino como se fosse um produto. Quer dizer, o abismo dessas realidades é forjado para

ser invisível na ausência de diálogos e debates na escola (CÁSSIO; HADDAD, 2019). Ou seja, um conflito de interesses e realidades manobrado pelo controle de estratégias do capital através de trocas e valores do trabalho, no qual o sistema de ensino é convocado a ceder à ideologia dominante, onde a rigor, faz dissimular seu modo operante totalitário e excludente. Nessa lógica, tais realidades citadas na educação do Brasil, que necessitam de práticas reflexivas e educativas para uma mudança humana na escola, tornam-se a razão para a evasão de muitos alunos e professores, e, segundo os últimos dados da PNAD<sup>39</sup> de 2019, em torno de 7% da população de 15 a 17 anos estava fora da escola. Sobre o magistério, outra pesquisa divulgada em 2020 com professores da rede pública do Distrito Federal indicou que 43%<sup>40</sup> dos profissionais já repensaram sua carreira como educadores. Em outras palavras, a política educacional está engendrada justamente com o discurso capitalista que sorrateiramente entrou no campo educacional.

Com o reconhecimento do discurso capitalista presente nas dimensões da vida, visto nos efeitos dos laços sociais e na educação, modificando profundamente as relações e a formação do sujeito, pode-se dizer que esse discurso adquiriu as seguintes abrangências: nas políticas educacionais, na ciência, na criação do capital humano e no próprio capital financeiro. Dentre essas, as políticas educacionais são talvez aquelas que melhor representam o impacto social da onda neoliberal, frente à responsabilidade de atuação do Estado em planejar e executar as metas e prioridades (GALLO, 1998). Assim, notar quais são os pilares que gestam as medidas governamentais é saber o grau de comprometimento na redução das desigualdades e a plena garantia de direitos, onde a ausência de políticas públicas voltadas para a educação comprova uma estagnação e desmonte na modernização da escola, e como resultado o mal-estar penetra em outros poros e semblantes, em um sentimento raro de disfarçar.

Diante da aparente ausência dos preceitos democráticos que balizam o papel da educação mediante a função social da escola, a pergunta sobre “pra onde vai à educação?” lança luz sobre os objetivos fundamentais do ensino e da formação do cidadão, mesmo que na atualidade muitas instituições pareçam passar ao largo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 – quanto à importância dos valores humanos, da aquisição de cultura e dos conhecimentos socialmente construídos,

---

<sup>39</sup> Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD - 2019), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>40</sup> Balanço realizado pelo Instituto Ayrton Senna (Fonte: Correio Braziliense, janeiro de 2020).

ganhando outra significação. E da educação formal se transformar num trabalho prestado ao mundo econômico, ou seja, ser uma educação que entra na obrigatoriedade e no encargo de oferecer a estrutura para a reprodução social, atuando na inversão dos princípios democráticos no próprio interior da escola (CÁSSIO; HADDAD, 2019). Esse novo modelo escolar sujeito à razão econômica converte os sujeitos à mera coisa, mostrando a perda progressiva da educação humana e reflexiva.

Em termos de capital humano, no Brasil a educação segue o mote do discurso capitalista há décadas, especialmente após os anos 90, a partir da qual se passaram a aplicar na escola os valores do mercado, os conteúdos curriculares necessários e o incentivo a determinadas carreiras, assim como sustentava nos bastidores a correspondência conveniente entre o crescimento econômico da elite e o nível educacional, de modo que o Estado neoliberal será o grande favorecido com a produtividade. Mostrando mais uma vez que o ensino público dificilmente mantém soluções e recursos para uma formação ampla e emancipada, mas sim, preso à aceleração de novas massas de trabalhadores, norteados pela empregabilidade e pelo empreendedorismo. Não obstante, a face da democracia dificilmente se revela, exclusivamente, com o direito ao acesso à educação, pois o desemprego evidencia a fragilidade do vínculo entre diploma e emprego, criando uma bolha de profissionais que ao longo da vida exercem várias atividades para sobreviver (CÁSSIO; HADDAD, 2019).

Percebemos que a padronização do ensino é um imperativo do mercado, uma vez que o próprio ensino já se transformou em produto de consumo. Em vista do avanço e das mudanças econômicas das sociedades de capitalismo, os discursos sobre as políticas educacionais vão se tornando a linha de frente para a consolidação da predominância do Estado neoliberal, ou seja, o laço social que estabelece os vínculos e experiências do sujeito já está capturado pelo mestre do nosso tempo, o capital. A escola pode ser considerada um microcosmo quando retrata a existência desses conflitos e das tensões humanas originárias do nosso tempo, às vezes identificadas na perda de sentido ou na ansiedade entre os estudantes, um mal-estar não limitado a estruturas sociais específicas, mas que até abrange as relações entre professor-aluno ou professor-instituição de ensino (GALLO, 1998).

No Brasil, a mercantilização da educação atua na cobrança de resultados a partir de indicadores internacionais e nacionais de eficácia, competência e avaliação (Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Sistema Permanente de Avaliação

da Educação Básica do Ceará (SPAECE)), de onde parte uma noção de “fomento” de qualidade para o ensino e para a educação que, por sua vez, também é utilizada como *lobby* em meios de comunicação, em ações políticas e por empresas com objetivos sociomidiáticos. Todavia, esses indicadores não representam de fato a qualidade almejada no ensino ou na aprendizagem, embora a qualidade na educação seja um princípio constitucional previsto no artigo 206, inciso VII, ainda assim investir prioritariamente no ensino de qualidade em todos os níveis depende de interesses estratégicos vitais para o mercado, como também o perfil dos programas de ensino e de reprodução da força de trabalho é delegado pela grande indústria privada, por isso torna-se tão difícil alcançar a qualidade necessária na educação para solucionar problemas agudos como a evasão escolar na rede pública, defasagem, carga horária integral, falta de estrutura e violência contra o professor (CÁSSIO; HADDAD, 2019).

Nesse contexto, precisamos destacar a educação no Estado do Ceará a partir do grande incentivo à criação das Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP), com o projeto que buscou oferecer educação técnica e de modo *express* com base nas necessidades econômicas de qualidade profissional, assim como incorporou ao interesse político dos bons índices de aprendizagem para o Estado, modelo de ensino inspirado na Teoria Empresarial Odebrecht<sup>41</sup> (TEO), ou seja, reforçou mais uma vez a ideia de que a educação profissional viabiliza a relação entre trabalho e capital, na forma central em que ela pode afetar a transformação da sociedade. Assim, os conhecimentos construídos socialmente e a consciência dos indivíduos fica limitada ao mundo do trabalho, sendo uma forma de ofensiva do neoliberalismo aos nossos direitos.

Partindo dessa realidade das EEEP, as expectativas educacionais ficam atreladas ao desenvolvimento econômico em um constante processo de produção e reprodução social. Sobre isso remonta o início da implantação de 25 escolas no modelo de educação profissional no governo Cid Gomes em 2008, hoje são aproximadamente 119<sup>42</sup> unidades, que resultaram em um projeto estratégico e político vindo a ser parâmetro nacional a partir da justificativa do impacto socioeconômico nos municípios adotados. Entretanto, os índices de IDHM<sup>43</sup> no Ceará em 2017 não ultrapassaram a

---

<sup>41</sup> A partir da publicação do artigo na revista Trabalho & Educação “*Educação Profissional: crítica à implantação do projeto de ensino médio integrado do Estado do Ceará*” de Deribaldo Santos, José Ernandi Mendes e Maria das Dores Mendes Segundo, 2016 (SANTOS; MENDES; MENDES SEGUNDO, 2016).

<sup>42</sup> Fontes da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

<sup>43</sup> Índice de Desenvolvimento Humano Municipal pelo levantamento do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) em janeiro de 2022.

marca de 0,735, ficando ainda em 15º no ranking nacional, isto é, o volume de escolarização e a estrutura das desigualdades sociais ainda mostram-se contraditórias e fora de alcance de ações simplistas, já que a classe dominante torna-se a provedora de “bens” pedagógicos. Seguramente, a crença no capital humano é confrontada com fenômenos sociais que o mercado insiste em ignorar como movimentos de greves, elevado número de suicídios, crises ambientais ou mesmo a Pandemia da COVID-19. Essa última trouxe um efeito significativo na educação do país, o retrocesso na aprendizagem e a desistência<sup>44</sup> de muitos jovens do ensino médio em ingressar na universidade. Tal realidade não surpreendeu os especialistas, pelas condições precárias e pelos desafios didáticos do ensino remoto para alunos e professores. A necessidade de ajudar na renda familiar mudou rotas de interesses e apontou os limites da Educação à Distância entre processo de aprendizagem e a margem de lucro para o ensino privado-mercantil (CÁSSIO; HADDAD, 2019). Em outras palavras, o caráter regressivo do processo de acumulação do capitalismo propiciou o abandono estudantil, o adoecimento mental precoce, a concentração de renda e a exploração de muitos profissionais da educação.

Sobre o quadro vivenciado por jovens da rede pública do ensino médio, sugerimos a leitura da nossa pesquisa de campo, que se encontra em anexo, realizada com alunos de 15 a 19 anos, uma entrevista qualitativa-quantitativa, semiestruturada, voltada a analisar os reflexos do discurso capitalista no sujeito dentro da escola. A respeito da pesquisa podemos destacar duas perguntas que ajudam representar esse panorama vivenciado pelos estudantes, no tocante o primeiro questionamento busca saber: “Você acredita que o mundo social e a política interferem nas regras para a educação?” Cerca de 44,4% dos alunos marcaram sim. Em seguida, outra pergunta indagava: “Você acredita que a política e o mundo social influenciam na sua escolha profissional?” A maioria dos alunos, em torno de 25,4% marcou sim. Essa amostragem pode informar, em alguma medida, que os alunos têm uma noção da realidade que atravessa suas vidas, talvez uma noção sem tanta profundidade para realizar uma crítica ou ruptura com discursos geradores de condicionamento ou alienação; mesmo assim, os alunos fazem algum juízo diante da totalidade da realidade em que estão inseridos.

Para finalizar, no âmbito da realidade educacional brasileira, a ordem econômica e política sustenta o véu dos obstáculos para a apreensão do real. Isso

---

<sup>44</sup> Segundo a pesquisa realizada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em janeiro de 2021, sobre os impactos da pandemia na educação brasileira de jovens e adultos.

significa, de modo geral, que a legislação da educação, as decisões orçamentárias e os projetos formativos estão comprometidos com certos retrocessos pedagógicos, fazendo avançar o discurso capitalista e atrasando o processo democrático.

### **4.3 A nova ordem escolar refletida na vulnerabilidade do sujeito**

Ao se debruçar sobre a dimensão psicossocial presente no âmbito escolar, isto é, considerando que indivíduo e sociedade se realizam de forma conjunta e dinâmica, através das dimensões cognitiva, afetiva, biológica, objetiva e social, temos esta totalidade como uma dimensão que pode expressar o termômetro das vulnerabilidades de jovens e crianças pela repercussão na aprendizagem e pelos impactos ao longo da vida. Enquanto tentativa de aprofundar esse ângulo, na busca por esboçar uma problemática do sintoma no campo social, já que as consequências do discurso capitalista não são meramente institucionais, notamos um caminho possível quando se questiona o ideal moderno sobre as tentativas do capitalismo e da ciência de pretender suprimir os desejos ou pulsões fundamentais do sujeito com objetos diversos, algo já elencado por Freud na perspectiva do Mal-estar, assim como, pronunciado por Marx na decadência moral e econômica da burguesia. Nesse caso, a divisão do corpo social imposta gerou o sintoma no proletariado. Lembrando que tal sintoma é tomado em certa distância do caráter médico, mas referido aqui na forma clássica da conversão histórica apresentada por Freud na psicanálise (LACAN, 1956). Será que uma revolução política vem acompanhada por algum tipo de revolução sexual? Dentre tantas perguntas, vamos centrar naquela que busca sondar as implicações do discurso capitalista na atual educação brasileira, e se isso reflete no sujeito. Assim, recorreremos à base psicanalítica de Jacques Lacan como pontapé inicial para refletir acerca dos desafios sobre a educação atual, no que tange à ordem econômica capitalista como instância fundante desse engodo.

Na esfera da vulnerabilidade do sujeito contemporâneo, talvez seja possível dizer que esse fenômeno do Mal-estar social delata em profundidade as sensações de insegurança, impotência e melancolia diante da busca por sentido de existência em uma sociedade imersa em contradições. Isso significa que o Estado neoliberal, na sua política expansionista, frequentemente transcorre na zona turbulenta de câmbio, a velha especulação em prol do crescimento anual dos 10% mais ricos, deixando à margem a



imensa população com medo e com grandes incertezas, pois as disparidades sociais e econômicas nos centros urbanos ocasionam no sujeito a perda de legitimidade e o retrocesso em direitos e privações, por vezes atenuados na presença de políticas compensatórias em comunidades. Assim, considera-se que na última década houve um expressivo aumento nas patologias psicossociais<sup>45</sup> nas metrópoles, traduzido em termos da vida objetiva, está retratado na agressão às mulheres e crianças, na gravidez precoce, na reprovação escolar, no uso de drogas e na prática de crimes, uma perspectiva que faz o cruzamento das condições de vida (renda, educação e infraestrutura pública) com indicadores do aumento do sofrimento humano. Porém, é indicadores mal utilizados no planejamento público para o combate às desigualdades, muito em razão da ideologia neoliberal calçada no individualismo, que preconiza o arquétipo do sujeito autossuficiente, empreendedor, destemido, de ousadia e iniciativa, aquele espírito capitalista do vencedor que vive dentro de você (CASTRO, 2004).

A dinâmica econômica capitalista e suas consequências sobre o sujeito, no recorte da saúde social e no reflexo escolar através do adoecimento precoce de jovens e crianças, têm seu efeito também na violência simbólica, isto é, nas práticas de constrangimento e exclusão veladas, tendo em vista que muitas acontecem de formas sutis e institucionalizadas. Isso, na escola, manifesta-se no autoritarismo, na indiferença, na discriminação, no produtivismo estudantil, em barreiras burocráticas para solucionar problemas. Em termos de precarização da escola pública, outra manifestação de violência simbólica ocorre nas pichações, nos furtos, no abandono de laboratórios, bibliotecas e quadras esportivas, que representa um sucateamento da estrutura pela não valorização do patrimônio público. No outro extremo da violência, alunos e professores mencionam situações de brigas, xingamentos, empurrões, desrespeito e bullying em sala de aula, fatos que atrapalham bastante o processo de ensino-aprendizagem e acabam caindo na banalidade e normalidade pelo recuo generalizado da não cooperação, de maneira a não interromper o ciclo vicioso das formas de violência. Mais uma vez o jovem do ensino médio da rede pública aparece entre os vulneráveis, quando por certo existe uma descrença quase total na juventude das comunidades, o estigma da marginalização do jovem negro, agravado quando o próprio não acredita mais em si mesmo. Nesse ritmo, a empregabilidade torna-se mais essencial para esse jovem em um

---

<sup>45</sup> Dados publicados em dezembro de 2020 na revista científica *Psychological Medicine* da Cambridge University Press, pelo Instituto de Psiquiatria (IPQ) da Faculdade de Medicina de São Paulo (USP), entre os anos de 2008 a 2018.

sistema de cancelamento, de poder continuar o processo repetitivo da ideologia e, com sorte, sair da extrema pobreza para se incluir na classe trabalhadora.

Pode-se dizer que a predominância de um sistema de ensino neoliberal concorre para destinar a formação educacional em “recursos humanos”. Trata-se, portanto, de futuros operadores que prestam serviços com sua força de trabalho de diversas formas, reduzindo o sujeito humano ao trabalho produtor de valor de troca (MÉSZÁROS, 1981). Nesse ritmo, contemporaneamente, no plano do Mal-estar, as patologias sociais de tal realidade representam o nível mais alarmante do processo de coisificação e instrumentalização do saber e da vida, geralmente lado a lado com a sensação de insegurança e pânico naturalizada. Novamente os jovens parecem mais sensíveis a esse fenômeno moderno, pela necessidade de reconhecimento, de identificação e de experiência de liberdade inevitáveis, que são muitas vezes vivenciadas e descobertas no âmbito escolar, ambiente em que direção, coordenação e professores ficam frustrados e impotentes perante a falta de recursos e a complexidade da vida psicossocial, uma busca angustiante que pode desaguar de maneira trágica, se mal compreendida. Não precisamos ir longe, o número de ataques brutais e homicídios nas escolas públicas, privadas, creches e universidades só aumentaram nos últimos anos, segundo o mapeamento da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A banalidade do mal se confunde com as necropolíticas, deixando os protocolos às cegas em situações de extremismo (FREUD, 1997).

Como podemos ver, certas condições culturais e políticas agravam a sensação de Mal-estar, oriundas das tensões que a cultura civilizacional da atualidade produz nos corpos e mentes. O vazio chega com a ausência da experiência vital da dimensão subjetiva, da instância do “eu”. Talvez na escola, esse Mal-estar incompreendido, proveniente de uma cultura já adoecida, fica até perdido com esse novo intraduzível; por isso as soluções devem ser pensadas por outra ordem, com muito diálogo e com abertura às mudanças. De outro modo, quando não atendidas, continuarão a ser percebidas no comportamento impróprio, na falta de interesse, na rebeldia, nas práticas de violência, na postura excessivamente narcisista, na origem de transtornos, e infelizmente, com mais ataques brutais nas escolas. São alguns sintomas agudos que devem ser avaliados a partir da implicação do discurso capitalista no campo educacional, não apenas em sua complexidade geral, mas naquilo que constitui e alimenta o quadro desse fenômeno prematuro, principalmente em um ambiente que

propõe um ideal de partilhas para um bom desenvolvimento humano, mas torna-se utópico ao continuar no âmbito invisível e no silêncio (CASTRO, 2004).

Podemos observar, nos últimos anos, que houve um aumento na tendência sobre o uso de metodologia empresarial de gestão nas políticas educacionais, algo que sinaliza como a educação se transformou em um serviço prestado ao mundo econômico. Dada a crescente incorporação desses valores às categorias econômicas, o ideal igualitário e humanista foi invertido, admitindo-se pensar o sujeito como um recurso humano, e não mais como pessoa humana (LAVAL, 2004). Assim, sem dúvidas, muitos professores e professoras acabam participando menos das decisões nas escolas e conhecendo pouco a realidade da comunidade, até por ficar congestionado em atividades burocráticas e exaustivas, ou por cobrança nos índices de aprendizagem e avaliação. O próprio modo sutil de cerceamento do seu trabalho afasta o engajamento.

Diante disso, o questionamento passa para outro ângulo de interesse, sobre a real abertura das escolas às questões igualitárias, a ruptura dos modos disciplinares e conteudistas de ensino, como também, para mais abertura de espaços de convivência e maior tempo para as práticas extracurriculares. Sobretudo, percebe-se o adoecimento precoce de crianças e jovens dentro das escolas, pois independente da razão ou da natureza do sofrimento, ainda assim denota-se uma parcela desse discurso capitalista no cerne do sofrimento psíquico vivido por essas crianças e jovens (SAFATLE, 2021). Ou seja, a pressão pelo sucesso escolar, a angústia sobre a escolha profissional, as dificuldades de aprendizagem, a tensão de uma rotina acelerada de estudos, o medo do fracasso e a decepção familiar são alguns sentimentos que acompanham os jovens. Enquanto na outra ponta das classes sociais, o estudante de escola pública vive a dupla jornada de trabalho e estudo sem ter garantias reais de oportunidades, sofrendo o preconceito de classe, cor, gênero, credo, “orientação” sexual e bullyings variados. Sem confiança e sentido chega até as drogas, a fuga de casa, a gravidez precoce, a automutilação e o suicídio. Situações de sofrimento psíquico que são ampliadas pela lógica neoliberal que influenciam muitas escolas com seu discurso capitalista, na estratégia de esconder o interesse de padronizar massivamente os sujeitos (CÁSSIO; HADDAD, 2019).

Sobre os efeitos desse sofrimento psíquico em jovens, eles podem variar de intensidade e sintomas, em uma observação ampla (DALGALARRONDO, 2018), o estado de ansiedade e agonia retrata o sintoma da vida nua da sociedade, a transformação da vida humana em objeto, da escassez cultural e intolerância, regulada

por diversos dispositivos de poder. O sofrimento biopsicossocial na contemporaneidade ocorre através da própria dinâmica civilizacional que acentua e radicaliza a dominação dos corpos (FREUD, 1997). Por conseguinte, a relação de confiança e segurança nas instituições centrais da sociedade sofre graves abalos, dentre eles o rompimento com o velho modelo de família, de trabalho, de sexo e linguagem, deixando o sujeito à deriva, sem uma alternativa aparente, ou pior, em processos de identificação fragmentados e voláteis. Na escola, talvez, isso seja mais percebido dado à necessidade de manter figuras de autoridade (representações paternas), na adoção de uma psicologia moral para adaptar os desajustados, na medicalização precoce, no disciplinamento e na ausência de atitudes reflexivas. Por isso, o *mestre capital* funciona como um regulador das dinâmicas nas instituições e um reproduzidor das estruturas ideológicas (ALTHUSSER, 2000).

Podemos dizer que com os avanços da neurociência, buscamos entender os fenômenos mente-cérebro, porém eles estacionam na bioquímica e em dados estatísticos para instrumentalizar seus estudos (DALGALARRANDO, 2018), visto que o mercado visa aparelhar os resultados para traduzi-los em um formato operacional de controle das massas. A preocupação exagerada com o empírico e com o processamento estatístico de informação pretende construir leis e teorias específicas para associar os prognósticos de condutas sociais e decifrar as intenções latentes. Neste caso, a produção de conhecimento no âmbito das ciências humanas fica dependente de dados coletados, reduzindo a pesquisa à verificação de hipóteses e explicações casuísticas. Disto resulta uma gama de conceitos psicológicos voltada à análise de dados fixos e estáveis, o que contribui para lentamente excluir a importância da subjetividade nas investigações, além do fato de estabelecer padrões fixos de comportamento para dados estatísticos que não representam as condutas reais e complexas das pessoas (DALGALARRANDO, 2018).

No tocante às novas formas de tratamento dos sintomas, às transformações na configuração familiar, às novas relações estabelecidas no mundo do trabalho, como também ao novo perfil de produção e circulação das mercadorias no capitalismo global, elas podem representar uma ruptura e refletirem as forças sociais e militantes que pulsam por voz no tempo presente, impondo-se tanto no eixo da cultura como nos espaços urbanos. Essas são pensadas em termos de dissolução da modernidade, por oposição à aceleração do tempo que sustenta a alienação e na domesticação da natureza. O freio nasce geralmente no Mal-estar, e como nunca antes, acompanha o sujeito deprimido, o ansioso e o estressado. No caos das metrópoles, tenciona conflitos de

guerra e paz até confeccionar novas doenças e emergências clínicas. A teoria dos discursos é, nesse sentido, um caminho para refletir e inspirar novas respostas a essa totalidade de fenômeno que está relacionada ao processo de reconfiguração do vínculo social, posto que a psicanálise poderia fornecer uma mudança de perspectiva (LACAN, 1968/2008).

Tudo isso fotografa o presente enquanto educação interessada na formação acelerada para injetar novos capitais humanos na ocupação dos postos de trabalho. E, no futuro, continuará contribuindo para o isolamento e para um sujeito esvaziado, algo que favorece a passividade social e a falta de engajamento político. Contudo, a esperança em uma educação crítica ainda torna-se um norte para renovar os processos instaurados pelo discurso capitalista e para desenvolver um ensino mais humano às futuras gerações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no contexto da crise do capital é apresentada aqui a partir do encontro da psicanálise com o marxismo, no qual a reflexão propôs considerar o discurso capitalista a partir da construção teórica de Jacques Lacan, como meio de avançar nas soluções dos impasses sociais e políticos que tangem a educação. Com esse recorte, nossa hipótese central se debruçou sobre o estudo dos impactos desse discurso na educação atual para evidenciar as mudanças sofridas na instituição escolar, em especial a perda de práticas reflexivas na escola e a aflição vivenciada por jovens diante das incertezas econômicas e sociais, ou mesmo da pressão pelo sucesso escolar, como consequência de uma transformação profunda na educação com a chegada do neoliberalismo nas últimas décadas. Utilizamos como complementação à base da questão, o aporte de Louis Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado para evidenciar as estruturas enrijecidas que produzem e reproduzem uma contínua realidade desigual, violenta, competitiva e sem esperança, vindo, assim, a denotar uma condição de existência fragmentada, que, por sua vez, vai reformulando o ensino formal e o sentido de educar. Na obra *O triunfo da religião* (1974), Lacan afirma que: “(...) é preciso de fato certa educação para que os homens consigam se suportar”, ou seja, ele alerta sobre os movimentos corrosivos dos laços sociais, pois nem sempre são pacíficos e conciliadores, mas verdadeiros aprisionamentos pela relação de força que impõem às circunstâncias, assim parece que a educação surge como meio de sociabilidade em comum e possível.

Esta dissertação afirma que a linguagem tem efeitos sobre o sujeito ao estabelecer agendamentos e produzir processos que podem determinar a vivência e as relações sociais. Entretanto, a linguagem, no formato da lógica neoliberal, se torna um problema nas condições de experiência e de existência, ao invés de uma saída. O sujeito, ao se relacionar com os outros, segundo Jacques Lacan (1969/70), carece que esse outro gere sentido e autentique aquilo que precisa ser representado. Por isso todo discurso parte da relação com o outro, no âmbito de um encontro intrínseco à própria constituição do sujeito. O discurso capitalista articula o poder e a ordem em muitas áreas da vida, principalmente nos moldes da satisfação e do mercado, tanto que Freud (1930) já assinalava que o segredo da economia política residia na capacidade de operar a economia libidinal. Mas, além disso, torna-se um discurso dominante também porque na modernidade faz atuação junto da ciência e com a ideologia, imprimindo sentidos,

condicionamentos, reforços, estímulos e formas de “treinamento” da mente que massificam a subjetividade.

A relação entre a psicanálise e o marxismo, apreendida por Louis Althusser, permite fazer uma reflexão sobre o desenvolvimento da modernidade e o desenrolar que vem talhando o sujeito no domínio da reprodução dos meios de produção, para onde Lacan incluirá a atualidade do discurso capitalista. A Teoria dos Discursos em Lacan localiza em nossa modernidade os antecedentes que denunciam a força do discurso capitalista, quando no passado as figuras do senhor e do escravo condicionavam a engenharia social e mental, no efeito de internalizar a realidade por leis, por ordem natural ou por discursos deterministas. Não obstante, atualmente parece que não saímos do passado, a cultura científica e política neoliberal assumem a posição de senhor, fazendo do saber técnico do escravo mais uma ferramenta de espoliação, como uma alienação extramuros da realidade concreta, quer dizer, oferecendo ilusões para remediar o desamparo e a exploração. De maneira geral, o conceito de materialismo histórico-dialético de Marx é tomado de empréstimo por Lacan para esclarecer, analiticamente, a relação dos fenômenos políticos e socioculturais que ficam enredados ao sujeito e tornam-se um impasse sobre as demandas psicossociais que se multiplicam na atualidade. Assim, assumindo pontos de convergência entre marxismo e psicanálise, quando o campo da materialidade histórica é adicionado à concepção de laço social da linguagem, é possível destacar que um fenômeno tomado de forma individual sendo compartilhado e integrado a grupos ou instituições pode ser encarado também como sintoma social (LACAN, 1956).

Com as contribuições de Louis Althusser, quanto ao retorno da tradição marxista e da busca por reiterar o papel científico da psicanálise, por onde nasce uma possível junção entre ambas, desenvolvemos uma discussão sobre os aspectos de reprodução e produção da “cultura” capitalista na escola, a fim de apontar também uma explicação psicanalítica para o contorno hegemônico que a política neoliberal ganhou nas últimas décadas no Brasil, e como isso foram um fator decisivo para a precarização das escolas públicas, a ênfase no ensino profissional e o enriquecimento do setor privado. Para tanto, as referências teóricas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado articularam a equação real do papel da educação como garantidora dos processos de alinhamento social. Refletir sobre as formações ideológicas que adentram as instituições escolares faz com que também possamos identificar dispositivos de poder embutidos na sociedade, dos quais podemos inferir que o discurso capitalista foi um dos diferentes

níveis de práticas políticas que visam construir formas de pensamentos, ou seja, gerir comportamentos e a vida humana, condizente com as regulações impostas.

Então, podemos afirmar a partir desse estudo que as dificuldades sentidas na realidade educacional brasileira têm implicações com os interesses capitalistas, no sentido, de uma ordem política sustentar uma possível ideia de mascarar a apreensão do real. O processo democrático é ameaçado quando o discurso capitalista influencia a legislação da educação, as decisões orçamentárias e os projetos formativos que vêm a representar um retrocesso pedagógico. Isso significa que neste contexto neoliberal, as escolas, sobretudo as profissionais, acabam se tornando um local de formação acelerada para injetar novos capitais humanos na ocupação de novos postos de trabalho. Os males dessa tal situação são o isolamento e um sujeito esvaziado, favorecendo a passividade social e a falta de engajamento político. Entretanto, podemos encontrar uma possível saída a partir de uma educação crítica que se torne um norte para renovar os processos instaurados pelo discurso capitalista e para desenvolver um ensino mais humano, sobretudo para as futuras gerações.

Sobre a investigação do modelo atual de ensino no contexto da crise do capital, concluiu-se, através da pesquisa de campo realizada na Escola de Ensino Médio Professora Eudes Veras, que o poder capitalista desenvolveu uma mercantilização da educação através de discursos com princípios econômicos de eficiência, flexibilidade e competitividade. Por isso a necessidade de sinalizar a possibilidade de identificar as finalidades educativas e os saberes exigidos para viver em sociedade. É importante notar que o processo educativo consiste em um dos modos de atuação de discurso capitalista, a partir das interferências das organizações políticas internacionais e agências econômicas (OCDE, FMI e Banco Mundial) nas instituições públicas de ensino. Dessa forma, a aprendizagem não tem como foco amenizar os problemas sociais e democratizar o ensino, pois se torna um processo fordista-taylorista-toyotista de formação acelerada de massa de trabalhadores multifuncionais para o mercado.

Sobre a coleta de dados da pesquisa de campo, utilizamos como metodologia a *entrevista semiestruturada*, escolhendo como *público alvo* os alunos do ensino médio das escolas públicas do Estado do Ceará, da região de Fortaleza e zonas metropolitanas. A pesquisa contou com uma *amostra por conveniência*, composta por 126 respostas, onde o critério de inclusão foi ser aluno do ensino médio da rede pública do Estado do Ceará, especificamente, de Fortaleza ou região metropolitana, de forma que, o critério de exclusão foi ser aluno sem acesso à internet. A pesquisa de campo foi



realizada durante o período da pandemia da COVID-19, entre abril e maio de 2020. Em razão desse fato, optamos por recorrer às ferramentas digitais do *Google* Formulário para fazer a coleta de dados e observar as primeiras apurações, utilizando como fonte o Questionário de Saúde Geral (GSG-12) para fazer o trabalho de estática descritiva. A respeito dos aspectos éticos para a pesquisa com seres humanos, destacamos que foram respeitadas as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, abaixo destacamos nossos achados:

**a) *Interpretação dos resultados:*** Dentro da entrevista destacamos quatro perguntas objetivas que representam, sinteticamente, o aspecto do sofrimento psíquico do sujeito que vem a tangenciar o nosso objeto de estudo central.

As duas primeiras perguntas faziam o seguinte questionamento: “Você já percebeu alguma exigência para ter sucesso profissional na vida e na escola?”. Das 126 respostas, 25,4% assinalaram como opção a alternativa B, dizendo: “Não percebo. Penso que essa exigência para ter sucesso é algo que acontece individualmente (...)”. Também 24,6 % dos alunos assinalaram o item D, que afirmava: “Sim, mas acho natural. Esse é o meu dever enquanto estudante, manter minhas obrigações na escola para ter bons resultados (...)”. Interpretamos que houve um empate técnico sobre a percepção estudantil a respeito das exigências de sucesso, em que a maioria não considera necessariamente tal exigência negativa. A terceira pergunta fazia a seguinte indagação: “Você já percebeu suas mudanças de comportamento na escola por conta das exigências de um futuro de sucesso?”. Cerca de 39,7% responderam a opção A, que tinha como afirmativa: “Não, pois sou bem tranquilo em relação a isso. Não me deixo influenciar por situações que venham a desenvolver inseguranças”. Também houve outro item muito marcado, a opção B com 34,9 %, que dizia: “Notei apenas em alguns momentos. Quando precisava recuperar minha pontuação e não consegui a nota esperada”. Novamente percebemos um embate técnico diante da proximidade dos percentuais apurados. Aqui, também, a maioria dos alunos não considerou a mudança de comportamento relevante para indicar algo relativo a um fenômeno da ordem do discurso capitalista como fator de influência ou sofrimento psíquico.

Os outros dois questionamentos eram: “Você acredita que o mundo social e a política interferem nas regras para a educação?”; 44,4% marcaram sim. Na sequência, a outra pergunta também destaca o mesmo viés: “Você acredita que a política e o mundo social influenciam na sua escolha profissional?”; 25,4% marcaram sim. Essas porcentagens já indicam uma noção sobre a realidade que os cerca, mostrando que estão

atentos ao contexto e as suas consequências, contudo não significa uma noção crítica e reflexiva capaz de conduzir a mudanças ou diminuir seus efeitos no cotidiano escolar.

*b) Generalização dos resultados:* Partindo dos dados coletados das quatro perguntas objetivas acima, podemos fazer aqui uma generalização provisória do trabalho de campo. Sobre o aspecto da presença do discurso capitalista na escola através da percepção dos estudantes, notamos **que muitos alunos não reconhecem ou não sabem identificá-lo em seu cotidiano escolar, sem “perceber” a atuação de determinadas práticas psicossociais nos moldes neoliberais na escola e nem seus danos.** No entanto, tomando com referências as outras duas perguntas da entrevista citadas acima, que contém uma boa porcentagem assinalada sobre tal percepção. Nela podemos ainda inferir sobre os efeitos danosos vivenciados pelos jovens sobre o impacto do discurso capitalista na escola, ou seja, da hipótese observada ainda poder ser consistente. As opções tinham o objetivo de sondar uma situação de mal-estar na escola como evidência real das consequências do discurso capitalista. Assim, perguntar sobre determinadas vivências na escola geram angústia, ansiedade ou melancolia, no que diz respeito às aspirações da vida estudantil, podem sim levar a crer em um quadro emocional e de saúde mental preocupante. **Dessa maneira, concluímos que os estudantes demonstram e apresentam um sofrimento psíquico acerca da realidade questionada durante a Entrevista Semiestruturada sobre a escola, mesmo não tendo uma tomada de consciência ampla do poder das estruturas ideológicas sobre os sujeitos.** Não obstante, apesar dessa conclusão, ainda é preciso destacar a necessidade de aprofundar essa “descrição estatística” sobre a correlação entre o discurso capitalista na escola e o mal-estar dos jovens.

Por isso, é preciso aprofundar ainda mais os resultados coletados para trazer indicativos seguros sobre a ordem capitalista dentro da escola. Não obstante, reiteramos a conclusão sobre a possibilidade de relação do discurso capitalista com fatores que levam ao sentimento de angústia vivenciado por estudantes, assim como, também é o responsável pela transformação da escola nos tempos atuais.

Finalizamos afirmando que os estudos psicanalíticos apontam para um sofrimento psíquico do sujeito contemporâneo em face da presença predominante do capitalismo na cultura. Nesse âmbito, a escola atual surge como um dos espaços sociais mais sensíveis desse fenômeno político e econômico, gerando um debate sobre os riscos e rumos em torno das finalidades da educação no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2000.
- ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CÁSSIO, Fernando; HADDAD, Sérgio. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CASTRO, Ramón Peña. Escola e Mercado: a escola face à institucionalização do desemprego e da precariedade na sociedade colocada ao serviço da economia. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 79-92, jan./jun. 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 27 ed. São Paulo: Editora Brasilense, 1988.
- DARDOT, Pierre de; LAVAL, Christian. **La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale**. La Découverte, 2010.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3 ed. Artmed, 2018.
- DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil em muros**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. 1914. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.12.
- FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias à psicanálise (1930-1936)**. Obras completas. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010/1933.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização (1930)**. Rio de Janeiro: Imago, Ed. 1997.
- FLICK, Uwe. Entrevista episódica. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- GALLO, Sílvio. Subjetividade, ideologia e educação. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v.16, n. 2.9, p.133 -152, jan./jun. 1998.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan – V. I: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KELLE, Vladislav; KOVALZON, M. **O materialismo histórico**: Ensino sobre a teoria da marxista da sociedade. Editora, Lisboa, 1976.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1964.

LACAN, Jacques. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. O Seminário Livro 11: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. (Originalmente publicado em 1953-54).

LACAN, Jacques. **Para além do imaginário, o simbólico ou do pequeno ao grande outro (1954/1955)**. O Seminário livro 2: O EU na teoria de Freud e a Técnica da psicanálise. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **A relação de objetos (1955-1956)**. O Seminário 4: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **A ciência e a verdade (1966)**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Originalmente publicado em 1957-58).

LACAN, Jacques. **O saber do psicanalista**. Seminário (1971-1972). Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2001.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003. (Originalmente publicado em 1964/1974).

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 10. A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Originalmente publicado em 1962-63).

LACAN, Jacques. **A instância da letra no inconsciente (1957)**. *In*. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 23. O sintoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 16. De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Originalmente publicado em 1968-69).

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. (Originalmente publicado em 1954-55).

- LACAN, Jacques. **O avesso da psicanálise (1969-1970)**. O seminário, 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mana Luiza M. de Carvalho e Silva, Londrina: Editora Planta, 2004.
- LUCÁKS, Georg. **História e consciência de classe**: estudo sobre a dialética marxista. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MAX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital. 26 ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2008.
- MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. 1888.
- MAURANO, Denise. **A transferência**: uma viagem rumo ao continente negro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- MÉSZÁROS, István. **Marx**: a teoria da alienação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranóia e melancolia. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.
- QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Coleção Psicanálise passo a passo. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zarah Editor, 2012.
- ROSA, Harmut. **Aceleração**. A transformação das estruturas temporais na modernidade. 1 ed. Editora Unesp, 2019.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França**: A batalha dos cem anos. v. 2: 1925-1985. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

SANTOS, Deribaldo; MENDES, José Ernandi; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. Educação Profissional: Crítica à implantação do projeto ensino médio integrado do Estado do Ceará. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 189-205, set./dez., 2016.

SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Folha Explica, 2007.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *In*: SAFATLE, Vladimir; DASILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teoria da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 4 ed., 2009.

SÈVE, Lucien. **Marxismo e a teoria da personalidade**. v. 1. São Paulo: Livros Horizontes Universitário, 1979.

SMART, Barry. **Sociologia, fenomenologia e análise marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SOUZA, Aurélio. **Os discursos na psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria marxista de educação**. Lisboa: Estampa, 1976.

VIDAL, P. E. V. Marx não sem Lacan. *In*: MARIANI, Bethania; Vanise Medeiros; DELA-SILVA, Silmara. **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Tradução Maria Luiza X. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### QUESTIONÁRIO

#### **1) Você pretende fazer o Enem e ingressar numa universidade?**

- a) Ainda não, prefiro fazer um curso técnico que é mais rápido e logo garantir um bom emprego. Depois penso a respeito.
- b) Sim, porém não tenho certeza da minha escolha. Fico ansioso quanto a isso me atrapalhar futuramente.
- c) Não penso em fazer. Existem fatores familiares e sociais que me impedem de optar por esse caminho. Assim pretendo só terminar o ensino médio.
- d) Sim, já escolhi o curso para o vestibular. Com o Enem posso até conquistar uma vaga nas universidades públicas ou uma bolsa em uma faculdade particular.
- e) Sim, pretendo fazer o Enem e já tenho uma ideia do curso que quero concorrer. Apesar das dificuldades e algumas dúvidas, não vou desistir.

#### **2) Sobre suas afinidades e aptidões na escolha profissional, marque o item que se identifica.**

- a) Ainda não descobri. Mesmo conversando com amigos, familiares e professores, continuo na dúvida, pois me identifico com várias áreas. Descobri que poderia buscar ajuda profissional para resolver esse dilema.
- b) Descobri minhas aptidões convivendo com minha familiar, amigos e até frequentando a Igreja. Tenho referências e exemplos de carreiras para escolher. Vou seguir os mesmos passos deles.
- c) Descobri minhas afinidades em vários lugares, no círculo de amizades, na família, na escola e no meu bairro. Dessas experiências conheci meus talentos e pretendo aperfeiçoá-los como uma profissão.
- d) Permaneço na dúvida. Acredito que vivendo experiências positivas e com maturidade, posso fazer uma escolha segura adiante. Estou confiante nessa estratégia.
- e) Ainda não descobri minha vocação e não tenho muito interesse por isso. Pois, na verdade a realidade social não favorece a todos nem cria oportunidades. Realizar minhas habilidades ainda parece um sonho distante. Quem sabe um dia.

**3) Em relação as suas expectativas sobre sua escolha profissional, marque um item.**

- a) Na verdade, boa parte das minhas motivações são financeiras. Quero ter uma profissão para ganhar bem. Pretendo ajudar minha família e melhorar de vida.
- b) Acredito que terei sucesso porque tenho grande interesse nessas áreas. Minha motivação vai me ajudar a superar qualquer obstáculo, pois sei que eles fazem parte da vida.
- c) Não tenho grandes motivações, às vezes, acho até interessante trabalhar nisso ou naquilo que aconselham. Mas percebo que a família e o meio social me cobram logo para fazer uma escolher profissão, e isso me incomoda.
- d) Minhas expectativas são boas, apesar da incerteza se quero trabalhar na área. Às vezes, penso ser uma escolha muito profunda e séria para um jovem a ter certeza absoluta de fazê-la.
- e) Prefiro não pensar nessa questão agora. Acredito que é melhor viver outra experiência primeiro para decidir depois. Estou organizando minha ideia para ficar preparado para os erros e acertos.

**4) Como é ser um aluno do ensino médio diante dessa experiência de escolher uma carreira. Assinale a alternativa que melhor lhe representa.**

- a) Muitas vezes a pressão por bons resultados na escola é cansativa. Fico preocupado com meu sucesso profissional ao notar esse desgaste. Entretanto, é parte da minha responsabilidade entender.
- b) Às vezes, a ansiedade aumenta na véspera das provas ou no resultado do boletim. Pois compreendi que muitas coisas em minha vida dependem disso, até mesmo, para meus familiares. Então é difícil falhar.
- c) Algumas vezes, diante dos resultados da escola tive mudanças de humor. Na época não entendia o que estava acontecendo comigo, pois tudo sempre foi tranquilo. Pouco tempo depois aquela sensação passava.
- d) Em poucos momentos percebi essa preocupação e tensão dentro de mim. Tenho outras atividades fora da escola e acredito que isso me ajuda a esquecer. Pensar na profissão não me aflige.
- e) Na verdade, poucas atividades na escola me deixaram preocupado, pois sempre tive uma atitude “contestadora” e talvez por isso a escolha profissional não é um problema para mim.



**5) Você já percebeu alguma exigência social para o seu sucesso na vida e na escola?**

a) Não percebo tanto. Às vezes, existem situações que sentimos essa pressão na escola e na família para obtermos só bons resultados, nessas horas pedi mais compreensão. Conversei com meus pais e também na escola sobre o assunto. Depois entendi que isso é parte integrante da vida e sem educação não há oportunidades.

b) Não percebo. Penso que essa exigência para ter sucesso na vida e na escola é algo que acontece individualmente. Cada um sente da sua maneira e na sua proporção, ou até mesmo, nem chega a sentir.

c) Sim, percebo às vezes. Quando acontece por parte dos professores ou colegas de sala com bullying sobre as notas. Principalmente, na comparação entre o nosso desempenho com o sucesso ou fracasso na vida. Essa situação é irritante, mas aprendi que só através da educação temos uma saída.

d) Sim, mas acho tal situação natural. Esse é o meu dever enquanto estudante, manter minhas obrigações na escola para obter bons resultados e assim ter sucesso na vida. Pois esse é o caminho para a gente realizar os nossos sonhos. Tudo começa com a educação.

e) Sim, acho até exagerado as exigências. Na verdade, esse é o meu dever enquanto estudante, manter minhas obrigações, dar bons resultados e ter sucesso na vida. Porém, tudo isso, às vezes é desgastante e parece sem sentido. Mas continuarei cumprindo minhas responsabilidades porque sei que tudo passa pela educação.

**6) Você já observou suas mudanças de comportamento na escola por conta das exigências de um futuro de sucesso?**

a) Não, pois, sou bem tranquilo em relação a isso. Não me deixo influenciar por situações venham a desenvolver insegurança ou medo de ser julgado pela inteligência. Acho que conquistar um bom trabalho dependem do seu esforço e da finalização dos estudos no ensino médio.

b) Notei apenas em alguns momentos. Quando precisava recuperar minha pontuação e não consegui a nota esperada, mesmo estudando. Fiquei chateado e sem entender, achando que já não tinha mais condições e capacidade de ser aprovado. Lembro-me que senti tristeza, desânimo e com vergonha de contar aos meus pais.

c) Já observei essas reações repetidas vezes. Principalmente, em véspera de provas, resultados de trabalho ou atividades em grupo, pois me preocupo com minha aprovação e a

opinião dos outros. Mesmo estando na média, tenho aquela sensação de ansiedade e medo, que vem com suor frio, palpitação e tremor. Minha família e amigos sabem dessas reações.

d) Já observei, mas consigo manter o controle da situação. Pois diante das cobranças por boas notas geralmente fico irritado e impaciente, desisto logo da atividade que tenho dificuldade. Ao tentar pela segunda, peço ajuda para finalizar a atividade, pois sei que não posso desistir novamente. Já dormi pouco antes das provas, ficando inquieto e inseguro antes de fazê-la.

**7) Você acredita que o mundo social e a política interferem nas regras para a educação?**

a) Não acredito, por mais que parece o contrário. Não vejo mudanças na minha realidade de vida, ao contrário, tudo continua na mesma. A escola é sucateada, o posto não tem médico e os ônibus são lotados. Já o mundo social só influencia pessoas com pouca consciência e que acreditam em qualquer promessa.

b) Sim acredito, pois, já notei mudanças que vieram de lutas e reivindicações da sociedade, como as Creches e Escolas de Tempo Integral. Uma estratégia política para oferecer as famílias mais oportunidades. O mundo social reflete os problemas da sociedade, por isso, as escolas precisam formar pessoas humanas para o mundo ser mais humano.

c) Não acredito, pois, não são permitidas a interferência de políticos ou partidos políticos em escolas. Seria uma forma de ganhar votos e manter sempre o mesmo poder. O mundo social interfere na vida das pessoas pela influência das *fake news* e da corrupção que desvia o dinheiro público.

d) Sim acredito, pois, existem Leis que regulamenta a educação, como a obrigatoriedade de merenda escolar. Fato que independe do partido político ou da pessoa, a Lei é maior. O mundo social revela as dificuldades invisíveis para maioria, como a fome no nosso país. Muitas crianças só fazem refeições porque frequentam as escolas.

e) Em parte existe interferência. A política e economia regulam nossas vidas como uma mão invisível, mas por outro lado, também temos independência para fazer nossas escolhas. Da mesma forma na educação, decisões políticas no ensino podem mudar nossas vidas, porém, a reflexão crítica ajuda a diminuir essas interferências em nossas vidas.

**8) Você acredita que a política e mundo social influenciam na sua escolha profissional?**

- a) Sim acredito, pois, minha área de afinidade está valorizada e tem bons salários. Isso significa que ela tem importância no mundo social, necessitando a todo momento de mais profissionais formados. Ter essa noção me ajudou a escolher com segurança essa área de atuação e evitar o desemprego.
- b) Sim acredito, pois, mudei minha opção de curso depois de pesquisar na internet, na conversa com pais e amigos sobre o assunto. Assim, esse contato social me orientou a fazer minha escolha, mostrando o futuro do meu trabalho. A política e a economia sempre interferem no salário mínimo, isso define o quanto posso ganhar no futuro.
- c) Não acredito, pois até o momento continuo na dúvida para escolher minha profissão, mesmo falando a respeito com meus familiares, colegas e professores. Desse modo, a política e a economia pouco interferem em minha vida, pois não notei mudança ou melhoria na minha família e no bairro.
- d) Não acredito, pois, a escolha profissional deve partir do interesse individual e pessoal de cada um, não do meio externo. Quando o sujeito descobre suas aptidões, basta ele ter força de vontade para conquista o sucesso profissional e um bom salário. Isso independe do social, da economia e da política.
- e) Não sei, pois, ainda estou descobrindo meus talentos e interesses. Penso que minhas relações sociais já me influenciaram em outros momentos. Porém, consigo perceber o que é melhor para mim, sem deixar o contexto me afetar tanto. Então prefiro continuar pensando a respeito para futuramente fazer as escolhas.

**9) Refletindo ainda mais sobre seu comportamento diante das expectativas do sucesso profissional e das dificuldades na escola, marque um item abaixo.**

- a) Diante das minhas dúvidas e inseguranças já apresentei: episódios de tristeza, ansiedade, alteração no apetite e insônia. Fato que percebi durante as provas finais.
- b) Diante das minhas dificuldades já criei várias estratégias: ficar acordado até tarde na véspera da prova tomando café ou pó de guaraná, pensei como levar “pescas” para prova, busquei atestado para faltar a prova e fazer segunda chamada. Depois, notei que adiava minhas responsabilidades, por isso tinha aquele sentimento de culpa.
- c) Diante das minhas dúvidas e insegurança ouvi músicas para buscar me entender, deixei de lado os problemas e fui atrás dos amigos, assisti um filme/vídeo para me motivar, pesquisei sobre o assunto e me interessei pela religião. No fim, tudo isso me ajudou.

d) Diante das minhas dificuldades já usei álcool e drogas para tentar esquecer alguns problemas, mesmo sabendo que isso não resolveria. Penso que as pessoas precisam ser livres para revolver seus problemas, e às vezes, acho que a vida não tem muito sentido para mim.

e) Diante das minhas inseguranças e dificuldades já apresentei uma sensação muito forte de medo, tive pensamentos negativos e de inferioridade, sem vontade de sair de casa ou da cama, até já pensei em coisas piores para solucionar minhas questões. Não consigo desabafar com todos. Sei que não estou bem.

**10) Pensando em uma saída para essas questões, escolha um item.**

a) Depois de observar algo de errado comigo, contaria para meus pais e buscaria ajuda de um psicólogo.

b) Com certeza buscaria ajuda profissional, mas ficaria com vergonha de me abrir com os meus pais.

c) Primeiro buscaria ajuda na internet. Depois com alguém da família para ter atendimento psicológico. Porém teria medo e vergonha de falar com os outros, em razão, do bullying que geralmente acontece com as pessoas que sofrem daquilo que estou passando.

d) Primeiro contaria ao meu amigo mais íntimo. De acordo com a conversa, faria as mudanças. Não sei se falaria da questão com meus pais, pois acho que não entenderiam.

e) Acho que continuaria no silêncio, pensando sozinho numa alternativa. Não contaria aos meus pais, pois também é um problema que envolve a família, assim não sei como reagiriam.

f) Provavelmente teria muitas dúvidas do que fazer. Talvez buscaria ajuda sozinho, pois não confio tanto nos amigos para dividir, nem acho que eles resolveriam. Só no devido tempo contaria a minha mãe ou ao meu pai (ou outro parente próximo de confiança).

**11) Em relação a pergunta n° 5 dessa atividade, o que você gostaria de acrescentar. O que faltou nas alternativas para melhor você entender a si mesmo?**

**12) Fale da sua relação com os estudos e da expectativa para o seu futuro profissional, o que você gostaria de destacar?**

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezada Diretor (a) Escolar,

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “A educação no contexto da crise do capital: uma análise a partir da ideia de discurso em Jacques Lacan”. A referida investigação objetiva compreender, como os discursos capitalista impactam na saúde mental dos estudantes de ensino médio da rede pública do Estado do Ceará.

Essa pesquisa poderá ampliar a compreensão sobre o crescimento atual das diversas situações de violência na escola e vulnerabilidade psíquica que os jovens apresentam em sala de aula. Nesse sentido, estudar a educação nos moldes e interesse do capital é observar seus reflexos no desenvolvimento psíquicos dos estudantes do ensino médio.

Nossa metodologia envolve um questionário de 12 perguntas semiestruturadas sobre a vida estudantil e suas perspectivas de futuro, que são direcionadas aos alunos do ensino médio, independente da idade, do sexo, da raça e da religião. Ela será realizada através da ferramenta tecnológica do *Google* Formulário, onde os alunos terão acesso através de um link durante a aula de filosofia. Assim, nosso objetivo é observar as informações relativas à pesquisa para fazer uma descrição a respeito do problema investigado.

Com tais informações, gostaríamos de solicitar a sua autorização para que possamos realizar as observações necessárias à pesquisa e a aplicação do questionário no *Google Formulário* com os estudantes. Caso aceite, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará com a senhora e a outra com a pesquisadora.

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações pertinentes à pesquisa pelo telefone (85) 3366.8344.

Fortaleza, 10 de Março de 2020.

Nome da professora: \_\_\_\_\_

Assinatura da professora: \_\_\_\_\_

## ANEXO A – A PESQUISA DE CAMPO

### 1 – A PESQUISA DE CAMPO:

A presente pesquisa de campo enseja estudar os fenômenos políticos e educativos que atravessam o sujeito contemporâneo a partir da presença do discurso capitalista nas escolas atuais, no sentido de observar uma possibilidade de correlação entre o sofrimento psíquico de jovens do ensino médio da rede pública do Estado do Ceará a partir da presença do discurso capitalista nas escolas.

No que se refere à descrição inicial do nosso objeto de estudo e metodologia, partimos da observação de *dados coletados* a partir de um *questionário semiestruturado*, sendo como *público alvo* os alunos do ensino médio de escolas públicas do Estado do Ceará, da cidade de Fortaleza e região metropolitana, onde foi realizado através da ferramenta tecnológica do *Google Formulário*, no período de abril a maio de 2020. Seus resultados podem ter implicações em nível de Estado ou de levantamento para uma tendência nacional.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, transversal e correlacional, com uma abordagem *qualitativa-quantitativa*. A pesquisa utilizou uma amostra por conveniência (não probabilística) com 126 participantes, onde o critério de inclusão foi ser aluno do ensino médio da rede pública do Estado do Ceará, especificamente, de Fortaleza ou região metropolitana, sem distinção de idade, sexo, raça e religião. De forma que, o critério de exclusão foi ser aluno sem acesso à internet. Nossos instrumentos para a coleta de dados quantitativos foram o questionário e os gráficos setoriais, como também, a observação não participante de grupo focal para dados qualitativos. O questionário estava dividido em 12 perguntas sobre a vida estudantil e suas perspectivas de futuro, de modo que as dez primeiras perguntas foram objetivas e as duas últimas subjetivas e complementares.

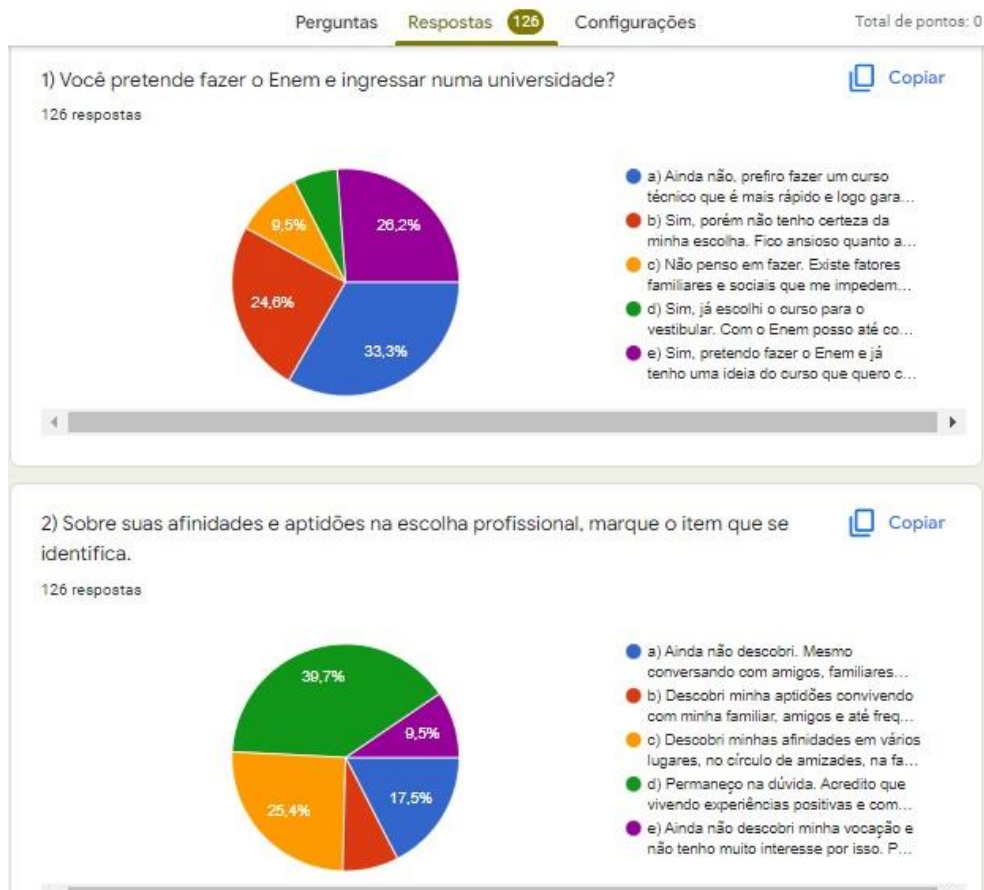
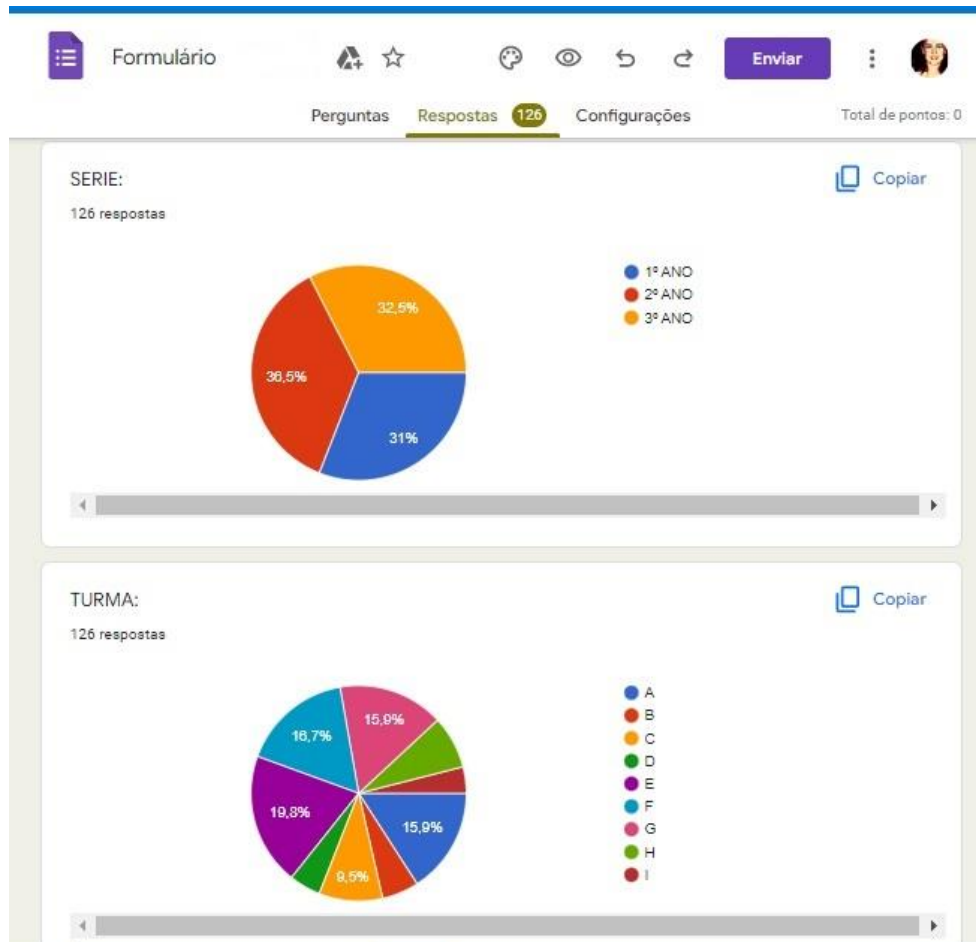
Como parte dos instrumentos, utilizamos o Questionário de Saúde Geral (QSG-12), para a interpretação dos dados e gráficos do *Google Forms*, que são válidos no Brasil para rastreamento de transtornos mentais comuns, através do Professor da Universidade Federal da Paraíba Valdiney Veloso Gouveia. Consideramos assim, como referência para filtrar os dados as maiores porcentagens dos resultados para observar uma tendência de comportamento e um parâmetro inicial. Destacamos que 39,7% dos entrevistados não percebiam uma correlação entre discurso capitalista e a saúde mental,

quer dizer, não identificavam a presença do discurso capitalista e suas implicações na saúde mental dentro da escola. Mas, em contrapartida, 34,9% confirmaram que em alguns momentos notaram suas mudanças de comportamento diante das exigências de um futuro de sucesso na escola, assim como, 44,4% dos estudantes confirmaram ter consciência da influência da política na educação. Sobre esses dados, precisamos ainda continuar aprofundando os resultados da pesquisa e entender as contradições para esclarecer a hipótese da pesquisa.

Nesse sentido, o Questionário teve o objetivo de observar as reações, sentimentos e emoções sobre situações vivenciadas na escola que venham a desencadear sofrimento psíquico, especificamente, aquelas que possuem relação com o modelo de gestão capitalista na instituição escolar. Assim, buscamos aqui estabelecer uma análise *descritiva dos dados estatísticos* para estudar a possibilidade de uma correlação da hipótese da pesquisa. Por isso, apresentamos os resultados tanto em termos de porcentagem e diagramas, como também, na transcrição de respostas específicas dos alunos em duas perguntas abertas. Justificamos assim, que a nossa pesquisa quantitativa, como o termo assevera, buscou quantificar, medir e examinar informações ou opiniões, traduzindo esse conjunto de elementos nos formatos de porcentagem e em dados estatísticos de maneira a indicar uma média ou tendência, muito aplicada em amostragens ou investigação sobre motivações, estilos de vida, novos produtos, dentre outros (FLICK, 2002).

Sobre os aspectos éticos para a pesquisa envolvendo seres humanos, consideramos as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, para desenvolver um bom trabalho de pesquisa.

Ressaltamos que a escolha de tal metodologia na pesquisa de campo tem o objetivo de fornecer informações para ampliar as condições de discussão sobre os rumos da educação atual, como também alertar para o quadro emocional em que muitos jovens estão mergulhando em face ao contexto mercadológico da educação.

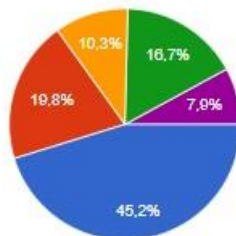




3) Em relação as suas expectativas sobre sua escolha profissional, marque um item.

[Copiar](#)

126 respostas

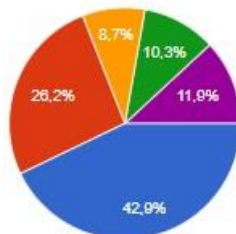


- a) Na verdade, boa parte das minhas motivações são financeiras. Quero ter...
- b) Acredito que terei sucesso porque tenho grande interesse nessas área...
- c) Não tenho grandes motivações, às vezes, acho até interessante trabalhar...
- d) Minhas expectativas são boas, apesar da incerteza se quero trabalha...
- e) Prefiro não pensar nessa questão agora. Acredito que é melhor viver out...

4) Como é ser um aluno do ensino médio diante dessa experiência de escolher uma carreira. Assinale a alternativa que melhor lhe representa.

[Copiar](#)

126 respostas

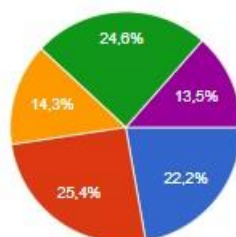


- a) Muitas vezes a pressão por bons resultados na escola é cansativa. Fico...
- b) Às vezes, a ansiedade aumenta na véspera das provas ou no resultado d...
- c) Algumas vezes, diante dos resultados da escola tive mudanças de humor. N...
- d) Em poucos momentos percebi essa preocupação e tensão dentro de mim...
- e) Na verdade, poucas atividades na escola me deixaram preocupado, pois...

5) Você já percebeu alguma exigência social para o seu sucesso na vida e na escola?

[Copiar](#)

126 respostas

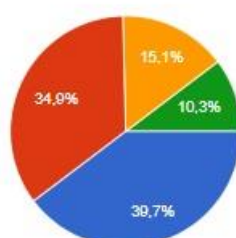


- a) Não percebo tanto. Às vezes, existem situações que sentimos essa pressão...
- b) Não percebo. Penso que essa exigência para ter sucesso na vida e ...
- c) Sim, percebo às vezes. Quando acontece por parte dos professores o...
- d) Sim, mas acho tal situação natural. Esse é o meu dever enquanto estuda...
- e) Sim, acho até exagerado as exigências. Na verdade, esse é o meu...

6) Você já observou suas mudanças de comportamento na escola por conta das exigências de um futuro de sucesso?

[Copiar](#)

126 respostas

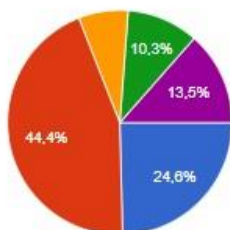


- a) Não, pois, sou bem tranquilo em relação a isso. Não me deixo influenciar por situações venham a desenvolver i...
- b) Notei apenas em alguns momentos. Quando precisava recuperar minha pontuação e não consegui a nota esp...
- c) Já observei essas reações repetidas vezes. Principalmente, em véspera de...
- d) Já observei, mas consigo manter o controle da situação. Pois diante das...
- e) Não observei nenhuma mudança de comportamento na escola por conta das exigências de um futuro de sucesso.

7) Você acredita que o mundo social e a política interferem nas regras para a educação?

[Copiar](#)

126 respostas

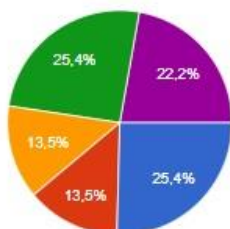


- a) Não acredito, por mais que parece o contrário. Não vejo mudanças na min...
- b) Sim acredito, pois, já notei mudanças que vieram de lutas e reivindicações d...
- c) Não acredito, pois, não é permitido a interferência de políticos ou partidos p...
- d) Sim acredito, pois, existem Leis que regulamento a educação, como a obri...
- e) Em parte existe interferência. A política e economia regula nossas vid...

8) Você acredita que a política e mundo social influenciam na sua escolha profissional

[Copiar](#)

126 respostas

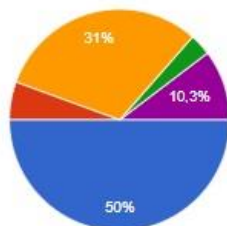


- a) Sim acredito, pois, minha área de afinidade está valorizada e tem bons...
- b) Sim acredito, pois, mudei minha opção de curso depois de pesquisar n...
- c) Não acredito, pois até o momento continuo na dúvida para escolher min...
- d) Não acredito, pois, a escolha profissional deve partir do interesse in...
- e) Não sei, pois, ainda estou descobrindo meus talentos e interess...

9) Refletindo ainda mais sobre seu comportamento diante das expectativas do sucesso profissional e das dificuldades na escola, marque um item abaixo.

[Copiar](#)

126 respostas

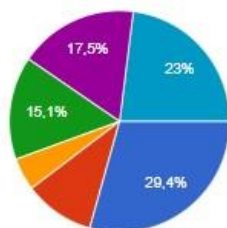


- a) Diante das minhas dúvidas e inseguranças já apresentei: episódios...
- b) Diante das minhas dificuldades já criei várias estratégias: ficar acordado...
- c) Diante das minhas dúvidas e insegurança ouvi músicas para busca...
- d) Diante das minhas dificuldades já usei álcool e drogas para tentar esque...
- e) Diante das minhas insegurança e dificuldades já apresentei uma sensap...

10) Pensando em uma saída para essas questões, escolha um item.

[Copiar](#)

126 respostas



- a) Depois de observar algo de errado comigo, contaria para meus pais e bu...
- b) Com certeza buscaria ajuda profissional, mas ficaria com vergonh...
- c) Primeiro buscaria ajuda na internet. Depois com alguém de família para te...
- d) Primeiro contaria ao meu amigo mais íntimo. De acordo com a conversa, far...
- e) Acho que continuaria no silêncio, p...
- f) Provavelmente teria muitas dúvidas...

## 2 - Abaixo as respostas das duas perguntas abertas

11) Em relação a pergunta nº 5 dessa pesquisa, o que você gostaria de acrescentar? O que faltou nas alternativas para você entender melhor a si mesmo? (79 respostas de 126 entrevistados).

(RESPOSTA 1): Nada

(RESPOSTA 2): Nada

(RESPOSTA 3): Não faltou nada

(RESPOSTA 4): O medo é extremamente grande de não saber se sou capaz.

(RESPOSTA 4): Não

(RESPOSTA 5): Estudar pra conseguir um emprego bom pois sem conhecimento não vai a lugar algum

(RESPOSTA 6): Amadurece mais um pouco

(RESPOSTA 7): Não faltou nada

(RESPOSTA 8): ....

(RESPOSTA 9): Bom Nao Faltou Muita Coisa Mais Acho Que Podia Melhora Varias coisas

(RESPOSTA 10): Nada a declarar

(RESPOSTA 11): Nada, concordo plenamente com o item que marquei

(RESPOSTA 12): Acho que não faltou nada

(RESPOSTA 13): Um pouquinho de motivação ali e aqui, faz com que a pessoa venha acreditar em si mesmo e se destacar na área que sempre gostou de fazer!

(RESPOSTA 14): Nada tudo ok

(RESPOSTA 15): Quando temos dificuldade financeira sentimos essa pressão. E buscamos nos aperfeiçoar.

(RESPOSTA 16): Não gostaria de acrescentar nada.

(RESPOSTA 17): Em relação a escolher a minha faculdade o meu curso eu conversaria com meus pais e pediria a opinião deles

(RESPOSTA 18): Por mim a alternativa que marquei me representa quase perfeitamente.

(RESPOSTA 19): Sim, as vezes as exigências são tantas que parece que se vc não fizer faculdade você não vai ser nada na vida.

(RESPOSTA 20): Eu acho que não faltou nada, a alternativa que eu marquei me representou bastante.

(RESPOSTA 21): Tudo tranquilo

(RESPOSTA 22): Não lá já diz tudo

(RESPOSTA 23): Acho que o que marquei já diz tudo (EU) por completo.

(RESPOSTA 24): Acho que por meio de tudo que acontece todos querem que vc seja algo mais o melhor de todos e isso é irritante ,pois nem todos são iguais...

(RESPOSTA 25): Não sei

(RESPOSTA 26): Nada, tudo o eu preciso esta na alternativa que marquei.

(RESPOSTA 27): Nada não!

(RESPOSTA 28): Nao

(RESPOSTA 29): Sim a pressão grande da escola nós alunos

(RESPOSTA 30): Nada isso já foi o suficiente

(RESPOSTA 31): Como estudante sei das minha obrigações e deveres, mas acho que não precisamos de exigências e sim de ajuda para até mesmo evoluir bem, para conseguir um futuro melhor.

(RESPOSTA 32): N

(RESPOSTA 33): Não faltou nada

(RESPOSTA 34): Nada, Entendi Tudo Bem Entendido.

(RESPOSTA 35): Que muitas vezes, por sofrer tal pressão, acaba que saindo fora de controle, você busca tentativas de se manter bem, porem por conta de exigências, você fica meio perdido, mas fora isso. Tudo bem

(RESPOSTA 36): NN acrescentaria + ND

(RESPOSTA 37): Eu acho q nd

(RESPOSTA 38):Achei as alternativas bem completas e deu para esclarecer tudo.

(RESPOSTA 39): Nada a acrescentar

(RESPOSTA 40): eu acho que a alternativa que eu marquei já diz tudo, tudo é questão de estudar e ter responsabilidade.

(RESPOSTA 41): Não gostaria de acrescentar nada, as perguntas foram bastante precisas para eu me entender.

(RESPOSTA 42): Professor, para mim não precisa acrescentar nada.

(RESPOSTA 43): As vezes acho que o melhor não é pensar no que a sociedade quer ou pensam, apenas quero ajudar a minha família, e só a opinião deles importam.

(RESPOSTA 44): Não faltou nada, minha resposta já é essa.

(RESPOSTA 45): Nada.

(RESPOSTA 46): Não faltou nada, está completo

(RESPOSTA 47): Por mim nada o item que marquei já complementa tudo.

(RESPOSTA 48): Já tá bom assim mesmo

(RESPOSTA 49): Exigir mais dos alunos

(RESPOSTA 50): Não quero acrescentar nada

(RESPOSTA 51): Olha, eu tenho um sonho ninguém tira esse sonho meu sonho é criticado por muitas pessoas sabe, minha mãe é uma de várias mães e pais por ae, e parti para o mundo dos games. Sabe mas se esse meu sonho não der certo eu tentaria parti para educador físico.

(RESPOSTA 52): N sei....

(RESPOSTA 53): Tá tudo ok!

(RESPOSTA 54): Nenhuma, pois todos da minha base familiar, ja sabem qual profissão eu quero ter.

(RESPOSTA 55): .

(RESPOSTA 56): Bom eu concordo com a alternativa q eu escolhi ,cada um pensa da maneira diferente,

(RESPOSTA 57): A questão da falta de apoio ao jovem, que, muitas vezes, não pretende ingressar em uma faculdade.

(RESPOSTA 58): Conhecer os meus próprios gostos, ter um bom relacionamento comigo mesmo e saber me valorizar

(RESPOSTA 59): Pra mim não faltou mais nada

(RESPOSTA 60): Absolutamente nada.

(RESPOSTA 61): Que as vezes a família de um estudante, quer que ele siga uma profissão muito boa financeiramente, pois seus pais não conseguiriam ingressar em tal profissão !

(RESPOSTA 62): Acho que não faltou nada pois, a alternativa que marquei, compreende muito bem o meu pensamento a respeito das exigências sociais para obter sucesso futuramente.

(RESPOSTA 63): Estava tudo ok

(RESPOSTA 64): Não acrescentaria nada.

(RESPOSTA 65): Não

(RESPOSTA 66): Ff

(RESPOSTA 67): faltou nada, acho que quase tudo que eu colocaria ja esta aqui.

(RESPOSTA 68): Acho que pensar mais , e n exigir de mim muito

(RESPOSTA 69): nn sei

(RESPOSTA 70): Não entendi é q eu sou burra

(RESPOSTA 71): Entendi tudo .

(RESPOSTA 72): Não gostaria de acrescentar nada

(RESPOSTA 73): Nada para acrescentar

(RESPOSTA 74): Faltou nada não

(RESPOSTA 75): Os pais as vezes estão vagabundalizando verbalmente seus filhos dizendo que eles passam maior parte do tempo fazendo nada e isso impede de certa forma uma intimidade maior por conta da pressão imposta criando uma barreira enorme entre pais e filhos

(RESPOSTA 76): Que deveriam tentar entender o jeito q cada aluno sente em relação a pressão da escola da família e da vida pois estamos entrando na vida adulta e n é facil pois cada um tem um problema diferente

(RESPOSTA 77): A resposta está tudo nos conformes

(RESPOSTA 78): Achei as perguntas muito bem explicada

(RESPOSTA 79): Acho que não tem mais nada que posso acrescentar

**12) Fale da sua relação com os estudos e da expectativa para o seu futuro profissional, o que você gostaria de destacar? (108 respostas de 126 entrevistados).**

(RESPOSTA 1): Nada

(RESPOSTA 2): Sinto ansiedade com esse assunto, tenho uma expectativa enorme.

(RESPOSTA 3): Não sei oq vou ser no futuro mais quero estudar pra ter alguma profissão boa

(RESPOSTA 4): minha relação com estudo tá sendo muito baixo é eu tô na luta pra meu futuro

(RESPOSTA 5): Expectativa é arrumar um futuro é correr atrás dele.

(RESPOSTA 6): Eu tenho a expectativa muito alto em relação a profissão que eu quero realizar

(RESPOSTA 7):.....

(RESPOSTA 8): Gostaria Que Os Estudos Falasse Mais Um Pouco Sobre Varia Profissão Que Gostaríamos De Ser

(RESPOSTA 9):....

(RESPOSTA 10): Bom , sou uma menina interessada, mais perdi o foco por causa da pandemia , mais pretendo fazer faculdade e trabalhar na área da medicina

(RESPOSTA 11): Bom não estou muito ligada nos estudos, pois faço tantas coisas no dia que quando chega a noite e o horário da aula, na maioria das vzs eu estou dormindo. Mas agora como chegou final do ano, já estou bem preocupada pois minhas notas não estão ao meu agrado.

(RESPOSTA 12): Eu me considero bastante uma pessoa estudiosa, sempre que posso eu procuro aprender algo novo, e isso é inerente ao que escolhi como profissão. Eu quero ser professor porque sinto prazer em ensinar o que aprendi, fazer refletirem sobre algo que nem sabiam da existência ou, se sabia, era pouco.

(RESPOSTA 13): Bom minha relação aos estudos é boa, por que para mim os estudos abrem portas. É minha expectativa para meu futuro profissional, acho que ainda está um pouco cedo para falar sobre ela, ainda sou muito jovem só irei falar sobre isso qnd estiver no 3° Ano

(RESPOSTA 14): O apoio de algumas pessoas

(RESPOSTA 15): Pretendo terminar meu último ano do ensino médio e poder arrumar um emprego decente, então estou focando nos estudos pra alcançar minhas meta !

(RESPOSTA 16):.....

(RESPOSTA 17): Estudar,estudar e estudar

(RESPOSTA 18): Com tudo isso que vem acontecendo nós últimos meses, não sei bem o que quero, mas sei que quero algo pra futuro, porém, isso se conflita com toda a indisposição que venho tendo.

(RESPOSTA 19): Tenho me dedicado bastante e me cobro muito, não fico conformado com notas baixas pois sei que eu consigo mais.

(RESPOSTA 20): Minha relação com os estudos é boa,apesar de as vezes ter pensamentos negativos.

(RESPOSTA 21): Eu não sei ainda

(RESPOSTA 22): O meus estudos ta indo ne nunca desista do seus sonhos

(RESPOSTA 23): Que eu não tenho muita certeza do que fazer. Estou deixando a vida me levar.

(RESPOSTA 24): Gostaria de destacar que nem sempre vou conseguir o que quero, mas vou ter que tentar, pois quem tenta tem uma chance de conseguir o que quer. E já que eu quero ter um futuro bom eu vou tentar, mas nunca desistir. Caso se for grave

a situação talvez procuro ajuda em o que for, naquela coisa mais simples que me deixa bem, sem se preocupar com estudos. Quando eu precisar ter um tempo só pra mim, terei. Mas claro, ainda com as idéias na mente.

(RESPOSTA 25): Eu gosto mais da área da matemática, então procurei algo que talvez seja minha profissão, que é na área da engenharia. O caminho pode ser difícil? Sim, sem dúvidas. Mas as vezes sou ambiciosa até conseguir. E se possível, vou tentar ser ambiciosa nessa área que tenho interesse

(RESPOSTA 26): No momento tô fazendo o possível para acabar o ensino médio, em breve trabalhar na área de maquiadora profissional, enquanto estudo para o vestibular e em 2022 ingressar em uma faculdade de veterinária.

(RESPOSTA 27): Em relação aos estudos eu só quero melhorar mais e mais. Agora ao meu futuro profissional confesso que sinto medo, ainda não planejei nada, mas espero que tudo dê certo.

(RESPOSTA 28): Sempre me esforço para conseguir boas notas e participo das atividades. Desejo que minha vida profissional seja bem sucedida. Gostaria de destacar que o que importa para o nosso sucesso futuro é força de vontade e determinação, sem isso qualquer situação adversa pode nós abalar.

(RESPOSTA 29): A pressão dos pais, amigos e professores podem prejudicar o consciente de um aluno, por ele se sentir muito pressionado...por um lado é ruim mas por outro posso me aperfeiçoar

(RESPOSTA 30): Sempre gostei de estudar mesmo quando eu ficava com pensamentos negativo, eu ficava vou lê um livro ou outra coisa. E sobre meu futuro eu vou conseguir conquistar oque eu quero ser.

(RESPOSTA 31): Minha relação com os estudos ta distante comparado ao começo desse ano pois arranjei um emprego e é pra fazer essas atividades/perguntas tenho que ter tempo....

(RESPOSTA 32): Minha expectativa não pensei muito no caso

(RESPOSTA 33): No momento é ganhar o máximo de dinheiro e ajudar a minha família

(RESPOSTA 34): No momento, estou um pouco sem tempo para estudar muitas tarefas de casa e cuidar do meu bebê, eu gostaria de terminar meus estudos e encontra um trabalho para poder sustentar eu e meu filho.

(RESPOSTA 35): Não sei

(RESPOSTA 36): Estudar mais para ter o futuro melhor.



(RESPOSTA 37): Nada!

(RESPOSTA 38): Minha relação com os estudos é bem normal, eu sempre procuro esta em dias com as matérias minha expectativa pro futuro é sim conseguir um emprego bom e que melhor eu me identifique.

(RESPOSTA 39): Meu empenho e mas ou menos

(RESPOSTA 40): Mas sei que vou seguir meu sonho

(RESPOSTA 41): Quero muito ser veterinária mais com essa pandemia não está fácil.

(RESPOSTA 42): No presente quero melhorar mais as minhas notas, para no futuro tornar possível o que desejo.

(RESPOSTA 43): Sempre tive boas notas mas por ser meu último ano, ter aulas on-line e várias outras pequenas coisas Minhas notas caíram ou não consegui fazer, o que me atrapalha muito pois o enem já está chegando e não me sinto segura quanto a nota que vou tirar já que não estudei de forma satisfatória. Sem contar que estou indecisa no que vou fazer ou se minhas opções são as melhores

(RESPOSTA 44): Acho que vou fazer 1 ano de cursinho antes de entrar na faculdade, talvez me sinta mais segura e já tenha em mente a minha escolha

(RESPOSTA 45): Minhas expectativas são muitas e desejo cumprir todas mais por conta do que estamos passando nos dias de hoje algumas dela não serão compridas , Pretendo cumprir todas então não irei destacar nada

(RESPOSTA 46): Só quero terminar os estudos ter um bom trabalho para melhorar de vida.

(RESPOSTA 47): Muitas coisas

(RESPOSTA 48): Nada

(RESPOSTA 49): Eu gostaria de melhorar bastante e me esforçar mas .

(RESPOSTA 50): Eu sou levado pela motivação, normalmente a presença de alguém numa área que penso buscar, me motiva ainda mais buscar aquilo. Imaginei algo muito diferente neste ano, tanto de mim mesmo, quanto pelo ensino e informação, no qual me faria ter certeza pra buscar conhecimento na área em que penso, ou nas áreas pq tenho dúvidas ainda. Infelizmente o ensino não me favoreceu pra área em que eu almejava( engenharia mecatrônica ou qual quer área relacionada a tecnologia), mesmo tendo oportunidades, este ano não favoreceu nem um pouco. Acho q não terei uma boa nota no Enem por conta do meu pouco esforço e desmotivação, mas ainda me alegra o fato de eu tentar arranjar um pequeno emprego e buscar devagarzinho o meu sonho,

buscando fazer cursos pagando com meu próprio dinheiro e alcançando de pouquinho e pouquinho minha meta, mesmo q o Enem facilitaria bem mais rápido esse meu sonho

(RESPOSTA 51): No estudo estou tentando ir bem e se ficar difícil tentarei também buscar ajuda para melhorar e evoluir, o futuro profissional ainda estou tentando entra em alguma área não sei ainda.

(RESPOSTA 52): N

(RESPOSTA 53): Não tenho nada a falar

(RESPOSTA 54): Tenho Muitas Coisas Para Frente, Daqui Pra Lá Vou Mim Destacando E Tendo Muitas Experiência No Que Eu Vou Querere Daqui Pra Frente.

(RESPOSTA 55): Minha relação com meus estudos são bons, tenho bom desenvolvimento e para meu futuro profissional, eu ainda estou a ver e decidir melhor, já tenho base do que quero, mas gosto de pensar em algo a mais, não tenho nd a destacar.

(RESPOSTA 56): Sei lá

(RESPOSTA 57): Nei sei oq escreve.

(RESPOSTA 58): Tento me dedicar, melhorar o meu desempenho... Pretendo estar trabalhando na área em que eu escolhi.

(RESPOSTA 59): Assisto maior parte das aulas e ainda estou pensando no futuro

(RESPOSTA 60): Muito desmotivada no momento para falar sobre.

(RESPOSTA 61): sobre os meus estudos, pretendo concluir todas as atividades e passar de ano. quanto ao meu futuro profissional, eu pretendo fazer um curso técnico, me especializar e ter meu emprego com um bom salário.

(RESPOSTA 62): Minha relação com os estudos não tem sido muito boa e sobre o meu futuro profissional eu ainda estou em dúvida sobre o que quero fazer.

(RESPOSTA 63): Professor assim, sempre nas aulas presenciais me destacava, só que com essa pandemia e esses estudos a distância, não tem funcionado muito bem para mim, não tenho ânimo de fazer atividades, agora nos últimos bimestres estou, tentando participar, já sobre o meu futuro, gostaria ingressar numa faculdade pública, entrar num curso legal que me indentifico, arranjar um estágio na área, e quem sabe futuramente tentar fazer outros curso, antes eu tinha um objetivo, já até sabia a área que eu queria mas com o passar dos tempos fui conhecendo novas áreas e me apaixonando por elas, mais estou indeciso porque tem muitas áreas legais.

(RESPOSTA 64): Nessa pandemia , admito que não tô ligando tanto para os estudos, mas quando vejo que tô com nota baixa em alguma matéria, tento fazer de tudo

para ficar mendo na média, para não ficar em recuperação, porque quero termina meus estudos para eu cursar medicina veterinária.

(RESPOSTA 65): Sou bom em poucas matérias , mais nao significa que sou ruim em outras , não penso em fazer Enem apenas fazer um curso técnico e conseguir um bom rendimento pra ajudar minha família e melhor minha vida.

(RESPOSTA 66): Eu só quero ter uma vida na qual eu consiga suprir todas as minhas necessidades, sem essa de querer ser rico. Mas se for pra ter muito dinheiro que seja pra ajudar as pessoas que precisam e ajudar também os animais!

(RESPOSTA 67): Eu ainda tenho muitas dúvidas sobre o meu futuro, mas acho que com o tempo isso vai mudando e minha mente vai se abrindo.

(RESPOSTA 68): Minha relação com meus estudos são ótimos sou um tipo de aluna que só ganha notas boas, que ama estudar e tenho muita força de vontade e responsabilidade com tudo que faço seja ao estudo ou na vida social. Bom minhas expectativas para a minha profissão escolhida é de passar na faculdade de direito no exame da (OAB) exercer um pouco de advocacia ter meu escritório, depois estudar muito pra um concurso para se tornar uma delegada Federal trabalhar conseguir realizar todos meus sonhos e ajudar meus pais, irmãos ,sobrinhos e aqueles que mais necessitam.

(RESPOSTA 69): Quero mudar, estudar mesmo tendo agora dificuldades

(RESPOSTA 70): Eu ando muito focado nos estudos para que no futuro tenho um emprego bom.

(RESPOSTA 71): Olha minha relação com o estudo er bastante intrigante kkkk, mas gosto de estudar sim, a Escola eu sinto saudades de mais de vcs professores dos colega.

(RESPOSTA 72): Meu futuro eu não sei bem oq desejo ser penso er várias coisas, não estou pronto pra dizer oq quero para o futuro.

(RESPOSTA 73): Querro realizar meu sonho ... que é cantar... poreo nada a ver com estudos... mais tbm vou estudar né

(RESPOSTA 74): Minha relação com os estudo não é lá essas coisas,mas tento o máximo!Me pesa muito na consciência passar esse ano,porque é o último,mas tá dando tudo certo.

(RESPOSTA 75): Sobre o futuro profissional não sei ainda o que quero/gosto de fazer,mas com o tempo creio que vai dar certo.

(RESPOSTA 76): Esta indo bem.

(RESPOSTA 77): Gostaria de me dedicar aos estudos e na minha vida profissional adiante, uma profissão já admirável desde minha infância

(RESPOSTA 78): .

(RESPOSTA 79): Quero poder terminar meus estudos para exercer um cargo na qual eu gosto muito e me identifico bastante que é a área da saúde e poder dar um futuro melhor para me, minha mãe e futuramente meus filhos

(RESPOSTA 80): Eu me esforço muito, pra poder tirar notas boas, sempre fui uma aluna exemplar, claro tenho meus medos, minhas dúvidas, penso em trabalhar em um canto que eu goste primeiramente que eu me sinta bem

(RESPOSTA 81): Gosto de estudar e ter conhecimento em diversos assuntos e matérias. Ir à escola, estudar, fazer provas, nunca foi uma obrigação para mim. Para meu futuro, desejo ingressar em uma faculdade e cursar algo relacionado à saúde para trabalhar nessa área.

(RESPOSTA 82): Eu sempre dou o meu melhor para garantir uma profissão boa no futuro, mas ainda tenho que manter a mente calma pra não sair da "humildade"

(RESPOSTA 83): Por enquanto nada

(RESPOSTA 84): Eu quero ser médica, e minha relação com os estudos não é muito boa

(RESPOSTA 85): Sempre faço de tudo pra sair perfeito, seja atividade ou trabalho até mesmo apresentação. acredito que grandes oportunidades vou conseguir com minha sabedoria.

(RESPOSTA 86): Sinceramente ainda não encontrei uma profissão que quero seguir, acho que preciso de mais tempo pra descobrir coisas novas !

(RESPOSTA 87): Minha relação com os estudos são boas pois sempre me esforcem, e, mesmo com a pandemia não desanimei e continuei focado nos estudos pois sei que somente com eles posso conseguir coisas boas futuramente, e acabar descobrindo alguma área profissional com que eu me identifique.

(RESPOSTA 88): Pretendo trabalhar em um lugar em que eu me sinta bem

(RESPOSTA 89): Minha relação com os estudos estão mais ou menos, estou tendo algumas dificuldades, mais estou fazendo o possível pra conseguir entregar tudo.

(RESPOSTA 90): Os estudos estão ajudando para o meu futuro profissional

(RESPOSTA 91): Ee Informatica

(RESPOSTA 92): minha relação com os estudos não é muito boa, mais me esforço muito e quero estudar muito para ser, PSICÓLOGA um grande sonho meu

(RESPOSTA 93): Pensamentos negativos, coisas que mim desmotive a crescer na vida. Eu acho que, na escola estou indo bem

(RESPOSTA 94): nn sei

(RESPOSTA 95): Meu caráter

(RESPOSTA 96): Não sei eu n faço a mínima ideia do q eu quero ser e quando eu vejo meu amigo falando q já sabe eu fico meio triste

(RESPOSTA 97): Bom , Meus Estudos É o que Vai Me Levar ao Sucesso mais Tarde , Então Eu Me esforço O Bastante E dou O Meu Melhor para Cada Vez está mais Perto . Tenho Muita Dificuldade em Algumas Matérias □ , Mais Sempre Dou Um Jeito para Melhor Respondê-las .

(RESPOSTA 98): E Muito Boa

(RESPOSTA 99): Eu gosto bastante de Estudar;Vou falar a verdade,tô detestando As Aulas Em PDF atrapalha Muito por conta de que eu não Consigo assistir Às Aulas Online.Preferia Estar indo pra escola eu gosto realmente,Caiu muito meu Rendimento das notas e estudos,as vezes ficava triste pelo fato de ir olhar minha Nota E tinha Tirado um 4.

(RESPOSTA 100): Mas Estou buscando melhorar.

(RESPOSTA 101): Meu Futuro Profissional,eu quero muito ser músico,sei que é uma coisa que tem como eu deixar de trabalhar com isso, tipo virar as costas,eu amo musica,mas eu vou Fazer O Enem E espero Passar,quero muito Fazer Arquitrtura,é uma Coisa Que Também como a musica eu não consigo largar.

(RESPOSTA 102): Pro meu Futuro terei que estudar muito me esforçar e por em prática tudo o que eu quero espero ter sucesso em minha área,vou estudar e colocar nas maos de Deus.

(RESPOSTA 103): Apenas o esforço e dedicação

(RESPOSTA 104): Minha relação com os estudos e mais ou menos porém pretendo estudar bastante a aprender muito!

(RESPOSTA 105): N sei ao crt ainda uq fazer no futuro, mas gosto muito da área de informática/computação e gostaria de seguir por essa área

(RESPOSTA 106): Ainda n sei bem oq eu vou escolher mas pretendo trabalhar em alguma area da medicina

(RESPOSTA 107): Meus estudos não estão indo bem , pelo contrário. Meu desejo eh ter outra oportunidade de ter aulas presencial

(RESPOSTA 108): Queria ter aproveitado mais o tempo na escola, mais creio que toda dedicação, toda minha luta, me dará um futuro lindo.